O SANTO DA MONTANHA

G. A. Falcão.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O SANTO DA MONTANHA

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — EDITOR
77 — Rua Augusta — 81

O SANTO DA MONTANHA

I

Consequencias da morte de um macho

Seis mezes antes de se abrir um céu que o leitor ha-de entrever em certas festas de Corpus-Christi em Braga, se eu conseguir bosquejal-as dignamente, espalharam-se prospectos da festividade por todo o reino.

Corria o anno de 1687.

A noticia alvoroçára as familias das provincias de norte e sul. Era um louvar a Deus ver o denodo com que de solares sertanejos de Traz-os-montes, por caminhos de cabras, desciam fidalgarrões, cabeças de copiosas tribus de meninas, sentadas sobre andilhas de cochins adamascados ou em liteiras ponderosas, cujos brazões iam dizendo a porção de sangue real de godos, seiva do venerando

tronco, de que tinham grelado as damas ou cavalleiros contheudas dentro, a cabecear de somno.

Ao lado d'estas morosas locomotivas perpassava ás vezes garboso e conhecido cavalleiro a trote ou a desapoderado galope do seu cavallo rinchão. Cortejava as damas com gentis ademans e soffreava as redeas para dar tempo a regalarem-se olhos nas formosas viandantes, cuja belleza a magestade silenciosa das montanhas realçava.

Na quebrada da serra do Marão, sobranceira á aldeia chamada Ovelhinha, aconteceu escorregar o macho de uma liteira, em que desciam, pallidos de susto, um velho e uma filha. Era o velho um nobilissimo descendente dos melhores Sampayos d'estes reinos. Chamava-se Lopo. Era o duodecimo quarto Lopo da sua geração. Morava no seu solar acastellado da villa de Anciães, quatro leguas distante de Moncorvo. Vejam d'onde tinha vindo ás festas de Braga tão egregio fidalgo com sua filha unica, a peregrina D. Mécia!

Era, pois, a liteira tombada o receptaculo ingrato de varão de tantas partes e de menina tão digna de ter nascido n'esta nossa idade, em que as formosas jornadeiam tão velozes, que nem sequer dão tempo de as requestarem ás estrellas da noute ou aos rouxinoes das florestas.

Lopo de Sampayo queixava-se de ter esnocado um joelho; e D. Mécia, como impassivel aos gemi-

dos exaggerados do pai, lastimava-se de ver feita farrapos uma hombreira refegada do corpete de setim côr de laranja.

Quem maiores gemidos espeitorava era o macho estirado, com os olhos postos no firmamento e um beiço arregaçado, que semelhava, no sorrir sarcastico, a expressão diabolica da raiva. Os liteireiros respondiam ao rir ou chorar do quadrupede com valentes couces, em que levavam a melhor ao seu irmão derribado.

D. Mécia, compadecida dos arrancos do bruto, supplicava:

— Deixem o animal, homens! Ajudem-no a levantar-se e não lhe batam! O' pai, veja que crueldade!..

Os liteireiros arcavam com o macho, repuchando-o pela cauda e orelhas. O moribundo, então, como envergonhado de morrer inulto, despediu os derradeiros couces aos jarretes de um seu verdugo, esfollou a dente a mão e braço do outro, impertigou-se no estertor final e morreu.

— Lá o levou o démo! — disse um liteireiro.

— E agora?! — perguntou o velho, esquecido já do joelho esnocado—Como ha-de ser isto? quem nos ha-de tirar d'aqui do Marão?

— Ai que medo! — exclamou D. Mécia—Não diga isso, pai!.. E se nos anoutece aqui! Virgem Maria!.. Nunca sahissemos de nossa casa!..

— Não chores, Mécia! — acudiu, ameigando-a, o velho — São duas horas da tarde; ainda ha tempo de ir um d'estes homens lá abaixo a Ovelhinha buscar bestas que nos levem até Amarante e lá se alugará outra liteira.

— O peior, fidalgo, — observou o liteireiro — é se não achamos cavalgaduras em Ovelhinha. Aquillo é terra de cabras e de ladrões!

— Ai! ladrões! — bradou a menina — E se os ladrões nos sahem por aqui!.. Jesus, que eu estarreço de medo!

— O lugar é azado! — resmuneou um dos arrieiros — O' meu amo, quer v. s.ª fazer das tripas coração e botar cá pr'a baixo co' corpo? Como diz lá o dictado, pr'a baixo todos os santos ajudam!

— A pé! — atalhou Lopo — Queres tu dizer, alarve, que vá eu a pé por esse pedrisco abaixo e mais minha filha, que assim que der dez passos tem os pés a escorrer sangue!.. Forte bestiaga! Deixa-me chegar a Anciães, que tu e teu amo heis-de ir malhar com os ossos na cadeia! Patifes! mandam-me n'um macho morto!..

— O macho sahiu vivo e de boa saude da mangedoura, fidalgo! — replicou o liteireiro — Pr'a morrer, como diz lá o outro, basta estar vivo. Meu amo tem tanta culpa como eu n'esta desgraça.

— Está bom; — interrompeu o outro arrieiro — palavras leva-as o vento. O macho está morto,

acabou-se: morreu no seu officio. Agora vamos ao que serve. Vai tu lá abaixo e traz seja o que for, ou burro, ou egua ou mula, que leve d'aqui os fidalgos, e é andar, que á meia volta faz-se noute, e depois os lobos por aqui são tantos com'á praga! Muda-te, Joaquim!

— Os lobos! — exclamou a fidalga em tremores — Ai! os lobos, meu pai!

Lopo de Sampayo achegou do peito a filha e disse-lhe com muito carinho:

— Terás tu forças que te levem a pé até áquella aldeia lá no fundo?

— Tenho, tenho! Antes quero lá chegar descalça e cheia de feridas que estar aqui a tremer de medo dos ladrões e dos lobos!

— Pois vamos lá com Deus, menina... Encosta-te ao meu braço.

Estavam já de marcha, quando assomaram na lomba do outeiro, que lhes ficava acima, dous cavalleiros.

— Ahi vem gente! — disse um criado.

— Serão ladrões?! — acudiu alvorotada a menina.

— Ágora são!—disseram os liteireiros—Teem ar de fidalgos...

— Parecem-no — conveio Lopo de Sampayo, examinando-os atravez da sua grande luneta emoldurada em prata—Mas não conheço estes moços...

Os cavalleiros, bem postos em seus ginetes, gentis de suas pessoas e revelando no donaire a prosapia que já de longe recende aromas de bom sangue, ao aproximarem-se do macho morto, soffrearam as bridas e pararam.

Um d'elles, voltando-se a Lopo de Sampayo, disse:

— Morreu de repente o macho?

O outro sorriu-se da pergunta, que era pouco menos de tola; e, antes que o velho respondesse, apeou, acercou-se d'elle com muita cortezia e disse:

— Se este desastre embaraça a jornada de vv. ss.as, como de certo embaraça, vamos ver como se póde, com o macho vivo e com os nossos cavallos, continuar a caminhada, até onde vv. ss.as possam alugar liteira.

— Beijo-lhe as mãos, cavalleiro — disse Lopo de Sampayo. — Nós iamos andando a pé, sabe Deus com que custo, até Ovelhinha.

— Ora, pois: — tornou o moço — nenhum d'estes cavallos póde ser apôsto aos varaes da liteira, porque a romperia a couces. O remedio é só um; vejamos: esta senhora sabe cavalgar?

— Não sabe — disse o pai. — Os arredores do meu solar são montanhas, que tornam impraticavel o exercicio da equitação.

— N'esse caso, — remediou o moço — v. s.a monta o meu cavallo, que é mansissimo e está affei-

to a conduzir senhoras. Sua filha... creio que é filha de v. s.ª esta menina...

— Sim, é, minha filha Mécia de Sampayo.

— Pois a snr.ª D. Mécia assenta-se no arção...

— Tenho medo... — atalhou ella.

— Não tenha o mais ligeiro susto, minha senhora: affirmo-lhe que não tem que receiar. Seu pai segura-a pela cintura, e verá que regular e firme andadura tem o cavallo.

— E v. s.ª vai a pé? —perguntou o velho. (*)

— Não, senhor. Ainda tenho duas cavalgaduras ás minhas ordens. Uma é o cavallo em que monta o meu amigo D. José de Noronha, porque sobre a anca podem ir mais duas pessoas.

— Isso podem! — disse D. José de Noronha, pregando duas sonoras palmadas na nedia anca do cavallo.

— E, se faltasse este recurso, — acrescentou o moço — ainda alli tinhamos um macho da liteira vivo. O sellim deve ser pouco flacido, mas não seria a primeira nem vigesima vez que eu tenho cavalgado sobre a espinha de mais descarnadas cavalgaduras.

(*) As *senhorias* que estes fidalgos mutuamente se liberalisavam de certo eram um abuso. As leis pragmaticas conceder-lhes-iam o *vossa mercê;* não obstante, devia de ser usual o lisongearem-se no tracto particular e a occultas dos fiscaes da lei, cujo rigor sómente fiscalisava e punia os tractamentos incompetentes nos papeis publicos.

— Isso é assim, Balthazar, — confirmou D. José — que eu já te vi correr ás carreiras no costado de uma vacca! És o diabo! Já o vi matar um porco bravo de cima de um cavallo á desfilada!

— Vamos a isto — disse Balthazar. — Queira v. s.ª subir, que eu seguro-lhe o estribo.

— Oh cavalleiro!.. — acudiu o velho fidalgo, recusando — Faça favor de largar o estribo, que eu, se podér dobrar este joelho esquerdo, montarei sósinho.

Um dos liteireiros queria pegar do estribo, porém o velho affastou-o, dizendo-lhe desabridamente:

— A honra que aquelle cavalheiro me queria fazer não póde ser serviço de um homem de tua casta. Arreda!

Lopo, baforada aquella fumaça de cortezania e soberba fidalga, poz um pé no estribo, mas o outro a custo o despegava da terra. Balthazar, com um gesto de quem apenas o ajudava a levantar-se, delicadamente o assentou na sella.

— Agora — disse elle — dá-me v. s.ª licença que eu lhe dê sua filha?

E, como o velho gesticulasse a geito de quem consentia e se agradava da urbana impetração da licença, Balthazar levantou D. Mécia pela cintura, como levantaria uma creança, assentou-a no arção, repuchou-lhe a orla caudata do vestido, sem seguir com os olhos o movimento das mãos, e affagou o

cavallo, parecendo que assim lhe estava recommendando extremos de sollicitude com a melindrosa carga, incluindo n'este melindre o velho por amor da filha.

Feito isto, Balthazar galgou á anca do cavallo de D. José de Noronha e disse, sentando-se como quem o fazia n'uma commoda poltrona:

— Nós vamos adiante.

Dados alguns passos, D. Mécia tinha perdido o medo, e ia maravilhada da bizarria d'aquelle homem, e como pasmada da firmeza e descuido em que o via, correndo a mão sobre o lustroso pêllo do cavallo.

— Saibamos agora — disse Lopo, assim que se convenceu da pacatez da cavalgadura — quem são os cavalheiros que a Providencia Divina me enviou em lance tão apertado. Um sei eu já que se chama o snr. D. José de Noronha; o outro sei tambem que é o snr. Balthazar.

— Pereira da Silva — ajuntou o moço.

— Nos appellidos — continuou o velho — estou reconhecendo e adivinhando linhagens das mais gradas das nossas provincias. Se não sou indiscreto, ouso perguntar a vv. ss.as as suas naturalidades.

— Responde tu, D. José, como homem que tem a primazia n'estas cousas de linhagens — disse Balthazar Pereira da Silva, avisando o amigo, que ia assobiando uma cantilena da moda.

D. José aperfilou o rosto e disse:

—Eu sou de Alijó, da comarca de Villa Real...

—Ah! — interrompeu o velho — de familia Gamboas?

—E' verdade: o meu nome é D. José de Noronha Gamboa e Tavora...

—Devia ajuntar «Vaz e Sampayo», porque tenho a honra de lhe dizer que é muito meu parente; e eu lhe dou a razão do meu dicto, esperando que a memoria me seja fiel. Meu oitavo avô, Lopo Peres de Sampayo, instituiu dous morgados, um para o primeiro filho, em que se continuou a descendencia dos senhores de Villa Flor, e outro no segundo filho, com o senhorio de Anciães e Villar da Castanheira, cujo representante sou. Lopo Vaz de Sampayo, meu quarto avô, casou com D. Leonor de Tavora. Lopo de Mello Sampayo, meu bis-avô, foi buscar a casa de v. s.ª minha bis-avó a snr.ª D. Maria de Noronha e Gamboa. Eis-aqui dous casamentos que prendem as nossas familias; e meu pai, a fim de que mais se atassem os vinculos de duas estremadas gerações, formou o terceiro enlace, casando com minha mãi a snr.ª D. Joanna Luiza de Tavora. Dito isto, meu primo, tenho a honra de lhe dar este titulo; e, assim que o permittir a occasião, consentirei alegremente que aperte a mão de

sua prima D. Mécia de Sampayo Tavora e Noronha Vaz e Mello.

D. José torceu-se sobre a sella, fitou os olhos na menina e disse com um sorriso boçal:

— Tenho uma guapa prima! De todas as que tenho é a mais bonita, que eu saiba! Parentas feias são tantas, que só por arte do diabo não irão todas ao céu! Faz agora dous annos que eu estive em Lisboa e vi por lá primas feias que não lhe sei dizer, primo! Disse-me minha mãi que arranjasse por lá noiva da nossa parentella; e eu, que já não tinha grande geito para marido, fiquei de todo! Eu já tenho dito aos meus amigos que, se querem perder a mania do casamento, vão a Lisboa procurar primas! Que diabos!

Lopo de Sampayo riu d'aquelles sacudidos dizeres. D. Mécia tambem desatou um sorriso, que lhe illuminou as faces pallidas. Balthazar cuidou que o rubor seria pejo de ouvir os dictos estabalhoados de D. José, e acotovellou-o primeira e segunda vez. Á terceira, o senhor de Alijó voltou a cabeça e disse:

— Que diabo estás tu a furar-me os lombos? Olha que me mettes um osso dentro! Se continúas, malho comtigo do cavallo abaixo sobre aquelles sargaços!

— Vê lá como fallas! — observou Balthazar a meia voz — Olha que vai alli uma menina.

— Então isso que tem? Ella vai alli e eu vou aqui.

— Saibamos agora — continuou Lopo, que não tinha ouvido o rapido dialogo — de que casa é o snr. Balthazar Pereira da Silva?

II

Balthazar

— Eu sou da casa das Olarias, de Ribeira de Penna — respondeu o moço.

— Sei, — apressou-se o velho — sei de fundamento o seu brazão. Os Pereiras da Silva, de Cabeceiras de Basto, estão ligados com a minha casa, desde que D. Genébra Pereira, filha de D. Alvaro Pereira, segundo marechal de Portugal, casou com meu oitavo avô, senhor de Villa Flor, Lopo Pires de Sampayo. Que feliz encontro, motivado por um desastre!.. Dous parentes!

— Pelo que a mim toca, — disse Balthazar — dou-me os parabens por me não ter antecipado ou retardado no ponto onde nos encontramos, d'onde me resultou a honra de eu vir a saber que estou aparentado com v. s.ª E, tanto mais aprazivel me é o sel-o, quanto a nova me surprehende. Direi a v. s.ª, meu respeitavel primo, que não sei nada de genealogias. Tenho irmãos lidos em grossos livros

que tractam essas cousas; mas dispensam-me elles benignamente de ter quinhão na sua sabedoria, a meu ver, inutil.

— Inutil! — atalhou Lopo de Sampayo — Inutil! não diga isso, primo, que é offender a memoria de seus avoengos! Pois qual é a baliza escripta que separa um Pereira da Silva de qualquer maltrapido que por ahi anda, sem saber nome de avô?

— Ha diversas cousas que me separam d'elle: a minha educação, os meus haveres, as minhas acções...

— Acções! — acudiu o fidalgo — pois sim, mas as acções briosas, illustres e heroicas quem as pratica, senão os que herdaram com o sangue o costume de as praticar? Responda-me a isto, primo Balthazar.

— Tem v. s.ª razão até certo ponto; — obtemperou o morgado das Olarias — mas nem por isso deixa a sua razão de fraquear pelo lado das excepções...

— Quaes excepções?

— Vaes dizer pataraticcs! — atalhou D. José de Noronha — Primo Lopo de Sampayo, olhe que este sujeito, quando entra a bacharelar n'estas cousas, parece um villão da arraia miuda! Eu já tenho tido vontade de ir indagar á terra d'elle se houve algum descuido lá nos seus antepassados...

— Deixa-me responder ao snr. Lopo — disse

brandamente e a sorrir Balthazar, algum tanto envergonhado da grosseria do seu amigo.—As excepções são muitas; — continuou elle — todavia, citarei as mais notorias. João das Regras, comquanto fosse plebeu, taes feitos fez com o seu alto engenho, que mereceu, nos serviços prestados á patria, ser egualado a D. Nuno Alvares Pereira. Outro: João Pinto Ribeiro, filho de um plebeu de Amarante, na restauração de Portugal, valeu tanto, senão mais, que as quarenta espadas dos conjurados. Outro: João Fernandes Vieira, o propugnador dos direitos de Portugal ao Brazil, o vencedor e terror de hollandezes, contaria avós muito honrados em sua geração; mas os brazões de familia principiaram n'elle. Á imitação d'estes casos, que estremecem algum tanto a regra geral de v. s.ª, ha muitos obscuros, por não se mostrarem em sujeitos tão illustres e successos tão estrondosos.

— Estou comsigo, primo Balthazar;— disse o velho — porém as excepções hão-de ser tão poucas em numero, que não possam escurecer os villanissimos feitos de homens que se quizeram afidalgar e sahir de sua escoria pelas portas por onde costumam sahir homens de claro sangue e muitos avós nobilitados na historia...

— É verdade... — condescendeu Balthazar Pereira, receiando anojar a teimozia do velho, que era pai d'aquella encantadora menina. Quem sabe

— diria de si comsigo o moço — se ella se molesta de que eu lhe vá contradizendo o pai! — É verdade... — repetiu o moço.

— E grandissima verdade — proseguiu o senhor de Anciães. — Acabemos de abrir olhos, snrs. primos. Os tempos correm de modo que se faz mister olharmos muito attentos por nossos privilegios. As ameaças véem de longe. A plebe tem furias e o clero atiça-lh'as, em vez de exorcismar-lh'as. O Senhor D. João IV foi sempre ingrato aos seus parentes que lhe deram a corôa... e Deus sabe a quem ella foi usurpada...

— Á casa de Bragança — atalhou Balthazar.

— Isso não é argumentação para aqui, primo; fallaremos com provas na mão e mais de espaço a tal respeito. O que eu vinha dizendo é que, desde D. João II, está tremida a fidalguia. A dentro dos castellos e paços senhoriaes já não está o antigo barão, o rico-homem, a quem os primeiros reis chamavam seu egual, e de quem recebiam mera e simples authoridade para poderem acaudilhar como os reis a hoste e sustentar a independencia do reino na successão d'aquelle que primeiro conclamamos rei em Lamego, e dos seus descendentes, que o não eram na corôa, sem nosso consenso.

— Isso é que é verdade! — confirmou a grandes brados D. José de Noronha — Nós, os fidalgos, é que fizemos rei D. Affonso Henriques. Meu pai

até sabia o latim que nossos antepassados lá disseram com as espadas nuas. Aquillo é que eram homens de pulso! Matavam mouros como tordos, e só de uma feita escangalharam cinco reis mouros, não sei aonde.

— No campo de Ourique — lembrou Lopo de Sampayo.

— É isso, no campo de Ourique. Quem me dera n'esse tempo! — continuou D. José, gesticulando e bracejando com arremettidas phantasiosas — Quem me dera a chapotar orelhas de mouros p'rá esquerda e p'rá direita! *zaz, traz, pumba!* Quinhentos mil mouros!.. Não eram quinhentos mil, primo Lopo?

— Mais seriam elles! — confirmou o velho — Essa batalha foi verdadeiramente um milagre de Jesus Christo, o qual prometteu a victoria.

— Então não seria difficil vencer com tão infallivel promessa — observou Balthazar. — Sendo assim, nem se póde attribuir fraqueza aos vencidos, nem valentia aos vencedores. Se Deus estava contra os mouros, a victoria devia ser barata aos que tinham Deus a batalhar por elles.

— Então o primo — observou Lopo de Sampayo — duvida do valor e bravura dos portuguezes?

— Não, senhor; ao contrario: creio tanto n'ella, que me dispenso de crer que Deus se intromettesse na peleja para ganhar a victoria, que elles, sem tão divina e alta ajuda, ganhariam.

*

— Ai! ai! ai! — redarguiu o fidalgo de Anciães — O meu primo não me está dando bom cheiro de catholico!..

— Ora ahi está uma injustiça que eu não mereço a v. s.ª! — replicou suavemente o das Olarias — Em que falto eu ao que crê e manda crer a santa egreja catholica? O concilio de Trento manda jurar no caso do campo de Ourique?!

— Não, senhor; mas o primo parece que se ri de certas cousas sacratissimas que estão entranhadas na fé e crença dos bons portuguezes. Seus avós, — continuou o velho — certo, não duvidaram que Jesus Christo apparecesse a Affonso Henriques...

— Meus avós — insistiu Balthazar — certamente não creram nem duvidaram d'isso, porque, em tempo d'elles, primo, o promettimento de Christo ao rei Affonso era ainda ignorado ou não tinha tido ainda quem o descobrisse d'entre os pergaminhos da livraria de Alcobaça.

— Ahi está, ahi está! — retorquiu o senhor de Anciães — É a mesma linguagem dos suspeitos hereges e christãos novos lá da minha comarca... Bem n'o digo eu!.. Ora, conte-me cá, primo Balthazar: onde estudou? e quantos annos tem?

— Tenho vinte e oito annos e estudei o pouquissimo que sei no collegio de S. Paulo, em Coimbra.

— Então é licenciado em leis ou canones?

— Não sou licenciado em faculdade nenhuma.

Estudei humanidades tres annos, e dous annos artes com os jesuitas, sem intento de seguir nenhuma carreira de lettras. Aos vinte cobrei tal fastio dos estudos, que os acabei com a mesma facilidade com que, a despeito da vontade de meu pai, fui começal-os. Recolhi-me á minha agreste casa, que está edificada na raiz da serra do Alvão, e lá uma vez por outra folheava algum livro para grangear somno. Entreguei-me á vida de caçador e recuperei a saude enfermissa pelas vigilias do estudo. Ia-me ás serras com a minha matilha de cães e por lá andava de montanha para montanha, pernoutando em choupanas de pegureiros, onde comia com elles a minha caça, que era sempre abundantissima; que rara perdiz ou lebre se salvava do meu chumbo ou dos meus galgos. Assim me esquecia pelos montes quinze e vinte dias sem voltar a casa, salvo quando os sapatos se me rompiam. De uma vez, quando voltava, soube pelo caminho que me tinham andado a procurar criados de minha casa para me chamarem ao leito de meu pai moribundo. Quando cheguei, já elle estava sepultado ao lado de minha mãi. Entreguei o governo da pequena casa a meu irmão segundo; e, passados os quinze dias de nojo, tornei para a serra : d'esta feita, levei sapatos de sobrecellente. Discorri por lá tres mezes, tirante vinte e tantos dias que luctei com umas febres, sem o auxilio do cirurgião, nem do boticario. Agazalhei-me n'uma

casa de lavrador, que me fustigava com ortigas ou me esfregava a cabeça e os pés com umas hervas pizadas e amassadas com vinagre. Não conseguiu matar-me: tão forte era a minha natureza! Mas... que estou eu contando?.. — continuou Balthazar, suspendendo-se como corrido da sua expansão — Acaso me perguntou v. s.ª estas miudezas da minha vida?

— Não lh'as perguntei; — respondeu o pai de Mécia — mas folgo muito de ouvir-lh'as.

— Tambem eu... — murmurou a menina, e córou, como se, pensando que o dizia muito no intimo, por descuido deixasse fugir dos labios as palavras improprias da sua innocencia.

Balthazar, ouvidas aquellas vozes «tambem eu», deu conta de um movimento estranho e muito ao fundo d'alma; e logo sentiu um aquecimento sanguineo, que já parecia ter radiado fóra da alma; e depois palpitações, como impulsadas por demazia de sangue; e finalmente, e tudo junto, uma cousa extraordinaria em si, que lhe empecia a expressão, aquelle desembaraçado contar da sua vida com que elle parecia estar tão senhor de suas ideias e palavras até ao instante em que ouviu duas notas de angelical harmonia, dizendo: «tambem eu».

Não tinha amado nunca.

— E então — insistiu o velho — toda a sua vida de moço se vai passando na caça?

— Ha quatro annos me dou todo a este viver de Nemrod...

— De quê?— perguntou o fidalgo, que se esquecera d'aquelle nome das suas leituras biblicas.

— Viver d'aquelle antigo caçador de que rezam as santas escripturas—explicou o das Olarias, e proseguiu: — Nos mezes defezos da caça, faço algumas sahidas para dez até vinte leguas em roda da minha aldeia. Visito alguns condiscipulos que conheci em Coimbra, alguns dos quaes vivem por mosteiros, e o principal d'elles, por causa de amores desfortunados, vestiu o habito franciscano no convento de Villa Real. Por alli tenho passado dous mezes de cada anno e ha quatro annos que assisto ao enfolhar das arvores da cêrca, e ao envelhecer accelerado e lastimavel do meu pobre Antonio de Mendanha, que hoje se chama frei Antonio de Christo. Lá conheci em Villa Real este D. José de Noronha, cuja alegria é o invez da amargura do outro. Lá nos fizemos amigos e ajustamos esta vinda em companhia ás tão soadas festas de Braga.

— Festas magnificas! — exclamou o fidalgo — Meu sobrinho deão da Santa Sé mandou-me dizer que não faltasse n'ellas, porque em minha vida não teria mais occasião de ver cousa tão extraordinaria. Eu levo aqui na algibeira a noticia do que ha-de ver-se; se não for tanto como reza a relação, basta que seja metade para, ainda assim, ficarmos as-

sombrados. A minha Mécia, se não viesse cá, morria de desgôsto. Olhe v. s.ª, primo, quem vem por quarenta leguas d'este trilho já mostra vontade de contentar a menina dos seus olhos, esta minha consolação, que me adoça e allivia o gravame dos annos e dos achaques. O que seria d'ella, se, a esta hora, descesse por seu pé estes barrancos medonhos e escorregadios! Cada braça de caminho andado me traz á ideia o muito grato que devo ser aos meus primos, porque me acudiram na maior angustia da minha vida!

— A maior! — disse Balthazar — pequenissimas teem sido as outras!

— Não que o primo não sabe como carregam as dôres no peito debil de um velho, se todo elle está cheio do amor de sua filha unica! Nos annos robustos, as flechas arremessadas pela adversidade batem na couraça do homem que lhes faz rosto e resvalam. Nas idades quebradiças, principalmente quando um homem é pai, a dôr que nos mortifica, o receio da morte, o mais leve affrontamento d'alma ou corpo é mal que me põe logo diante dos olhos esta menina e a grandissima afflicção de a deixar...

O velho enchugava as lagrimas; Balthazar contemplava commovido aquella adoravel ternura e os cabellos brancos de Lopo aconchegados das louras tranças de Mécia. D. José de Noronha ia dizendo ao cavallo:

— Eh! pezenho! não te traves, diabo!

III

D. José de Noronha

Chegaram os romeiros á Ovelhinha e apearam na testada da estalagem, onde era necessario jantar. D'alli fizeram recoveiro á villa de Amarante para alugar liteira, que viesse ao encontro de Lopo. Queria Balthazar Pereira ser o enviado; mas não lh'o consentiu o velho.

D. José deteve-se na cavalhariça a almofaçar e amantar o cavallo, não querendo affastar-se da mangedoura sem ver que o seu «fulminante»—nome do quadrupede — roia saudavelmente o fêno. Feito isto, com as mãos ainda surradas de apalpar os jarretes do murzelo e assegurar-se de que elle não tinha ovas ou sobrecanas, entrou ao sobrado, onde D. Mécia estava dando agua ás mãos e faces empoadas de seu pai.

— Onde está o Balthazar, primo Lopo?— perguntou o senhor de Alijó.

— Disse que ia á cosinha dar ordens.

— Fez bem, senão ia eu lá, que trago a barriga pegada ás costas. Mandaria elle cozer gallinhas e presunto com abundancia? Eu, cá só á minha parte, para uma gallinha sou homem! Acho que o melhor é eu lá ir, que não vá elle cuidar que os outros se acommodam com o regimento em que elle traz o estomago!..

— Não será necessario, primo D. José—disse o pai de Mécia.

— E então — tornou o de Alijó— a prima traz fome? P'ra comer não ha como andar por serras! Eu, quando as molas cá do interior estão perras, o meu remedio é fazer uma jornada a trote largo. Assim que ando duas leguas, não ha nada que me farte; sou capaz de esmoer cabeças de pregos! E o primo Lopo come ainda bem?

— Pouco e mal cozido é o que como; e então minha filha, essa não sei de que se alimenta!

— Pois isso é mau!— lamentou D. José — O comer é o principal.

Voltou Balthazar da cosinha e disse:

— Lastimo-a, prima D. Mécia. Não ha senão gallinhas e presunto.

— É o mesmo... — murmurou a menina — Não haverá um ovo?

— Vou perguntar—disse o das Olarias, e sahiu.

— Um ovo!—exclamou o senhor donatario de Alijó— Um ovo! pois a prima cuida que chega áma-

nhã com um ovo! Por isso a menina assim está magra e amarella!

— Amarella! — acudiu ella por sua vaidade beliscada — Eu não sou amarella, sou branca.

— Mas não tem côr de saude; a vermelha é que é sangue. Brancos são os ossos e não é bom que elles estejam a descoberto.

D. Mécia mal pôde esconder um tregeito de aborrecimento. Lopo, de si para comsigo, entendeu que o descendente de Noronhas, Tavoras e Gamboas era muitissimo descortez e agreste de tracto com damas.

Veio Balthazar dizendo alegremente que mandára frigir alguns ovos e uma boa truta, que por feliz acaso apparecera. D. Mécia agradeceu-lhe o cuidado com duas palavras balbuciadas e o pai com muitas expressões.

— Foste ver se o teu cavallo comia? — perguntou D. José.

— Não: é natural que elle coma bem sem testemunhas. Deixal-o lá.

— Por isso as bestas te morrem! — observou o de Alijó — Vai amantal-o, senão enche-se-te de atavões das ferroadas do moscardo. Não deixes estragar aquelle fouveiro, que elle é de raça; mas tu trázel-o muito despapado e estrelleiro, e déixal-o desmanchar-se. Lá para ensinar potros não és grande homem!

— Pelo que vejo, — interveio Lopo — o primo D. José é grande cavalleiro, e entendedor de gineta e estardiota...

— Sei alguma cousa, e aprendi o que sei com os melhores discipulos de Antonio Galvão, picador da casa real, quando estive em Lisboa. Exercitei-me em escaramuçar de quadrilheiro e sobre a redea. Corri parelhas no jogo das canas no pateo do primo Pombeiro e sahi-me com primor quando tirei lanças á argola. Tambem toureei como os melhores, e tanto de garrocha como de garrochão. Nunca perdi a sella, nem errei gacho. O meu systema... A prima já viu tourear?

— Não vi.

— Então não sabe o que é bom! Aquillo é que faz cá por dentro um homem dar de si! Ora imagine um toureiro de figados alli como pregado na sella, com o ferro posto á cara do touro, se elle anda largo; vem o touro e arremette; o cavallo quebra logo á mão esquerda e vem voltando sobre o bicho, com o garrochão em postura de sorte, e o touro de cadeiras. E vai o bicho sahe debaixo do ferro e o garrochão a procural-o no jugo. Eu ataquei sempre o touro pelo jugo ou testa; pelo costado é mau, porque fica o touro muito entrado e despara no cavallo, não fallando já na ferida, que é cousa feia e desprimorosa.

— Coitadinho do boi! — interrompeu D. Mé-

cia — Não me conte essas crueldades, primo! Estou a suar de afflicção!

— Então que faria se visse matar á espada, como eu matei, n'uma tarde dous...

— Santo nome de Jesus! — exclamou a menina, mostrando-se agoniada.

Lopo de Sampayo pediu ao primo, por grande mercê, que descontinuasse a sua exposição das touradas, e ajuntou:

— Maldito sestro o d'estes fidalgos das Hespanhas, que timbram em mostrar a sua pericia de carniceiros nos corpos dos animaes!.. Quanto melhor lhes fôra assombrarem o mundo com os seus golpes, rompendo por essa mourisma, que nos está ás portas, ou desinfestarem esses nossos mares, que andam infamados de corsarios argelinos! Ahi é que eu queria os netos de D. João de Castro e dos Mascarenhas e Albuquerques e Tavoras e Sampayos, que nunca mataram touros á espada ou ás garrochadas!

— Ora essa! — clamou D. José de Noronha — O primo bem se vê que nunca sahiu lá detraz das serras! Vá a Lisboa e verá que não é homem de primor quem não souber tourear. E as damas de lá não se affligem como a prima Mécia, quando o toureiro ensopa o ferro na papada do bicho. Aquillo é um gôsto d'alma vel-as a bater palmas e a dar gritos de alegria, que todo o sangue de um homem ferve em cachão!

— Que corações! — disse a menina — Eu por mim, quando ouço gritar uma gallinha que estão matando, começo a tremer e fujo para onde não cheguem os gritos da avezinha!

— Isso é verdade! — confirmou o pai.

— Assim devem ser os corações fadados para sentir os verdadeiros prazeres d'este mundo, que são os que não véem descontados em padecimentos de qualquer ser vivente! — disse Balthazar.

— Ora com que tu vens! — atalhou D. José — E tu, meu ser vivente, não matas perdizes, e coelhos, e lebres e galinholas? Que mal te fazem esses bichinhos?

— Tens razão; — respondeu Balthazar — faço mal; mas não sou eu quem se lastima de que tu mates os touros. A tua crueza e a minha condiz com o nosso caracter rude, selvagem e talvez feroz de seu natural; porém o prazer de taes carniçarias ajustaria mal ao sentimento delicado de senhoras como nossa prima D. Mécia. Se eu alguma hora tivesse de ser esposo, fugiria da mulher que batesse as palmas á victoria do homem salpicado do sangue de um touro, cujos urros de agonia são a musica digna de taes triumphos!

— Ora adeus, meu amigo! — retorquiu D. José — Isso é palavriado! Pois a mim, mulher que desmaiasse por ver o touro a sacudir um garrochão do jugo, não a queria, ainda que ella fosse mais boni-

ta que as minhas primas lisboetas! A mulher quer-se forte para o que der e vier. Contam-se casos de mulheres portuguezas que se vestiram de homens e andaram disfarçadas nas guerras dos mouros. Meu pai até as conhecia de nome. Fizeram façanhas d'aquella casta! E que me dizem da padeira de Aljubarrota? A prima sabe o que ella fez com a pá do forno?

— Já o papá me contou que ella matou sete castelhanos...

— Que estavam a dormir! — acrescentou Balthazar.

— Lá me parece... — annuiu D. Mécia.

— Quaes a dormir! — bradou D. José — As historias de Portugal não dizem isso. Eu até vi a casa em que ella morava, e até me disseram que el-rei D. Sancho II lhe dera uma commenda...

— Havia de ser o Senhor D. João I, primo Noronha — corrigiu Lopo.

— Seria: eu lá de historia não estou bem lembrado... Fosse lá quem fosse; o caso é que n'este mundo só tu, Balthazar, mettes a galhofa a padeira de Aljubarrota!

— Não é assim: eu admiro-a — disse Balthazar — ainda mesmo que ella matasse ás pauladas sete homens adormecidos. Deus me livre de as ter com semelhante mulher! Ella e mais tres, entran-

do em Madrid, quando os hespanhoes estivessem no primeiro somno, despovoavam a terra!

— Estás a mangar, meu jagodes? — replicou D. José — O que eu queria, em vez de ti, era conversar com uma gallinha, lardeada de boas talhadas de presunto. Olha lá se isso vem para cima, que está alli nossa prima a cahir de fraqueza.

— Não estou, não — disse D. Mécia — Eu nunca tenho vontade de comer.

— Está ahi, está na tumba, prima! — volveu o panegyrista da padeira e das gallinhas gordas— Isso não tem geito!.. Agouro-lhe, primo, que a sua casa de Anciães volta aos de Villa Flor. A prima Mécia é muito fraquinha; não a vejo em termos de dar filhos a este mundo!.

Mécia córou e Balthazar desviou d'ella os olhos para a não vexar com o seu reparo. Lopo cascalhou uma risada secca e disse:

— O D. José tem dizeres exquisitos... Ora, pois, primo Balthazar, parece-me que são horas de vir vindo o jantar. Tenho quatro e meia no meu sabonete. Já não chegamos a Amarante menos das nove.

— Então tratem d'isso sem demora, que eu vou ver se os cavallos comem — disse o do Alijó, sahindo.

Balthazar foi dar pressa á estalajadeira; da cosinha passou á cavalhariça e disse ao companheiro:

— Tens dito parvoices desenfreadas a Mécia, homem!

— O quê? Apalpa-me aqui este jarrete do murzelo... não te parece que está ahi uma sobre-cana?

— Deixemo-nos agora de sobre-canas: eu não entendo nada d'isto...

— Nem eu das tuas policias, meu pintalegrete! Ora tu a querer ensinar-me a fallar!.. Sabes tu que mais? Eu fallo á minha moda; se digo asneiras, diz tu discrições, e acabou-se a pendencia. Eu bem na vi córar, como se lhe pedissem um par de beijos, porque lhe disse que não na via geitosa para dar filhos. Que delicadeza de menina! Na verdade, a moça tem a vergonha na pelle da cara! Se eu lhe dissesse que ella não podia dar gatos ou coelhos, razão tinha de enfadamento; mas filhos, é vergonha de mais! Emfim, cada qual não é como cada um. Eu cá digo o que penso, e quem assim me não quizer fique-se atraz ou vá para diante. Se eu me estava agora a attrigar diante da menina, que vem lá do matto, sem saber as palavras que se dizem a estas flores fanadas, tinha que ver! Fallei com muita somma de mulheres do mais velho sangue em Lisboa e não vi lá córar nenhuma.

— Creio isso — disse Balthazar, que o estava ouvindo encostado á anca do cavallo.

— Pois se crês, está dito. Toca a comer e não

me falles á mão, quando eu disser as cousas á portugueza velha.

—Está dito—concluiu o das Olarias.—Asneia á tua vontade e desobriga-me dos deveres de bom amigo, que se dóe de te ver mal posto na tua posição de fidalgo, não estranho aos bons estylos da côrte.

—Deixa-me cá. Não me tem ido mal assim. Apostas tu que, se eu quizesse requestal-a, não tinha mais que dizer-lh'o?!

—Não aposto nada; e, se apostasse, seria por ti contra quem duvidasse.

—Diz-me cá: tens ganhado muitos corações com as tuas palavras delambidas?

—Ainda não escalei fortalezas d'essas.

—Pois ahi tens...Meu amigo,—exclamou D. José de Noronha com ademanes triumphaes—eu tenho palpado duas boas duzias de corações de mulheres, aqui onde me vês, com vinte e nove annos de idade!

—Nem é pouca a idade, nem muitos os corações apalpados. Da maneira que vão os costumes, meu amigo, ha corações expostos ás duzias para cada mez.

—Mas tu não topas nenhum!..

—Topo-os com a ponta do pé!

—Caspite! onde deitas os teus chinellos, rapaz!? E o coração da priminha Mécia, que lhe farias, se o topasses?..

—Não fallemos de D. Mécia—atalhou sombriamente Balthazar.—Vamos, que já lá está o jantar.

— Santa palavra! — exclamou D. José de Noronha, e aperfeiçoou a limpeza das unhas esgadanhando nas pastas do suor que encrespavam o lombo e clina do cavallo.

Abancados á tosca meza, cuja toalha tresandava ao fartum do azeite e bacalhau, appareceu a travessa fumegante com duas gallinhas, sobre as quaes se levantava uma piramide de tres salpicões, assentes n'um grosso lardo de toucinho.

D. Mécia enjoou d'aquelle espectaculo e recuou a cadeira, furtando o nariz á fumaça das vitualhas vaporosas.

Instou-a o pai a que acceitasse uma aza de gallinha. A menina, porém, anciada de nauseas, sahiu da meza e foi sentar-se no banco de pedra da janella, olhando para o Marão, a ver se assim divertia o olfato e olhos da toalha, da travessa e das gallinhas, que exsudavam azeite das amarellas enchundias. Balthazar, como os ovos e a truta se demorassem, foi buscal-os á cosinha e pediu encarecidamente a D. Mécia que fechasse os olhos para não ver uns dous esbrucinados javardos que um artista não menos suino pintára no fundo do prato.

Entretanto, D. José de Noronha, espostejando e deglutindo com estridente mastigação uma gallinha, tartamudeava:

*

— Meus amigos, nada de engulhos! É comer o que apparece e fazer de conta que a barriga é alforge de pedinte. Eu bem sei como as gallinhas são boas; tenho tão bom paladar como o grão-turco; mas n'esta occasião tenho fome como dez turcos em jejum de tres semanas. Como d'estas gallinhas se podia fazer boa petisqueira sei eu; e, se me lembra que a prima não comia isto assim, tinha ido eu á cosinha fazer-lhe uma gallinha de alfitete. Sabe como é, primo Lopo?

— Não sei. O primo, pelos modos, não é só perito em equitação; tambem se dá á culinaria.

— Alguma cousa. Eu lhe conto...

E, aproveitando o curto descanso de bocado a bocado que lhe escorregava pelo esophago, D. José ia dizendo:

— Coze-se uma gallinha com um arratel de toucinho, em pouca agua para lhe não tirar o chorume; depois, derrete-se o toucinho; parte-se a ave em quartos e mette-se n'uma tigella a córar a lume brando; depois, pega-se em meio arratel de assucar, farinha, seis ovos, manteiga e um todonada de vinho, e de tudo isto fazem-se bolinhos, com sua folha de louro, fritam-se, poem-se em camadas de assucar, cobrem-se de canella e por cima de tudo põe-se a gallinha. Isto é petisco de morrer!.. E gallinha mourisca? já comeu, prima Mécia?

— Não, senhor.

— Faz-se torresmos; vai-se a gente ao pingo; deita-o n'uma tigella, onde já está a gallinha entalida ou meia assada; por cima despeja-se um golpe de vinho branco, pouquito vinagre e agua um quasi nada; depois, louro, cravo, pimenta, gemmas de ovo, fatias por baixo e rodelas de limão por cima. É comer e gritar por mais!..

— Com effeito! — exclamou Lopo — Onde aprendeu o primo esses refinamentos de glutão?

— Estudei; comprei uma arte de cosinha de Domingos Rodrigues, cosinheiro da casa real, e não leio outro livro, a não ser os de alveitaria. As cosinheiras não se entendiam com as receitas do livro. Que fiz eu? arremanguei a camisa e estive oito dias á lareira a ensinal-as. Hoje, em minha casa, póde-se comer com satisfação. Sei fazer sopa de lombo de porco, de vacca, potagem á franceza, dourada, tostada, sopa de nata, sopa de amendoa... Aposto que nunca ouviram fallar em sopa de amendoa? É iguaria dos anjos! O' Balthazar, lembras-te d'aquellas almondegas que eu fiz no convento de S. Francisco em Villa Real para te brindar, meu palerma? Se ellas estavam boas ou não, perguntem-no ao guardião de S. Francisco, que de tantas que comeu esteve a morrer entoirido! O' prima, eu queria que a menina comesse um bocado de perú salchichado! O' céus! É o que póde ser cá n'este mundo cousa boa! Faz-se assim: móe-se com o pau da

maça e enteza-se na olha ou em agua e sal; mas primeiro lardea-se com lardos de toucinho salpimentado; mette-se n'uma panella com seis maçãs azedas e outros adubos; põe-se em rescaldo ou no forno, obra de tres ou quatro horas; depois, está alli um prato com sumo de limão e passa-se o perú para elle. Oh!.. não lhes digo nada!

— Não sei como póde comer este toucinho quem tem na cabeça imagens de golozinas tão appetitosas! — reflectiu o morgado das Olarias — Sabes segredos de comezainas que não inventaram os sybaritas de Grecia e Roma! Se a desfortuna te levasse os bens a pique, D. José, restavam-te duas amarras com que podesses ferrar a nau e ganhar em monção propria o porto seguro de novas riquezas: serias um grande cosinheiro e um grande toureiro...

— Estás a chasquear commigo! — replicou o senhor de Alijó — Anda lá... Eu sei cosinhar e tourear. E tu que sabes lá da tua livralhada, meu valdevinos? Palavrorio, não é assim, primo Lopo?

— Não, senhor, não é assim. O primo Balthazar Pereira, se quizesse continuar os seus estudos, viria a ser um grande jurisconsulto ou bispo...

— Bispo, elle! — interrompeu D. José — Que bispo! Em tão boa hora ermitão de alguma ermida de aldeia. Os bispos que eu conheço comem bons bocados e gostam de quem lh'os ensine a cosinhar. Não ha muito que eu fui ensinar ao paço do tio bis-

po de Lamego a disposição das iguarias na meza, quasi todas cosinhadas com as minhas receitas. Eu lhes conto o que appareceu na primeira coberta...

— O' D. José, — atalhou Balthazar — serias um serafim, se nos dispensasses de assistir phantasticamente ao jantar de teu tio bispo de Lamego. E, visto que devoraste o miseravel repasto que nos deram, vamos embora, que se faz noute.

— Sim... sim... — disse D. Mécia — Vamos d'aqui embora, que este sitio faz medo á gente!

— Toca a apparelhar! — condescendeu D. José, afferrando de meio pão, que foi comendo escada abaixo.

IV

Excrescencia do coração

Sahiu a liteira ao encontro dos viandantes a meio caminho de Amarante.

Assim que Lopo e Mécia se embarcaram na almejada liteira, D. José disse ao companheiro:

— Estás resolvido a ir detraz do velho e da rapariga até Braga?! Eu cá de mim, ámanhã, em rompendo o dia, ponho-me ao fresco. Levava-me o démo a mim e ao cavallo, se iamos n'este passo dos machos até Braga!.. E tu?

— Não sei ainda o que farei.

— Bem no digo eu!..

— Que dizes tu bem?

— Estás embeiçado! Cahiste na ratoeira de Cupido!

— Pois tu conheces Cupido? Pensei que tão sómente conhecias os teus authores de cosinha e de alveitaria!

— Ri-te, ri-te, que estás bem aviado!.. Onde

tu achaste uma paixão!.. na serra do Marão! Fiz um soneto sem me sentir!

— Sim; isso é um soneto!

— Faz tu lá outro aos bellos olhos da tua amada!

— Vai te á fava! — disse Balthazar — Fallemos serios. Não te parece delicado e bonito que acompanhemos este respeitavel velho e sua filha até Braga, em reconhecimento do agrado com que nos obsequiou?

— Com que nos obsequiou? Que asneirão és! Pois foi elle que nos obsequiou? Então nós a elle incommodamol-o, eim? Explica-me lá, por obsequio tambem, os serviços que nos elle fez! Só se foi declarar-se nosso parente. Forte favor! Que me faz cá a mim o parentesco do senhor de Anciães e que tenho eu com o casamento do setimo avô d'elle com a setima tia de minha avó! Ora, beldroegas, meu amigo Balthazar! Olha, tu, se quizeres, fica-te com elles e desfaz-te em amor pela menina; que eu, ámanhã, desappareço a unhas de cavallo, que nem um raio! De mais a mais, hoje e ámanhã chega o poder do mundo a Braga; e, se eu não vou com tempo arranjar quartel, tenho de andar por lá «ó tio, ó tio, bote cá o batel»!

— Fizeste outro soneto agora!

— Tambem me quiz parecer isso. Se andar muito tempo comtigo pelo mundo, faço-me *pronos-*

tico. Já vou aprendendo algumas das tuas palavras pimponas, á guiza de rimance de cavalleria. Olha, rapaz, sempre te quero dizer que um homem não prende o sentido das mulheres com alicantinas. Lá nos livros é que se contam lérias e choradeiras, que não servem cá no arranjo da vida. Se a prima te fez mossa, diz-lh'o ás claras e deixa-te de aranzeis, que ella de esperteza não me ganha a mim. Aquillo é cabra montezinha a valer! Ouviu contar que as damas da côrte comem por onças e fingiu-se enjoada das gallinhas! Lá, em casa d'ella, corto eu as orelhas, se a delambida não se atirasse ás frangas como gato a boches! Arreda! uma mulher assim nem que m'a dessem com a corôa da China na cabeça! Galante é ella; mas aquillo, em lhe pegando umas maleitas, é «fogo visto linguiça»!

— Tens um bom peculio de annexins!.. Fallas de uma mulher formosa e illustre como fallarias das qualidades corporaes de uma egua!

— Não que ellas, tirante a alma, tanto faz uma cousa como outra! É cá a minha opinião. Pois um cavallo não se compara com um homem? Não ha grandes sabios que dizem que tudo é um, não fallando na alma?

— Haverá grandes sabios, haverá... — disse Balthazar, sorrindo.

— Tu ris?! Pois negas que é sabio o grande

picador Galvão de Andrade, que deu á luz um livro támanho como aquelle da *Arte da cavalleria?*

— E diz elle que o homem é cavallo?

— O que elle diz leva as mesmas voltas. Deixa-me ver se me lembro... Ahi vai alguma cousa do que elle diz: «Os homens gemem; os cavallos tambem. Os homens sentem muito estar parados e querem andar; os cavallos tambem. Ha homens irremediaveis em ruins vicios; assim ha cavallos. Ha outros bem inclinados; assim ha cavallos. Ha homens soffregos no comer; assim ha cavallos. Os homens suam muito; os cavallos tambem.»... Tenho pena que me não lembrem mais sentenças do sabio Galvão! (*)

— Bastam essas: estou convencido e indeciso sobre saber qual de nós dous é mais cavallo!

— És tu, que não sabias isto.

— Venham cá para a frente!—bradou Lopo de Sampayo, pondo a cabeça á portinhola da liteira— Conversem com a gente, senão dá-nos o somno!

— Vai lá conversar com o homem — disse D. José.

Balthazar esporeou o cavallo e apostou-se ao lado da portinhola.

(*) O leitor póde ver mais *sentenças* d'este cunho desde a pag. 5 a 10 do citado livro de Antonio Galvão de Andrade, impresso em 1678.

— Vai bem, prima Mécia?

— Vou com bastante somno. Tomára-me já na estalagem para dormir. A gente sahiu de Villa Real ás tres horas e meia da manhã e ha quatro dias que não dormimos quasi nada.

— Então o primo D. José fica para traz? — perguntou Lopo — Que virá elle scismando? N'algum guizado exquisito, talvez! Quem dirá que um fidalgo d'aquella idade e gentileza se apouque em serviços tão improprios da sua esphera!.. Emfim, são manias; antes isso que desgraçar familias e andar correndo fadario deshonesto como muitos de seus avós, aliás façanhosos e mui denodados na guerra. A minha Mécia já me disse que teria grande desgôsto, se tivesse um irmão d'aquelle feitio!

— Porquê, minha senhora? —perguntou Balthazar.

— Por elle andar a metter o nariz na cosinha, com a camisa arregaçada para cosinhar as taes gallinhas! Deus me livre!..

N'isto, ouviu-se a estrupiada do cavallo de D. José.

— Primo Lopo, — clamou elle — vou adiante mandar arranjar as camas e a ceia. Até logo. O Balthazar cá fica. Não posso já conter o cavallo, que se me despapa, de arrenegado que vai n'este passo de anjo. Até logo.

E despediu a trote largo.

D. Mécia olhou brandamente para Balthazar e disse-lhe:

— Porque não vai tambem? O caminhar assim ha de ser muito aborrecida carreira, primo!..

— Irei, se vv. ss.as preferem o irem conversando em cousas de familia, em que um terceiro é sempre importuno.

— Valha-o Deus, primo! — acudiu Lopo — A sua companhia é allivio e duplicado direito á nossa gratidão. Mécia me disse ha instantes que v. s.a era a creatura mais agradavel e delicada que ella tinha visto.

— Oh minha senhora... — balbuciou Balthazar Pereira, e sentiu levantar-se-lhe do coração uma especie de excrescencia dulcissima, que lhe subia até os gorgomilos e lhe embargava o dom da palavra.

O amor!

Estes grandes phenomenos do affecto explicam-se anatomicamente. Todos os estheticos hão-de vir a isto, quando se entranharem da certeza de que o coração tem excrescencias e decrescencias, effeitos naturaes, de que depende tudo que os psycologicos enredam e escurentam com o seu vasconço transcendental.

V

O poeta

Não ha palavras convenientes ao jubilo de Balthazar, quando viu que sua prima, depois de ceia, convidada pelo pai a recolher-se, respondeu que não tinha somno.

— Pois não vinhas tu a suspirar pela cama ?! — perguntou o pai.

— Espalhei o somno... mas o primo Balthazar ha-de querer descansar... O primo D. José já alli está a dormir...

D. José roncava, deitado de costas sobre um escabello, com os joelhos de alto e a cabeça pendida ao chão.

— Elle malha do escabello abaixo ! — disse Lopo — Será bom acordal-o, primo ?

Balthazar sacudiu-o. D. José abriu um olho e resmuncou :

— Vai-te c'os diabos, deixa-me dormir !

— É melhor que passes á cama.

— Estou bem... vai ver se pozeram a ração toda aos cavallos.

— Levanta-te e deita-te.

— Irra! não bulas commigo!

— Olha que estão aqui o primo Lopo e a snr.ª D. Mécia.

— Então que querem? — disse elle, erguendo-se mal encarado.

— Credo! — murmurou a menina — como elle é rabugento!

D. José encarou suinamente e de soslaio nos perturbadores do seu socego. Coçou a grenha com todas as unhas, espreguiçou-se e deixou cahir outra vez a cabeça sobre o travesseiro, arranjado com os coldres das pistolas.

— Está perdido de somno o pobre moço! — disse risonhamente o velho — Vamos nós tambem aos nossos aposentos.

Balthazar chamou a estalajadeira, a fim de guiar a menina ao seu quarto, despediu-se de ambos, disse que tambem ia repousar e sahiu logo á rua.

Estava a noute quente e a lua brilhantissima. O Tamega derivava placidamente, prateado dos fulgores das estrellas.

Chegado á ponte, Balthazar parou, não já contemplativo na belleza e magestade do céu, nem do rio, nem do mosteiro silencioso ou do aspeito grave

das antigas casarias. Deixal-as negrejar lá na fronte alterosa da vetusta filha dos turdetanos, engrandecida pelo insigne Amaranto, capitão romano. No formoso interior de si, nas exultações de sua alma é que elle estava arrobado. Que lhe faziam á sua doce introversão os moimentos da candida piedade de S. Gonçalo? As luzinhas trementes nas cellas dos dominicos, sentineilas do céu alli postas ao sepulcro do milagroso santo, não disseram nada aos enlevos do moço. O que elle via e tinha no mundo interno, na riqueza incomparavel que lhe dera Mécia, n'um volver de olhos, quem sabe se casual!..

Não implantaria Deus no peito humano as alegrias do amor nascente, a fim de que o ante-gôsto da bem-aventurança podesse ser entendido por horas ou instantes na vida de cada homem? Quem entrou ao reconcavo d'estes arcanos e destrinçou os mysterios que lá vão, n'aquelle sentir que não tem voz? Pois tantas delicias de espirito, tanto sonho de ouro, tamanha enchente de gozos a que não basta o coração, tudo isto nos foi dado como preludio do fastio, como presagio de aborrecimentos porvindouros, senão de ingentissimos infortunios?!

Não póde ser. Da mulher o que nos commove e enleva é a parte impolluta que ella tem do céu; é a magia que a fada exercita obedecendo a interno impulso, não sabido d'ella, não sabido de nós. Alli ha mensagem de outras regiões; aqui, no peito arque-

jante, nos olhos amarados de gozozas lagrimas, ha um espirar para o alto, um ir-se o coração avoando desde os olhos, desde o sorriso d'ella para soberanas e immorredouras alegrias. Nós é que não sabemos nem podemos ver senão o pouquinho d'esse infinito que nos entre-luz nas graças do primeiro amor, do segundo amor, de quantos es tremecimentos de subita embriaguez nos fazem crer que despimos o involucro de barro e pairamos alados sobre a região das lagrimas.

É Deus que não quer ou somos nós que não podemos prorogar a duração ao sonho? Se Deus, que mal faria á sua divina grandeza que o pequenino guzano o adorasse sempre? Porque vai tão rapida aquella estação em que o homem é bom porque ama, e é caritativo e dadivoso porque tudo sobeja á sua felicidade? Quando poderam alliar-se um amor puro com a impureza das intenções? Quaes olhos de homem affectivo e como santificado por seu amor recusaram chorar sobre desgraças estranhas? Que exuberancia de bens a desbordar da alma! que ancia de fazermos em redor de nós alegrias, fortunas, mãos erguidas comnosco a bem-dizer os contentamentos que nos chove o manancial dos puros deleites!..

Não é Deus que nos agourenta as alegrias castas, as espirações que lhe comprazem. Nós é que não sabemos que luz é essa da nova manhã que den-

tro nos allumia voluptuosidades desconhecidas. Attribuimos ao effeito os prestigios da causa. É que não podémos ver por longo tempo a mensageira dos mundos estrellados: quizemos pôr a mão na vara que nos encantou; e a vara fez-se serpente, porque a alma immaculada já não era o impulsor da nossa anciedade. O homem, escurecido já no interior, viu a mulher ao sol da terra, sol que incende o sangue, e abraza o rosto e cresta as azas do anjo. Ai dos anjos em carne que olham depois em si e correm a vestir-se da folhagem do paraizo! Desde esse momento a luz do homem, o calor das paixões radia do montante de fogo que empunha o executor de alta justiça. Fóra do eden está o inferno. A baliza encravada na fronteira maldita chama-se o TEDIO.

E o sonhador, por noute alta, quedava-se ainda debruçado sobre a guarda da ponte. Ao fazer-se a primeira luz da manhã lá estava ainda. Rumorejavam-lhe desde as alvoradas dos passaros umas vozes humanas em toada soturna. Vinham da banda do mosteiro. Avisinhou-se á igreja e escutou. Era a oração matinal dos monges: o psalmear triste dos homens lá dentro e cá fóra os trilos hymnicos das aves. Consonancia, todavia, para transportes d'aquella alma, que se entranhára toda em Deus, se, n'aquella hora, a imagem alvissima de uma mulher adormecida lhe não estivesse dizendo: « Olha como da terra os thuribulos perfumam hosannas ao

Senhor que assim me creou! Eu não oro com os servos do bemdito das alturas, nem canto com as avezinhas dos arvoredos; dormem meus olhos, mas a minha alma vela; sonho que me vejo entre irmãos, vestidos de resplendores, clamando com elles: Gloria ao creador do céu e da terra, dos mares e das estrellas, dos silencios da noute alta e dos psalmos festivaes da aurora.»

*

VI

A prosa

Quando Balthasar entrou na estalagem, já a guizalhada da liteira ia por aquella rua de Amarante anniquillando a poesia dos rouxinoes e a poesia dos frades psalmistas.

Na cavallariça da estalagem estava já o senhor de Alijó praguejando, de estadulho em punho, contra uns almocreves, suspeitos ladrões do penço dos cavallos. Os almocreves appellavam do juizo do fidalgo para o de S. Gonçalo de Amarante, protestando por sua limpeza de mãos.

Balthazar, quando deu de rosto e ouvidos n'este altercar de pragas e juras, disse entre si: « que quéda! que lameiro sujo se fórma debaixo de uma amendoeira florida! O que eu escutava ha momentos! e agora... isto!»

— D'onde diabo vens tu?—perguntou D. José, largando o fueiro.

— Do passear.

— Estás amarello como um judeu em auto da fé, homem! Tu não dormiste, vou jural-o! Querem ver que tu conheces cá por Amarante alguma castellona que te deu palestra da torre! Ah! patife! que tu és um sonso d'aquella casta!.. Conta-me lá...

— Deixa-me, homem! — atalhou Balthazar — Lopo já saberá que vem ahi a liteira?

— Eu sei cá... Não lhe digas nada por ora, que eu tracto de me escapar sem mais ceremonias. Diz-lhe que me apressei para fugir ao calor e passar a sésta em Pombeiro. Lá nos veremos á noute em Braga. Queres tu beber uma tarraçada de geropiga? O' patroa, bote p'ra cá um quartilho de geropiga... Appare-lha esse cavallo preto, curador! Grande asneira fiz em não trazer ao menos um lacaio! Os biltres de almocreves limparam as mangedouras. A minha vontade era metter as costellas dentro a estes canalhas!

— Deixa os homens! — acudiu Balthazar, tirando-lhe das mãos o fueiro — Bem sabes tu se elles limparam as mangedouras! Sahe d'ahi; anda tomar a fresca — e lançou-lhe o braço á volta do pescoço.

— Então vaes contar-me o que andaste a fazer toda a noute? — disse já bem humorado o insigne toureiro — Nós devemos ter aqui primas. Agora me lembro... ha aqui uns Queirozes e uns Magalhães que teem irmãs ageitadas...

— Não conheço. Dormiste bem?

— Como pedra. Fiquei no escano e acordei com a cabeça ao dependuro.

— O primo Lopo não sabes como passou?

— Aposto que não poz olho, nem a filha! — disse D. José.

— Porquê?

— Tu fazes lá ideia dos persevejos que se alapam nos catres d'esta estalagem!.. Eu aqui n'este mattagal de bichos nunca durmo senão n'aquelle escano. Ora imagina tu que comichões e dentadas não soffreriam os ossos da nossa priminha! Hoje não tem ella mais sangue que uma castanha secca! Faz com que ella coma um ovo frito, senão ha-de custar-te a leval-a á festa...

— Não te dóe esse modo tão rustico de fallar com respeito a uma senhora?! — disse o das Olarias com maviosa candura.

— Se não me dóe!.. Pois eu faço com isto mal á mulher? Tu áchal-a uma cousa por ahi além e eu não gósto d'ella... que queres? Cada qual tem lá o seu feitio na ideia...

— Mas o respeito deve-se até á mulher que não se ama — admoestou Balthazar.

— Então que é isso?!.. Cahiu-te no goto a creatura! Agora dei n'ella! Andaste scismatico toda a noute, a conversar com o sete-estrello! Ó Balthazar, falla verdade: amas a rapariga?

— Ora!.. tolices!.. — respondeu Balthazar, procurando diversão com que defender-se do brutal profanador — A que horas estarás em Braga?

— Não sei... Vamos á questão. A tua casa é pequena, já me disseste. Convem-te morgada. Eu não sei que tal é a casa de Anciães, mas desconfio que é boa. A moça é o que alli está. Toca a indagar. Eu sei isso em quinze dias. Se servir, faço-me eu o teu casamenteiro. O velho ha-de annuir ou a rapariga se lhe tira. Nada de pannos quentes. Vai a valer ou não?

— Queres tu dar-me a maior prova de tua amisade, D. José? — perguntou gravemente o outro.

— Qual é? fallar hoje ao velho? Prompto!

— Não é isso: é imaginar que eu não conheço D. Mécia. Nunca mais me fallarás d'esta senhora. Quero dever esta valiosa mercê aos teus fidalgos brios!

— Deus de misericordia! — exclamou D. José — havei piedade d'este pateta!..

VII

As festas de Corpus-Christi em Braga

Os bracharenses que, em 1687, contavam de setenta annos além, lembravam-se de ter visto os magnificos festejos com que o arcebispo, primaz das Hespanhas, D. Rodrigo da Cunha, tinha sido recebido, em 1627, ás portas e nos paços da cidade querida de tantissimos principes santos da igreja, desde S. Pedro de Rates até frei Bartholomeu dos Martyres. Contavam os maiores de setenta annos, como soberbos de terem nascido a tempo de assistirem aos esplendidos torneios, as corridas de touros, as folias e cantares, as comedias e chacotas com que fidalgos e plebeus, á competencia, perpetuaram e ensilveiraram, para nunca mais se repetirem, festas como as d'aquelle anno de 1627.

Os filhos e netos dos Fragas Botelhos, dos Vieiras Cabraes, dos Silvas e Quirogas, dos Brandões, Toscanos, Abreus, Sotto-mayores, Tapias, Lagos, Azevedos, Borges, Freires, e muitos mais illustris-

simos appellidos d'aquelle viveiro e seminario da fidalguia portugueza, commemoravam com desculpavel vaidade o primor de seus antepassados na esgrima de espada e lança, no brilhantismo das armas, nas galas das librés e guarnições, nas pompas dos carros, no garbo dos ginetes arreiados de ouro e prata, e — terminando por onde deveramos principiar — na louçania das damas inspiradoras das incruentas proezas. Diziam elles que então se havia cerrado o cyclo das gloriosas tradições da fidalguia do Minho, e como que, desde aquelle dia, os appellidos, coevos do primeiro monarcha portuguez, se tinham desherdado da bizarra herança de brios e gentilezas da cavalleria antiga. (*)

Semelhante censura aos modernos fidalgos de então, por elles mesmos irrogada, era injusta. O atrito de sessenta annos tinha espelhado e brunido outras armas. Já os espiritos, alevantados a cousa mais sua e do céu, miravam a melhor scôpo. A devoção, a mystica enthusiasmava para melhor fim os animos e corações dos descendentes d'aquelles

(*) Se o leitor deseja ver mais diffusa e agradavel noticia d'aquelles torneios, leia a *Relação do recebimento e festas que se fizeram na augusta cidade de Braga, á entrada do illustrissimo e reverendissimo senhor D. Rodrigo da Cunha, arcebispo e senhor d'ella, primaz das Hespanhas.* Impressa em Braga. Anno de MDCXXVII.

A descripção das justas, resumida elegantissimamente na linguagem tersa do snr. Rivara, vem publicada a pag. 35 e 46 do 4.º vol. do *Panorama*, anno 1840.

cavalleiros que, em presença do arcebispo, haviam jogado armas com surprehendente destreza. Sessenta annos depois, a fidalguia envergava diversas roupetas de confrarias, e desvelava-se em festejar as cousas divinas, em abrilhantar os triumphos da religião com tamanha piedade e magnificencia, que todo o encarecimento seria curto.

As festas, com que os bracharenses celebraram o Santissimo Sacramento em 1687, fizeram esquecer aos velhos d'aquelle tempo as outras cavalleirosas e profanas de sessenta annos antes. De feito, é aqui o ponto de nos acostarmos á indulgencia do leitor, se não podérmos dar-lhe senão em sombra o escorço de cousas que, ainda escriptas por esmerada penna, perderiam muito do vivo ao pintado. O forte pulso que então as bosquejou, como brinde feito á posteridade, disse em linguagem garrafal: «bastam as trombetas da fama para as celebrar, que relatadas perdem o assombro que causavam vistas, como da bem-aventurança disse o apostolo S. Paulo».

Ora vejam isto!

E, depois, está-me já mortificando o exemplo de modestia que me dá o author da narrativa, declarando que «não escreve para soar ao longe; senão que para lograrem entendimentos o que viram olhos, penetrando os artificios e mysterios».

Mas que mysterios e artificios! Que cousas

para muito louvar a Deus e aos homens de Braga d'aquelles tempos idos, d'aquelles artificios e mysterios que ressoam nas trombetas da fama!

Tentemos o esboço; que, em arrojos d'este porte, a derrota é gloriosa. Valha-nos e acoute-nos a grandeza do assumpto.

Recolhida a procissão de quinta-feira, 24 de maio, entraram á cidade por diversas portas grandes chusmas de gaitas, clarins, trompas, pifaros, caixas e zabumbas. Aqui principiam as delicias.

Conforme a ordenança do senado, as luminarias, ao escurecer, eram tantas, e os artificios de fogo taes e tamanhos, que parecia abrazar-se a cidade.

Ao arraiar da manhã, das janellas colgadas de damascos e sedas sahia um reflexo que, no dizer pittoresco do chronista, *formava um iris em cada pessoa que passava nas ruas.* Um iris! É o mais que podia fazer um reflexo em cada pessoa!

Soaram trombetas bastardas; e logo sahiram á rua os aprestos do triumpho e confluiram os ditos aprestos a reunir-se á porta de S. João. Aqui romperam os estrondos de tres ternos de clarins, caixas, pifaros e gaitas. Em seguida, surgiu a cruz da confraria. Depoz esta, appareceu a *serpe.*

Quer o leitor que lhe digam já a importancia da serpe nos aprestos do triumpho. O chronista diz-lh'o em quatro vozes: *A serpe é uma bicha festiva aos rapazes.*

E mais nada.

Em continente, sahiu o *carro das hervas*, o *boi bento* e quatro gigantes de ambos os sexos, cousa temerosa e formidanda de ver-se!

Depois, entrou uma dama com um dragão preso por uma fita de seda e depoz ella S. Jorge encavalgado n'um pujante fouveiro. Tudo isto, incluindo S. Jorge, era deslumbrado por S. Christovam, *Heroe verdadeiramente agigantado,* diz o noticiador.

Agora ahi vem cousa que absorve toda a importancia de S. Christovam. É a dança das ciganas bravas, formosuras muito de ver, *as quaes com as suas descompostas desordens nas carreiras e quédas, que lhe dão muita galantaria e graça, servem de romper o terreiro.* (As palavras em italico denotam a impossibilidade de refazer as descripções inimitaveis do varão, que eu levaria de reboque ao porto da immortalidade, se soubesse a graça da pessoa. Perdeu-se, por modesto, o homem.)

Seguiu-se uma confraria com o seu andor, na vanguarda de muitos andores que hão-de vir cabidamente.

Entrou logo a dança dos *Escarramanados* ou *Pataratas.* N'isto se iam os olhos da multidão. Os *Pataratas* nunca tão limpamente sahiram com as suas jogralidades! Estes *escarramanados,* vestidos á cortezã, com o seu caudilho em carroça, *corteja-*

ram-se demasiadamente e chegaram a desconfiar, a ponto de levarem mãos das espadas e darem uns nos outros, até que a musica os socegou, e então elles começaram de bailar. Que graça tiveram os diachos dos *pataratas!* As risadas não deixavam ouvir os pifaros e gaitas. Dir-se-ia que duas delicias, ao mesmo tempo, não se compadeciam!

Sobreveio a dança dos *Romeiros.* Eram oito homens e oito mulheres, de bordão e esclavinas, os quaes, *depois de fazerem varias e alegres voltas, formaram com os bordões um labyrintho que destramente desenvolveram.*

N'este ponto, parecia estar exhaurida a admiração, quando appareceu espectaculo para maior assombro. Era a dança do *Ponto,* formada de doze figuras, *dançando com magestade por serem destras na arte.*

Surge a famosa dança dos *Turcos e christãos.*

Não chega a lingua do homem para exprimir a lindeza d'estas duas danças. Os turcos trazem seus murriões, plumagens, arnezes, mangas estofadas, borzeguins golpeados, adarga na mão esquerda e alfange na direita. O imperador vai em carroça com docel franjado de ouro e umas guaritas artilhadas. Logo que as peças fulminam estrondosamente, saltam os christãos com suas lanças sobre os turcos. Rebumbam zabumbas; silvam os pifaros; retinem os clarins; estralejam as caixas; tra-

va-se e retrava-se o combate. Os turcos — está claro — cahem vencidos. Atiram-se os dous monarchas um ao outro: o imperador ottomano não sabe de que freguezia é; afocinha; deixa-se captivar, e dança com os seus e com os vencedores. Bonito lance que alvorota os brios nacionaes e espreme lagrimas consolativas dos lacrimaes das velhas!

Para puchar do peito outra casta de alegrias, sobrevem a *Folia preta.* Isto sim! O chronista detem-se n'este *mysterio e artificio.* Eis-aqui a dramatica disposição que elle dá, para melhor intelligencia do baile dos negros:

Rei	Rainha
Seis negros	Quatro negras
Dous Titeres	Acompanhamento

E musicos instrumentos da mesma nação

O scenario é maravilha de um genero que corre perigo de ser ridicula, se a não descrever o douto sujeito que provavelmente a inventou. Diz assim:

Formar-se-ha um vistoso carro ou carroça, pela qual irão puchando dous leões; no frontespicio do carro se verão duas aguias e no fim se levantará uma gruta, dentro da qual irão sentados rei, rainha; sobre a gruta se verá um pavilhão ou guarda-sol de pennas, o qual sustentará um negro vestido á ethiopeza; irão cobrindo a superficie d'este

carro variedades de passaros, como araras, papagaios, como tambem bugios; sobre os leões irão os Titeres, e finalmente se satisfará tudo á propriedade da nação.

E satisfez. A propriedade da nação ficou satisfeita: honra ao machinista!

Parou o carro e começou aquella negraria a fallar em verso com uma graça que não ha ahi cousa que mais diga! Como se deixou finar obscuramente o compositor d'esta peça, cuja originalidade tem de ser ponderada, quando alguem resolva escrever a historia litteraria de Braga no seculo XVII!

Ai! ai! neglas! ai amor!

cantam os negros.

Ai! ai! neglos! ai amor!

cantam as negras. E taes sarabandas e saracotes fazem elles e ellas, que é um doce peccado de olhos estar-se a gente pasmada n'aquillo que alli se faz em honra do Santissimo Sacramento.

que Reozo Saclamentaro
tambem pleto bayar manda

cantam muito manos os lascivos negrinhos e as lubricas negrinhas. (*)

Segue a representação dos gigantes escalando o Olympo.

Os deuses apavorados fogem do céu. Jupiter, cahido com outros deuses cá em baixo, traja pelles de carneiro. Transforma-se Apollo em veado; Mercurio em cegonha; Baccho figura de bode; Juno de vacca; Diana com barbas de gata; Venus em fórma de peixe. Que galantaria! que genios sahiram com aquellas lembranças! Os maganões dos bracharenses com que finura metteram a riso as divindades pagãs! E tudo isto foi *espectavel á vista,* diz o folheto.

Peripecia engenhosa: Jupiter volta ao céu, disposto a repulsar os gigantes. N'um carro dianteiro levanta-se *um monte sem sobrado com suas plantas* e mais quatro montes, que são Pelion, Ossa, Olympo e Pelóro, com seus letreiros, tirados de Ovidio, Virgilio e de outros. N'este carro vai o gigante Encélado vomitando chammas.

N'outro carro ergue-se um globo celeste, com os doze signos pintados, e dentro vai Jupiter ás cavalleiras de uma enorme aguia, cujo bico dardeja coriscos. Ao lado d'este carro gemem sob o peso do

(*) Que o Senhor sacramentado
tambem manda bailar o preto.

duas montanhas dous gigantes, em volta dos quaes seguem mais doze.

Quatro d'estes brutos conclamam :

> Al alto empyreo, gigantes,
> y áquella incurvada esphera
> subid, y sean los dioses
> los trofeos de una braveza.
> Guerra, guerra al empyreo !
> al cielo guerra !
> Vivan pues los gigantes,
> los dioses mueran !

Depois, canta alegremente do bojo de um monte a madre Terra, em quanto os gigantes mettem hombros ao Olympo. Jupiter sahe do globo celeste, verseja, troveja, sacode o feixe de raios, e logo a madre Terra atordoada corre a pedir-lhe perdão da ousadia sacrilega de seus filhos. Jupiter, dobrado pelas supplicas e encomios á sua magnanimidade, perdoa-lhes em nome do Santissimo Sacramento, com estas edificativas razões :

> A quel Dios nel Sacramento
> es quien merece el loor,
> pues que vino de los cielos
> daros benigno el perdon.

Esta generosidade de Jupiter é um dos lances do triumpho que averruma os corações e mais lagrimas tira dos olhos do publico.

E conclue o drama imaginoso com uma vistosa dança dos gigantes.

Devia ficar n'isto a festa: parece incrivel que vá mais longe a imaginativa dos poetas e a capacidade admirativa das turbas!

Não, senhores. A influição das cousas santissimas do culto christão fizera milagres n'aquellas cabeças. O que Braga inventou em 1687 foi tão extraordinario e por tanta fórma, que, desde então, está em pousio como terra fatigada e magra. Grecia e Phenicia tambem inventaram muito de pancada, e esmoreceram. Vão-se dobando os seculos e ellas dormem. Braga resurgirá com ellas? *Manet alta mente...* (*)

Recolhamo-nos ao assumpto.

Segue-se o *Triumpho eucharistico.*

Os personagens d'este bailado drama são Apollo, Latona, Titeres e Galanes.

Falle o inventor: *No primeiro carro vê-se Apollo, figura do Divinissimo Sacramento, o qual se ostenta regiamente vestido com os melhores thyrsos de ouro ou prata, adornado com o mais pre-*

(*) Na descripção de outras festas que os bracharenses fizeram em 1718 a S. João Marcos, o author, encomiando devidamente a habilidade inventiva dos machinistas, diz: «... Na composição de una figura, na idea de una mascara, na invençao de una dança sao insignes os bracharenses.» Veja a pag. 178 do mirifico livro chamado *Peregrino curioso*, obra do padre Antonio de Mariz Faria, Lisboa, 1721.

cioso das pedrarias, com as quaes irá vibrando raios.

De sorte que Apollo, pouco antes veado, apparece-nos agora Divinissimo Sacramento, regiamente vestido.

No segundo carro ia Latona, em figura de Nossa Senhora, *vestida á tragica, com roupas de seda de ouro ou prata a mais preciosa, com peito de lavrado ouro, esmaltado de diamantes.*

Aos pés d'esta Nossa Senhora ia alapada a serpente Python.

Canta Apollo. N'isto a serpente sahe fóra da lura com a cabeça horrenda. O povo urra convencionalmente. Apollo, figurando Christo, desembesta do arco uma frecha á cabeça da serpente. Morre a bicha. Latona agradece ao filho o favor de matar a serpe do peccado e canta com elle o seguinte minuete, que enternece a prantos:

Nel Sacramento,
que es de amor copia,
Divino Apollo,
Dios se transforma,
pues quando nieve
por arcos forma,
luzes por flechas
al alma arroja.

Nunca se tinham visto figurações tão piedosas e commoventes, se exceptuarmos o espectaculo final

d'aquelle triumpho. Era o baile de Ismael, em que representavam seus papeis Agar, Ismael, dous satyros, oito nymphas, quatro Galanes e um anjo. Viu-se Abrahão expulsando do seu palacio Agar e o filho: isto n'um carro. Á volta de Abrahão resplandecem quatro damas *vestidas á tragica com peitos de ouro e penachos,* e o anjo tambem á tragica.

N'outro carro ia a escrava e o filho. Ismael pede agua a brados afflictos; Agar sente que a dos seus olhos seja salgada. Um satyro, enfreando a sua proverbial incontinencia, acerca-se do triste grupo e exclama:

> Que teneis? que os afflige?
> Jesus, que flor!
> mas el nino se muere,
> quedad los dós,
> adiós, adiós. (Vai-se)

Redobram as lastimas de Agar. Desce um anjo... não desce, sahe de um caixote de pasta e arranja alli no cabeçalho do carro um chafariz com seu repucho. O pequeno bebe á tripa fôrra, e as senhoras das janellas e o mulherio da rua, exclamam todas:

— Coitadinho, coitadinho!

Agar, exultando, delirante de jubilo, canta:

Cantade alabanças
bolbiendo a dizer :
«Viva el Sacramento
«Em Braga, sim ! sim !»

E acabou-se o triumpho do Santissimo Sacramento em Braga no memoravel dia 24 de maio de 1687.

VIII

Na ermida do Bom Jesus do Monte

Singular desconcerto e disparidade de espiritos humanos! Balthazar Pereira da Silva assistiu com sisuda compostura ás sacrosantas tramoias da festa do Santissimo Sacramento; mostrava-se elle, não direi edificado, mas sem duvida satisfeito da engenhosa allegoria dos gigantes e da tragedia-farça da desamparada Agar, cuja legenda, relatada nos livros santos, enternece. Louvavel, e tanto mais admiravel juizo o d'este moço intelligente e culto, quanto D. José de Noronha, rustico e desluzido da minima faisca de poesia, a cada apparecimento de baile ou allegoria, desfechava da janella abaixo gargalhadas estrondosas até á brutalidade sacrilega!

As irmandades, os conegos, arcediagos e chantre, os juizes, mordomos, vedores e escrivães da festa, o senado, as justiças e o restante dos personagens que condecoravam a procissão, levantavam

olhos iracundos á janella de uma casa do campo da Vinha, onde o senhor de Alijó exhibia, dando grandes palmadas, a sua aparvalhada alegria, se não era antes um escandaloso gargalhar de cousas tão santas. Na janella contigua estava D. Mécia e seu pai, ambos vexados da estouvice do parente, sem, todavia, ousarem admoestal o. Balthazar, tambem corrido da imprudencia do amigo e já farto de lhe pedir que se comedisse, sahiu da janella, e foi espreitar o remate da procissão por entre os hombros de Lopo e de sua filha. Ahi, porém, esteve elle em perigo de romper alguma veia importante, á conta de suffocar o riso, quando viu o Santissimo Sacramento figurado em Apollo e a Virgem Nossa Senhora vestida de Latona, á tragica. Fugiu da janella, a tempo que D. José o ia procurar a fim de perguntar-lhe o que significava aquella historia. Balthazar não respondeu, atabafado de riso, mas um arcediago trôpego, que não podéra acompanhar o triumpho, respondeu:

— Eu lhe digo, snr. D. José: a formosissima Latona rendeu á sua belleza o supremo Jupiter. Juno, assim que se viu atraiçoada pela rival que concebera do deus, mandou á serpente Python que a perseguisse e lhe impedisse dar á luz o filho. Neptuno, conscio da projectada vingança, escondeu e defendeu Latona na ilha Delos. Aqui nasceu Apollo; e desde a tenra puericia se adestrou no jogo das ar-

mas, com o proposito de matar a dita serpente Python, como de feito matou a fréchadas; e logo, consummada a façanha, sahiu a mãi a coroal-o com uma corôa de louro. Este feito deu azo a que se inventassem os jogos chamados pythios. Até aqui a fabula — continuou o arcediago, a tempo que D. José bocejava pela segunda vez, piscando o velhaco olho a Balthazar. — Vejamos agora a congruencia que tem a fabula com o triumpho eucharistico. Alli se vê, n'aquelle carro, Apollo, figura do Divinissimo Sacramento, vibrando raios e sentado em luzido throno. No outro vai Latona, com o nome de Nossa Senhora da boa memoria. Apollo, matando a serpente, é a figura de Christo, que vinga a Eva do paraizo terreal e resgata a humanidade.

— Não está mal arranjada a engenhoca! — disse D. José de Noronha.

— Chama v. s.ª engenhoca ao sublime invento?! — atalhou o arcediago de Fonte Arcada, acaso ferido na sua louvavel vaidade de inventor allegorico das principaes zarandalhas do triumpho.

D. José, estranho a práticas mythologicas com sabios da polpa do prebendado, não respondeu á pergunta emphatica e foi dizer á prima que estava alli um homem gordo a explicar a historia da snr.ª Latona da boa memoria, que era aquella figura do segundo carro.

— Quem é ella?— perguntou D. Mécia com devota curiosidade.

— É a Latona.

— Ah! eu cuidei que era Nossa Senhora...

— Pois tanto faz... Disse o padre que é Latona...

— Santa Latona? — tornou a menina.

— Acho que sim.

— E aquelle santo?

— Aquelle?.. Ó Balthazar, quem disse o homem que era aquelle?

— É o Sacramento symbolisado no Apollo da fabula — respondeu Balthazar sisudamente.

— O quê? — interrogou Mécia.

— Tu não sabes explicar — disse D. José ao das Olarias. — Eu vou chamar o homem, que venha contar a historia á prima.

— Pois vá — acudiu a menina.

E, com effeito, o arcediago de Fonte Arcada, abordoado ás muletas, foi contar miudamente a fabula dos amores de Jupiter, dos ciumes de Juno, do nascimento de Apollo, da morte da cobra, dos jubilos maternaes de Latona, tudo congruentemente representando ou talvez prenunciando o drama da redempção humana. Consolou-se a menina de ouvir a historia e contemplou mais devotamente o espectaculo, a tempo que o arcediago lhe ia traduzindo para vernaculo os versos hespanhoes do dra-

ma. Do que ella muitissimo se deleitou foi ver uns meninos mui graciosos aos saltos e viravoltas assim que a serpente morreu. Cantavam elles:

> Já que morreu a serpente,
> dêmos duas cabriolas;
> que, medrosos de seus olhos,
> nada até ora fizemos.

Dança e lettra era tudo tão bonito, que as multidões não sabiam a quem competia a palma, se ao poeta, se ao professor dançarino! A farinha dos dous devia de ser a mesma.

Anouteceu e fechou-se aquelle dia 24 de maio de 1687 para todo sempre memorando.

Ao outro dia, D. Mécia de Sampayo mostrou ardente devoção de ir visitar ao monte Espinho a pobre ermida que primeiro fôra da invocação de Santa Cruz e por 1629 se denominára do Bom Jesus do Monte.

Que formosa e scismadora magestade não devia de ser aquella da cerrada matta do monte Espinho, com a rustica ermida lá muito emboscada entre arvores, chamando a si os devotos por estreita vereda ladeada de murtas! Nem alterosas casarias, nem escadozes marmoreos, nem estatuas colossaes, nem frontarias soberbas de templos, nem repicar estridulo de sinetas, nem hospedarias a desmentir

a boa fé e innocencia dos romeiros que vão ao Bom Jesus persuadidos de que não ha bandos de salteadores n'aquella serra, alli ás barbas de tantos patriarcas e apostolos!

Em 1687, já aqui e além algumas capellinhas da sagrada paixão se entreviam por entre a ramagem, não caiadas, mas alvejantes do bello granito do monte. De umas para outras, ao cahir da tarde, se ia o ermitão a orar e encher de oleo as lampadasinhas de cobre, metal desvalioso que a piedade dos crentes de hoje não ousaria offerecer ao Senhor. Agora é cousa muito de ver como lá resplende a baixella, os lampadarios de prata, as corôas de ouro, os mantos de brocado, as capellas de frontaes rendilhados, as estatuas cizeladas com buril inspirado, uma raça de judeus bonitos a invadir a truculenta missão dos judeus hediondos que o povo queria ver assim medonhos a fim de ganhar mais indulgencias praguejando-os... Emfim, o Bom Jesus do Monte de hoje em dia não tem que ver com a pobre e santamente poetica ermida, diante da qual D. Mécia, como anjo de alabastro, se ajoelhou na manhã de 25 de maio de 1687.

Ao lado da menina estava tambem ajoelhado o velho, com as mãos postas. Alguns passos atraz d'elles estava Balthazar Pereira, com o joelho direito sobre a raiz proeminente de um platano e os olhos n'um raio de sol, que tremulava na cabeça de

Mécia, conforme estremecia a folhagem que a intervallos o interceptava.

Qual dos tres levantava mais afervorado coração a Deus? Devia de ser o mais enlevado nas maravilhas das obras divinas. Mécia via uma imagem da Virgem lagrimosa; Lopo via o juiz supremo da sua vida já pendida ao termo; Balthazar via uma mulher, como inclinada e agradecida ao Creador que lhe sobredourára a innocencia com as mais estremadas galas d'esta breve alegria de olhos humanos — a formosura.

Mécia diria: «Salvè, rainha, mãi de misericordia!..»

Lopo diria: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje.»

Balthazar não pediria misericordia, nem pão: póde muito bem ser que dissesse: «Deus omnipotente, creador do anjo encantador que te está adorando, permitte que eu ainda te ajoelhe com ella, agradecendo os castos jubilos do nosso amor conjugal!»

Oh! é isto aventar muito pelo alto o que devia ir de preces arrobadas no coração d'aquelle mancebo!

E assim, mais ou menos enlevados estavam os tres, quando D. José de Noronha sahiu d'entre um cerrado de carvalheiras, exclamando:

—Alviçaras! arranjam-se tres gallinhas e duas

duzias de ovos! Hoje vou eu cosinhar á casa da confraria!

E, como os devotos romeiros lhe não respondessem, D. José foi espreitar ás grades das capellas e disse, reparando nos soldados romanos do quadro da resurreição:

— O' Balthazar, anda ver que judeus estes! que narizes! e que dentuça! É bom que se vão queimando os descendentes d'estes bichos! Venha ver, prima D. Mécia, que ha-de ficar passada de horror! Parece que foram fabricados a serra e machado estes enxovêdos!

Levantou-se a fidalga assim que o pai se benzeu. Balthazar, com semblante de christão consternado, perguntou a D. Mécia se queria repousar na chamada *sala grande* da confraria, visto que o sol das onze horas ia apertando.

— Não, primo, — disse ella — eu antes quero passar as horas do calor debaixo das arvores; a calma não é grande.

Lopo de Sampayo tinha ido em direitura ás duas capellinhas distantes, onde o senhor de Alijó estava apostrophando os soldados de Poncio Pilatus. D. Mécia ficára sentada n'um fofo de relva matizada de boninas e Balthazar perto d'ella encostado á arvore em cuja raiz ajoelhára. Assim que o velho se affastou, o moço, sem esconder-se dos olhos da formosa, tirou da algibeira do gibão de lemiste

uma navalha e entalhou de quatro golpes uma lettra, que appareceu alva e humida da seiva do tenro platano, assim que elle com a ponta do ferro fez saltar a casca golpeada. Mécia reparou e viu um *M.*

— Ah! — disse ella — em que instante o primo fez essa lettra!

— E a arvore parece que está chorando! — notou Balthazar.

— Chorando!.. — e avisinhou-se a menina da arvore — É verdade!.. parece!.. porque é?

— Porque chora a arvore? Talvez compadecida do infeliz que abriu aqui esta lettra... a primeira lettra do seu nome, minha prima!..

— Sim... é do meu nome!..

E fitou por instantes uma vista docemente perplexa nos olhos do mancebo.

Seguiram-se minutos de silencio Balthazar não pôde sopesar o impeto da paixão — era já paixão — o subito enlouquecer dos doudos da poesia, aquelle ascender do coração até aos labios, que se abrem involuntarios como acrusta da terra irrompida pela explosão da lava. Foi uma palavra sómente:

— Mécia!

Mas como elle articulou aquella palavra!

Necessitava de chorar para dizel a? E chorou duas lagrimas, uma por cada face, as primeiras que Mécia tinha visto em rosto de homem.

A menina encarou-o com inquietação e como

assombrada; e a basquinha de seda escarlate não lhe vencia o rubor das faces.

— O' Balthazar! — exclamou de longe D. José — anda ver estes diabos! O primo Lopo está espantado!

— Vamos? — murmurou Mécia.

— Sim, prima, vamos...

E, dados alguns passos, perguntou elle:

— Se eu a offendi, perdoou-me?

— Não me offendeu...

— Achei livre o seu coração, Mécia?

— Sim...

— Jura-m'o... por alma de sua mãi?

— Não é preciso jurar...

— Ainda não amou em sua vida?

— Não...

— Então... — disse elle com a precipitação de um jubilo que semelha o anciar de uma dôr grandissima — então posso crer que sou o mais feliz homem d'este mundo, Mécia!?.. Posso? — instou elle, espirando fogo do coração.

Não respondeu a creatura divina. Ia cogitativa em qualquer enleio, que lhe realçava a belleza. O aspeito do moço, digamol-o assim, dava ares dos santos que nós temos visto nos dramas sacros e nas scenas da gloria final a subirem ao céu, rodeados de anjos. E, fóra dos dramas sacros, a gente vê tambem ás vezes caras semelhantes á d'elle nos

parvos felizes, nas almas eleitas que se engolfam n'um oceano de iriadas visões de chimeras, como o sonho de um turco opiado. São caras, para assim dizer, commum de tres: de santos de theatro em gloria; de parvos felizes; de turcos opiados.

Oh! como a cara do homem, por falta de variedade, póde ter-nos em incerteza de cousas tão incongruentes, como são um excelso amor, e uma raza tolice e uma narcotisação cerebral!

IX

Presagio

Balthazar Pereira da Silva não cuidaria ser cousa possivel, desde aquella manhã do bosque do Bom Jesus, que algum homem houvesse sentido tanto amor e felicidade como elle. Mécia, por sua parte, confirmava exuberantemente, a cada instante, a dita do moço, respondendo-lhe com umas namorações de olhos mais quebrados e lindos que os da langorosa Agar do auto bracharense, agradecendo ao anjo a agua com que dessedenta o filho.

Entre-olhavam-se, ora em fito, ora de relance; e até, sem se olharem, se estavam vendo; porém conversavam tão pouco e de fugida, que parecia esquivarem-se um do outro. Geitos e tregeitos do amor.

D. José deu conta d'aquelles disfarces sem proposito. Até ahi chegava a esperteza d'elle. A Lopo de Sampayo, que via tudo pelos olhos da estremecida menina, passou despercebida a dissimu-

lação dos dous namorados. Claro é que se faz preciso ser mais velhaco do que atilado para entender os colloquios mudos de duas almas, conversando-se de longe, como pombas que se arrulham de uma arvore para outra.

O estouvado fidalgo de Alijó, levado do seu genio folião, começou a desfechar umas risadinhas intencionaes, quando surprehendia o amigo embebecido no talhe gentil da prima, cuja cintura e espaduas eram de uma correcção e delicadeza que não havia mais que pintar. Estes risos, desfechados indiscretamente na presença do velho, irritavam Balthazar, que não teve mão da sua colera e lhe disse:

— És brutal em tudo, D. José! Figura-se-me que não voltaremos juntos a festas onde possam concorrer damas...

D. José relevou de boa feição o epitheto e corrigiu-se. D'alli em diante, em vez do riso, arranjou uma tosse ainda peior: era um grunhido catharroso mais brutal ainda; todavia, Lopo de Sampayo não inferia nada dos grunhidos do parente.

Felizmente, o de Alijó, como encontrasse em Braga mancebos peritos em gineta, associou-se com elles em mostra de gentilezas de cavallerias e deixou em paz os dous corações, que de tudo se temiam como creanças, sollicitas em colher flores e ao mesmo tempo assustadas das abelhas que zumbem á volta das corollas. Balthazar era admiravelmente

uma creança. Que ella o fosse, não ha que admirar: é gracioso condão das mulheres, tanto na mocidade como em annos graves, quando o verdadeiro amor as alvoroça, alindarem-se e remoçarem-se com umas denguices e puerilidades, que seriam sempre adoraveis, se não fossem, uma vez por outra, ridiculas.

Detiveram-se cinco dias em Braga os fidalgos de Anciães, forçados por continuadas visitas de parentes, alli reunidos de mui distantes solares de entre Douro-e-Minho e Traz-os-montes.

O morgado das Olarias poucas horas do dia sacrificava ao receio de ser entendido do velho; e Mécia, n'um volver de olhos magoados, o reprehendia e accusava, quando elle se detinha tempo bastante para que a saudade a inquietasse.

Na vespera da sahida para sua casa, perguntou Lopo a D. José:

— O primo cá fica por Braga naturalmente...

— Meia duzia de dias: vou a Cavalleiros ver os primos Eças, e o primo visconde de Villa-nova da Cerveira, e os primos Abreus a Santa Vaia de Ruivos.

— Todos por egual meus parentes — acudiu Lopo. — Minha tia tresavó D. Izabel Vaz foi casar á casa do Real com Truillos de Araujo de Azevedo. A neta d'este e minha prima a snr.ª D. Marianna de Sá casou com Francisco de Abreu, pai dos

actuaes. Queira o primo D. José dar-lhes um abraço de minha parte e desculpar-me de não ter ido ver pessoas tanto de minha obrigação. E o primo Pereira da Silva tambem se vai Minho dentro a visitar parentes? Olhe que os tem illustrissimos por toda esta corda de Cabeceiras de Basto além...

— Nem de nome os conheço,— respondeu Balthazar — nem espero já honrar-me de encontral-os como casualmente me succedeu com v. s.ª Faço conta de acompanhar o primo Lopo até Villa Real e lá ficarei no convento dos franciscanos com o meu frei Antonio de Christo...

— Quem é esse frade? — atalhou o senhor de Anciães — Já lhe ouvi dizer que elle, desgostoso da vida, vestira o habito e deixou de appellidar-se Mendanha.

— Veio do Alem-Tejo alli parar a Villa Real. Sei pouco de seu nascimento; creio, porém, que o teve muito illustre...

— Sim... — sobreveio Lopo—Os Mendanhas são nobilissimos em Portugal desde Pedro de Mendanha, alcaide de Castro Nuno, que entrou n'este reino em tempo do senhor rei D. Affonso V. Teem por armas escudo de prata com leão negro, armado de vermelho, orla de azul, coricada de ouro, o tymbre o leão...

— Não sei se Antonio de Mendanha descende do alcaide de Castro Nuno: excellentes qualida-

des sei que as tinha e grandes espiritos — disse Balthazar.

— E porque se fez frade? — perguntou D. Mécia.

— Porque lhe roubaram a alegria da mocidade, minha senhora.

— Amores desventurados? é bem de ver — disse o velho.

— Justamente...

— Então como foi? — instou a menina.

— Um caso simplissimo. Amou desde muito moço uma parenta; cursou os bancos da Universidade de Coimbra na esperança de melhorar-se de bens, porque era filho segundo, e casar com a prima. Estava o moço no seu ultimo anno, quando ella casou com outro. O desgraçado rapaz não voltou á casa paterna; pediu alguma parte do seu pequeno patrimonio e caminhou de terra em terra até encontrar um convento pobre escondido entre arvores. Topou o de S. Francisco de Villa Real, triste e só, bom para morrer em silencio. Lá está, faz hoje tres annos.

— E está conformado? — perguntou Lopo.

— Parece que sim... porque vive e não chora... se é que as lagrimas d'elle sé não esgotaram, em razão de serem dadas por medida a cada homem. A serenidade, fingida ou sincera, é o que mais me assombra no semblante d'elle. Cuidei que alguns

mezes bastariam a despegar as fibras d'aquelle alanceado coração; e eil-o vai já no quarto anno de professo e vive!

— O amor a Deus não se arreceia de ingratidões... — observou judiciosamente o velho.

No entretanto, Mécia ouvia com magoado ròsto a historia e parecia scismar n'ella. A tempo foï que o senhor de Anciães teve de ir á sala receber o adeus de um parente que sahia de Braga.

Assim que elle sahiu, Balthazar disse pressurosamente a Mécia:

— A historia do meu amigo deixou-a pensativa, minha prima...

— Deixou...

— Foi bem despiedada a mulher que o enganou, não foi? Perder assim o coração que tanto lhe queria... vestil-o com aquella mortalha de franciscano... atiral-o á beira da sepultura...

— Mas elle... — murmurou D. Mécia, e susteve-se.

— Elle... quê, prima? diga...

— Escusava de se fazer frade... Havia de encontrar tantas donzellas que o amassem...

Esta razão entrou de negro no imo coração do moço. Destoou-lhe acerbamente proferida por aquella bocca innocente. Comprehender um coração virginal a possibilidade de transferir-se o amor de uma para outra mulher! Não cuidar ella que uma alma

atraiçoada devia de forçosamente morrer a quantas ao depois se lhe deparassem!.. Estes rapidos conceitos, porventura injustos, levaram-no com dolorosos empuchões a duvidar ou da pureza do coração ou da bondade dos instinctos de Mécia. Juizos precipitados que, todavia, lhe sahiram aos labios com um disparatado presentimento.

Disse elle, corridos instantes:

— Crê possivel que eu possa amar outra mulher, se alguma vez... minha prima me esquecer?..

— Quem sabe?.. — balbuciou ella — Os homens...

— Os homens... — atalhou Balthazar — que sabe Mécia dos homens?!.. Não me disse que ainda não amou?

— Disse verdade; mas... tenho visto acontecimentos...

— Viu infamias?.. viu homens de condição vil?.. Póde ser; que o mundo é um covil de feras; póde ser; mas, minha prima, considere-me digno de si...não me eguale aos homens que n'este instante lhe acodem á memoria... Eu queria que não recordasse ninguem n'este momento... ninguem!...

D. Mécia levantou os olhos á face purpureada do moço e sorriu com o geito amorosamente supplicante de quem assim pede perdão de uma injustiça.

Ora, n'este lanço, quando o peito de Baltha-

zar parece que devia exultar, bate-lhe n'elle de subito a mão glacial do presagio, e o moço, como tremente de susto, exclama:

— Vi-me n'este instante amortalhado como Antonio de Mendanha! amortalhado por sua mão, prima Mécia!..

N'este comenos, entrou Lopo de Sampayo, dizendo com regalada vaidade:

— Era meu primo Antonio Monteiro Paim, senhor da Honra de Villa Cahís.

X

Ciumes

Balthazar, comquanto D. Mécia lhe não motivasse bem justificados ciumes, anciava por tiral-a de Braga. Os fidalgos da terra e de fóra sahiam mui requebrados, todas as tardes, ao campo da Vinha, com os olhos postos na janella, d'onde a menina urbanamente lhes recebia as cortezias, folgando com especial attenção de ser cortejada — em bom sentido, já se vê — por dous ou tres que levantavam nuvens de poeira de sob as patas dos cavallos remessados em upas e galhardos trancos. Não só estes, senão todos, andavam embellezados n'ella. Ajustava-lhe de molde á menina um dizer bonito de Sá de Miranda, com respeito a outra de semelhantes dons: «moça para quem agora toda a cidade se embica». Andavam todos, pois, embicados n'ella e Balthazar com as entranhas em vivo fogo.

D. José de Noronha recebia os emboras de tão esbelta prima, e desfazia no culto, que lhe davam,

galhofando dos ossos da menina e da cara amaleitada com que ella parecia andar negociando passaporte para outro mundo. Á custa, porém, de lhe martellarem com a belleza de D. Mécia, o senhor de Alijó chegou a crer que devia ser verdadeiramente bonita uma creatura por quem os primeiros galans do norte do reino bebiam os ventos. O que lhe diziam fóra ia elle referir a Balthazar; e ou porque lh'o dissessem ou elle o inventasse, contou que um fidalgo de Guimarães se pavoneava de ter conquistado um sorriso de Mécia. Que conquista!

O fidalgo de Guimarães, a não ser cousa imaginaria de D. José, correria perigo de ser reptado pelo Nemrod transmontano; felizmente, a noticia chegou já quando a fidalga se aprestava para a jornada. N'uma entre-aberta que a ausencia de Lopo occasionou, Balthazar disse a D. Mécia:

— Contam-me que um homem de Guimarães se gaba de lhe ter merecido um sorriso. É isto calumnia, prima?

— Um sorriso! — disse ella com uns modos de espantada do inepto interrogatorio — Eu sei lá se me sorri para o homem de Guimarães!..

— Não sabe? — acudiu Balthazar, empallidecendo.

— Não... E então que tem isso?.. Rir-se a gente é crime?

— Consoante a intenção... — respondeu o mo-

ço; e, passados momentos, levou as mãos ao rosto e murmurou com afflicção: — Que estranha me está parecendo a minha vida!.. Este amor é uma desgraça immensa!

Mécia encarou n'elle com algum dissabor, senão desagrado. A interrogação primeiro e depois a exclamação impetuosa impressionaram-na ingratamente.

Mui simples glosa tem o desgôsto da menina: é que ella não amava o primo até ao ponto de lisongear-se do ciume e do tom soberano com que fôra interrogada. Nunca vira franzir-se a testa de seu pai tão mal assombrada como a do homem que ella conhecia de poucos dias! Estranhou e retrahiu-se.

A ideia do amor, como ella a formava, era um extremo de meiguices desconhecidas; ora Balthazar sahia-lhe muito antes de tempo com certo geito de senhor que lhe queria dominar até os sorrisos. Isto assustava a moça.

Demais d'isso, o aspeito do morgado das Olarias era, sobre melancolico, pesado. As sandices de D. José escassamente lhe entre-abriam um ar de forçada graça na bocca. Para os dezoito annos de Mécia uns ademans extemporaneos de velho quadravam mal. Fôra preciso amal-a, brincando; ensinar-se-lhe o credo do amor, como ás creanças se ensina, em tom de brincadeira, o credo da egreja.

Assim se explica a felicidade não rara de certos velhos com certas meninas: é que se acreançam e em si remoçam as momices dos vinte annos. Façam assim os novos, se não querem espavorir as arveolas que saltitam por entre as boninas da sua perfumada primavera. *Inducti discant.*

Lopo de Sampayo, quando voltou, fez reparo na tristeza da filha. Chame-se tristeza ao recolhimento pensativo com que ella de si comsigo estava dizendo: «Pois este homem quer que eu me não ria!»

— Que tens, menina? — perguntou o velho — Estás a modo de triste!..

— Não estou.

— Aposto que levas saudades de Braga? Pois olha que tambem as deixas... Regala-se um pai de ver os affectos que a sua filha ganha... — E, soltando uma alegre risada, continuou: — Agora, sempre t'o digo, Mécia... Olha que já são tres os casamentos que se te offerecem em Braga! Em sete dias, é muito, realmente!

— E eu admiro que não sejam mais os pretendentes á mão de sua filha, primo Lopo! — disse Balthazar, compondo o exterior com quanta arte pôde e soube para dissimular o abalo interno.

Mécia fez um mimoso tregeito de desdem e murmurou:

— Ora!.. melhor seria que me deixassem... Estou muito nova para pensar em casamento.

— Pois estás, estás — disse jubilosamente o velho. — Tu bem sabes que teu bom pai não te quer casar por ora, nem precisaria vir a Braga escolher-te noivo. Quando tinhas cinco annos, já os primos de Lisboa, todos titulares, te pediam para seus filhos.

D. José de Noronha entrára a tempo de ouvir estas e outras jactancias fallaciosas com referencia aos casamentos offerecidos á prima. Sorriu-se o sujeito, dando de olhos a Balthazar, como quem zombava da bazofia de Lopo e promettia dizer alguma cousa a tal respeito.

O de Alijó quiz acompanhar o amigo e parentes até fóra de Braga.

Mécia ficou aprazivelmente surprehendida, quando, a poucos passos da casa onde se hospedára, encontrou grande escolta de cavalleiros mancebos, que a cortejaram e se enfileiraram ao par depós a liteira.

— Qual é o de Guimarães ?— perguntou Balthazar alvoroçado.

D. José examinou-os todos e disse :

— De Guimarães estão alli sete pelo menos.

— Quem é o que se gabou de conquistar um sorriso de Mécia ? — tornou o das Olarias.

— São todos. Não viste que ella ainda agora se riu para todos? ! Sabes tu que mais? Desandaste em sandeu, meu pobre Balthazar ! E parecias mais

atilado que os outros! Querem ver que te fazes um Ferrabraz de Alexandria, por causa da rapariga? Estás aviado! Se a moça se rir para mim, dás-me cabo do canastro, pelos modos! Olha cá: sempre te quero dizer que Mécia não te serve para esposa.

— Porquê?!

— Porque o patrimonio d'ella é cousa de pouco mais de dez pipas de azeite e vinte carros de batatas, quarenta de milhão e alguns saccos de feijões. Cá em Braga já me informaram uns de Moncorvo. O avô foi um gastador; este Lopo acabou de dar cabo da casa; de modo que, em elle fechando olho, a rapariga fica herdeira de um pardieiro com ameias e de uns campos que rendem trezentos alqueires, porque isto é vinculo; o resto são bens livres todos empenhados. Ora tu, cá pelas minhas contas, não tens nem metade do rendimento d'ella dos teus bens das Olarias; e, se te casas com esta menina, á meia volta, vem a cainçada dos pequenos e não tens sequer dotes com que os mettas frades. Vê lá se te serve mulher d'esta laia!

Balthazar levantou os olhos do pescoço do cavallo, deteve-os curto espaço na cara alvar do amigo e disse:

— Pedi-te uma vez que me não fallasses de Mécia; peço-t'o segunda.

— Ó lorpa! — exclamou comicamente D. José, impertigando se sobre os estribos -- Se te vejo apai-

xonado por tal lagartixa, á fé que te esborracho!

Balthazar deu de subito de esporas no fouveiro e remessou-o para o lado da liteira, perfilando-se com um gentil cavalleiro, que devia de ser um dos sete fidalgos de Guimarães.

Não pôde já ouvir o que elle dissera, inclinado á portinhola da liteira; surpresou, porém, o riso fatal nos labios da menina.

D'ella relançou os olhos coriscantes ao cavalleiro e d'elle outra vez os revirou fulminadores ao rosto escarlate de Mécia.

O velho deu conta d'esta scena muda e disse entre si:

— Querem ver?!..

Balthazar, raciocinando, tirou a limpo que o fidalgo vimaranense não podia dizer phrases amoriscadas a Mécia na presença do pai. Esta razão enfreou-o; todavia, o cavalleiro, olhando-o de esguelha, parecia ir cogitando no modo de aproveitar lanço de provocação.

Não se lhe ageitou até ao ponto em que os da comitiva retrocederam, depois de irem um por cada vez cortejar os illustres viandantes. Gorou-se alguma façanha digna de escriptura.

D. José de Noronha despediu-se até um dia perto, promettendo assim ir a Anciães visital-os, com o que Lopo de Sampayo se deu por grande-

mente obrigado, impondo-lhe juramento na pontualidade da promessa.

As ultimas palavras do senhor de Alijó ao seu amigo foram dignas de Seneca ou Labruyère:

— Não sejas asno, ouviste? Mulheres... são mulheres. Tu bem me entendes.

O velho ia desconfiado, a filha inquieta e o moço melancolico. Da inquietação de Mécia não sabemos que pensar, senão que lá no secreto d'alma se fazia a tristeza do agouro, a escuridade subita que se vos fórma, na hora em que as alegrias parecem chover cada uma em seu raio de luz; e todas apontando á esperança luzentissima. A isto chamaes presentimento, depois que á tristeza mysteriosa se seguiram infortunios que a repintam na lembrança.

D'ahi vinha encarar ella no guapo cavalleiro com affecto e susto ao mesmo tempo. Se, todavia, o moço, por força de algum acaso, retrocedesse ou se adiantasse, a filha de Lopo magoar-se-ia algum tanto no coração e muito na fibra sensivel do amor-proprio, fibra tão irmã das do coração, que é difficil saber quando vibra uma sem as outras.

Na primeira estalagem onde sestearam, em Pombeiro, D. Mécia perdeu o susto. A melancolia de Balthazar e uma lagrima em profundo silencio enfeitiçou-a. Foi lagrima que a ungiu dos dons da poesia. A folhagem das arvores escondia umas aves, as poetisas do céu, que, alli perto d'elles, ce-

lebravam os amores de dous peitos que nunca tinham florido. Balthazar, do canto de uma varanda, com pavilhão de parras, estava espreitando Mécia, a qual por entre os limoeiros, que lhe ensombravam o postigo do quarto, estava espreitando Balthazar. D'estes quadros tenho visto muitos pintados em pratos e pires e leiteiras, mas isso não desvalia, antes encarece, a belleza da scena, reproduzida porque é belleza universal e de todas as idades.

Lopo de Sampayo, para esquivar-se a que o trasladassem para prato ou tampa de terrina, estava dentro a dormir e ressonava.

Mécia, tregeitando uns adoraveis meneios de virgem assustadiça, abriu subtilmente a porta envidraçada do postigo, desviou as ramas do limoeiro e animou Balthazar a perguntar-lhe se levava saudades de Braga.

— Saudades de quê?—disse ella — De quem hei-de eu levar saudades ! ?..

Balthazar, instado pela resposta, antes quiz responder gracejando que mostrar-se magoado por ciumes do homem de Guimarães.

— Saudades—disse elle— d'aquellas festas...

— Ah ! eram bonitas ! Eu gostei muito, principalmente da historia de Agar...E aquelle bruto do primo D. José a rir-se de tudo!.. Um estouvado assim!..

— Não tracte d'esse modo o nosso amigo —

atalhou Balthazar. — Pois não acha que elle é um mancebo amavel?

— Amavel!.. — acudiu a menina — Póde ser amavel um homem assim, que não falla senão em touros e comedorias!.. Quem ha-de gostar d'elle? Não tem civilidade nenhuma!.. Parece que nunca sahiu do matto! Eu, por mim, nem que elle me fizesse rainha!

— Mas... — redarguiu o morgado das Olarias — figurou-se-me que seu pai o estremava com muita distincção de quantos o visitaram em Braga...

— E que faz isso?!..

— Não sabe o que são presagios, prima Mécia? O coração nunca lhe sahiu do peito, com violentissima agonia, para ir ao longe ver alguma cousa muito triste?

— Não... E que quer dizer?.. Diga; não esteja assim triste... Peço-lhe, primo!.. Então?..

— Pois sim, digo; mas tenha pena da minha pobre cabeça... Sabe o que eu sonhei no delirio d'este amor que lhe tenho?.. Quando seu pai obrigou a palavra de D. José á promessa de ir visital-os a Anciães... via-a, Mécia, via-a amada de D. José e levada por seu pai ao altar, até ser esposa d'elle!..

A menina bamboou a cabeça, abafando no lenço o riso que lhe arquejava gentilmente o seio.

— Que ideia! — disse ella — Melhor sorte me

ha-de dar Deus! Se meu pai me quizer casar com elle ou com outro aborrecido como elle, vou ser religiosa. Mal por mal, antes no convento. É o que me dizem cinco tias que tenho freiras e vivem alegres... Ora! se vivem! Se eu tivesse mais irmãos, já lá estava em Lorvão com as tias... Aquillo é que se divertem pelas grades á sua vontade!

— E poderia facilmente separar-se hoje do mundo e fazer-se freira, prima?— interrompeu Balthazar, com sincero pesar de a ouvir tão jovial e desenganadamente elogiar os divertimentos da vida monastica.

Mécia retrahiu-se subitamente do postigo, porque o pai saltára do catre praguejando contra os persevejos.

E as phantasias d'aquelle amantissimo rapaz! Que desatinos o amor pintava na imaginação de Balthazar! Se era possivel amar aquella doce compleição de Mécia a bruteza de D. José de Noronha, que se declarára, na estalagem de Ovelhinha, inimigo de mulheres magras e pallidas! Um sordido que tinha creado o axioma, sabido hoje em dia de toda a gente: — que *o comer é o principal!* e outro, não menos offensivo de corações melindrados e senhoris: — que *a mulher se quer forte para o que der e vier!* Quem tão rusticamente sentia e se expressava poderia tentar espiritos afidalgados, como os da morgada de Anciães? Verdadeiramente, só

a cabeça allucinada de um amador bisonho, como era o caçador das montanhas de Barroso e Alvão, poderia conciliar tão destemperados disparates! Mulheres do feitio de Mécia, quando não amam o rouxinol das balças, amam rapazes magros, macillentos e scismadores. É o mais usual.

IX

As orações de frei Antonio

Annunciaram a frei Antonio de Christo que estava na portaria o seu amigo Balthazar Pereira. Desceu o frade da sua cella á porta; e, obtida licença do guardião, recebeu nos braços o condiscipulo. Perguntou-lhe pormenores das soadas festas de Braga: o abstrahido romeiro parecia estar-se recordando do que vira e respondia como quem se recordava de pouco.

— Estranho-te!—disse frei Antonio— Que ha de novo na tua vida?

— O amor — disse Balthazar.

Sorriu-se o frade e replicou:

— Ruim nova!.. Não sou o mais azado amigo para confidencias d'essa especie; mas, se te vai bem fallar dos teus amores, diz.

Balthazar, ora verboso e ardente do enthusiasmo que accende a esperança, ora quebrantado e esmorecido de saudades, disse o succedido des-

de o Marão até ao separar-se de Mécia, meia hora antes.

— Agouras mal d'esta paixão, Antonio? — perguntou elle, concluida a narrativa.

— Onde tu vens procurar oraculo! — observou o frade — Agouros em amor são prophecias escriptas sobre areia, meu amigo. Não andes ás vozes em cousa de tal natureza ou de tantas naturezas repugnantes, mais acertado será dizer...

— Viria eu magoar-te com revelações de tal ordem? — atalhou o das Olarias — Recordações...

— Já não — acudiu frei Antonio. — Desde que o homem se entrega, com suas inculpadas fragilidades, ao divino defensor, está resgatado. A salvação está no chorar e perdoar: eu chorei e perdoei. Vim a descobrir que o sentimento do amor trahido é pouco; o da vaidade offendida é que é muito: ora a vaidade é braza ardente que as lagrimas apagam. Aqui me tens, pois, com vida para muito tempo e com uma certa alegria interior que me deixa ver satisfactoriamente o mundo. E, portanto, meu amigo, já me não assustam quaesquer imprevistos desgostos que te sobrevenham. Todas as paixões são venciveis; e as de boa raiz, como a tua, quererá Deus que não produzam fructos peçonhentos. Vamos ao ponto. Que intentas fazer?

— Pedir Mécia ao pai, logo que ella me dê consentimento.

— Esperas, aqui ou em tua casa, consentimento d'ella? Ides ter correspondencia de cartas?

— Não. Mécia não prometteu escrever-me.

— É justo suppor que ella não saiba — observou o frade.

— Tambem assim supponho... Seja o que for, se me ella ama, é talvez melhor que me não escreva, para que mais vivamente deseje fallar-me. Fiquei de ir visital-a no mez que vem: assim m'o pediu o pai e ella afervorou o pedido com uns sorrisos de olhos que eu estou vendo sempre...

— Bellas cousas tem o amor, não tem? — perguntou frei Antonio de Christo, reptado por instantes do habito e transportado á manhã estiva da sua mocidade. E, arrancando logo ás mãos da saudade o coração que lhe levava, escondeu-o na mortalha, murmurando:

— Olha o barro... o barro do homem... o charco onde bate um raio de sol, e logo as sevandijas sahem da lama e acodem á tona da agua suja!.. Eu a recordar-me das bellas cousas do amor!..

— E que mal fazes tu a Deus, recordando-as? — perguntou Balthazar.

— A Deus nenhum... nem já a mim... Ora, entendamos tão sómente no que ha que fazer e esperar dos teus amores... Pelas tuas contas e minhas, estás em breve casado. Depois, lá te encerras

em Anciães ou nas Olarias e acabaram as tuas visitas ao pobre frade...

— Gracejas; senão magoavas-me... Queres que te diga um pensamento e uma esperança?.. Has-de despir esse habito; has-de secularisar-te e ir viver comnosco; e, senão, commigo. Esta esperança não depende da realisação de outra qualquer. Vaes?

— Não, meu Balthazar — disse triste e serenamente o religioso. — Este habito hão-de despir-m'o os vermes alli da claustra. Aqui me visitou a graça de Deus, chamada resignação; tenho medo que este raio de luz lá fóra se apague. Olha, outro pensamento e esperança melhores de realisar... Quando tiveres filhos, dás-m'os na idade dos estudos e eu aqui t'os irei ensinando, e elles serão o magnéte que te chame muitas vezes em cada anno. Compromettamo-nos n'isto, se queres...

— Isso é que é antever os successos ás mil maravilhas! — interrompeu Balthazar.

— É bem natural vel-os assim.

— É? — disse o moço — Presagias-m'o?

E, passando do alvoroço ao recolhimento doloroso, murmurou:

— Que latidos estes do meu coração!.. que vaticinios!.. Aquella mulher vai perder-me!..

— Então... salva-te, homem! — disse o frade — Sabes tu que se devem ter em respeito semelhantes presagios?

— Porquê?!

— A razão é menos clara que judiciosa, talvez... Se as almas apaixonadas e esperançadas firmemente em felicidades infinitas se illudem e de repente são engulidas pela voragem da desgraça; que dita podem esperar aquellas em que falla o presagio dos infortunios? Parece-te desarrasoado isto?

— Será mais acertado suppor que superstições, devaneações e vaticinios em futuros de amor é tudo a mesma fragilidade do espirito humano...

— Eu, quando amava, — redarguiu o franciscano — era mais crendeiro e superticioso do que tu. Lembras-te? Aquellas minhas consultas ás estrellas do formoso céu de Coimbra? Os enigmas que eu decifrava na casual paragem da folha secca, trazida na corrente do Mondego! Que deliciosas loucuras!.. Lembras-te?.. Eis-aqui outra vez o barro... D'esta vez, o lodo desfaz-se em lagrimas...

E, dizendo, enchugava os olhos e ao mesmo tempo entre-abria um sorriso nervoso.

— Vês? —disse Balthazar enternecido— Aqui vim eu perturbar a quietação das tuas dôres...

— A quietação! — acudiu em tom ironico frei Antonio — A quietação da minha vida é pouquinho invejavel. Os grandes santos da Thebaida passavam por terriveis sequidões de alma. Que muito que eu, grande peccador, algumas horas, veja escurentar-se-me o resplendor da graça divina!.. Mas

este chorar, meu amigo, não faz mal a Deus e faz-me bem a mim... Ora vamos: o sabido e certo é que muito amas a tua Mécia. Agouras cousas funestas, mas vaes por diante. Não te animo, nem desanimo, por duas razões: uma, porque amei e fui desgraçado quanto sabes; outra, porque sou frade.

— Que tem isso? O bom conselho repugna á santidade do teu habito?!

— O bom conselho não repugna ao habito; repugna aos corações apaixonados. Que hei-de eu fazer? Pedir a Deus que prospere os teus bons intentos. Pedirei. Tu, Balthazar, és um bom moço; ella, segundo creio, é creatura virtuosa: Deus vos aproximará.

Tomou conta Balthazar da sua costumada cella no convento, graça especial com que o guardião pagava a frei Antonio a generosidade com que elle ia gastando em bemfeitorias da cêrca o seu patrimonio.

Volvidos dias, recebeu o moço carta de Lopo de Sampayo. Lembrava-lhe o fidalgo a promessa da visita. De sua filha Mécia dizia-lhe que a romaria a Braga dera mau resultado; porque a menina, desde que voltára, dizia mal da vida aldeã, que tanto lhe agradava antes de ver mundo, e lhe pedia que a levasse para melhor terra.

Balthazar releu, decifrou, combinou, discutiu varias hypotheses e illações d'aquellas palavras.

Uma hora, colhia que o desgôsto de Mécia era a saudade d'elle, acobertada, como cumpria, em manifestações de diverso desejo; outra vez, lia palavra por palavra, letra por letra o escripto de Lopo, e concluia que Mécia o que desejava era viver em cidades onde a cortejassem, onde os cavalleiros, á moda dos de Guimarães, levantassem, em honra d'ella, em vez de incensos, nuvens de poeira dos terreiros abalados pelo escarvar de fumegantes corceis. Isto irritava-o; e frei Antonio, a despeito da sua infinita bondade, ria-se d'isto, dando assim a perceber que o proprio S. Francisco, alguma vez, riria impeccavelmente das disparatadas conjecturas de um homem namorado.

Podéram aquietar-lhe os ciumes desatinados os argumentos do franciscano. Depois do quê, frei Antonio lhe perguntou de surpreza:

— Que farias tu á mulher que te fizesse o que a mim me fez uma?

— Matava-a! — respondeu prestes Balthazar, confirmando, com o incendio dos olhos, capacidade para cumprir o programma.

— Matar! — exclamou o frade — Sabes bem o que é matar? e matar uma mulher? Pensa n'isto, Balthazar Pereira!.. Tu agora cedeste a um impeto de poesia tragica... São reminiscencias dos nossos estudos do theatro grego...

—Sinceramente digo...—interrompeu o mor-

gado das Olarias, levantando-se com os punhos fechados e trementes — por minha honra te juro que não cheguei ainda a entender como, vestindo esse habito, imaginaste que assim te vingavas da treda mulher que te escarneceu!

— Não que eu não quiz vingar-me; — replicou placidamente o frade — quiz esquecer-me ou... suicidar-me. Este habito não é vingança; é appellação para o tribunal supremo do Senhor, que reforma, anniquilla e refaz os corações que se lhe acolhem esquartejados das injustiças e supplicios d'este mundo. Antes este habito, meu amigo, antes este borel que a tunica alva dos assassinos. Doe-me, tambem sinceramente t'o digo e por minha honra t'o juro, doe-me ouvir-te assim fallar, homem que, pela primeira vez, me revelas um sentimento baixo e infernalmente execravel! Matal-a-ias tu á formosa Mécia, se ella agora abrisse o seio a outra influencia mais seductora?

Balthazar deteve-se alguns instantes com a resposta.

— Que delonga! — exclamou severamente frei Antonio de Christo — Hesitas em responder?

— Hesito! — disse Balthazar com vehemencia — hesito, porque... não sabes, nem eu sei quanto amo aquella mulher!..

— Meu amigo... — tornou o frade com melhor sombra e até risonho — Duas orações farei des-

de hoje em diante ao Senhor : uma será pedindo-lhe que te guarde puro e impolluto o coração de Mécia; mas, se Deus me não ouvir, então lhe pedirei mais attendivel graça, e vem a ser que te faça experimentar infortunios, bastantes a fazerem que se te distille em lagrimas o sangue carniceiro das veias. Assim que a desgraça te acalcanhar, tu entrarás muito no interior de ti e lá verás quanto é bom ter a consciencia illeza. Ora, eis-aqui as minhas orações; e vou já ao côro, que está tocando a tércia. Até logo.

Sahiu o frade. Balthazar ficou passeando na cella, cogitando e acompanhando a lucta do pensamento com phreneticos meneios. As unicas palavras que elle disse em voz alta foram :

— Oh ! eu de certo a matava !

E, relançando a vista ao crucifixo de frei Antonio, poz as mãos nos olhos e murmurou :

— Meu Deus ! eu não cuidei que o amor era este inferno !

XII

O de Guimarães

Dous dias antes da projectada ida de Balthazar Pereira a Anciães, chegou a Villa Real D. José de Noronha e disse que d'alli passava a visitar o primo Lopo.

— És pontual! — acudiu o das Olarias com intenção e sensivel azedume — Então... já te não enfada a convivencia com o primo e... com a prima...

— Ah! velhaco! — exclamou jovialmente o de Alijó — Cuidas que estou mordido no coração!.. Não ha de ser aquella bicha... Eu vou porque tenciono de lá passar a Hespanha a comprar potros, ouviste? Não tenhas medo que eu te faça sombra, rapaz!

— Tenho-me em mais alguma conta, D. José — retorquiu estomagado o outro. — Dispenso a tua generosidade... Mulher, que tu ou outrem me cedesse, não me serviria. Nada de favores aviltantes; e... franqueza! Senão, de hora em diante, nem amigos, nem inimigos!

— Ai! que sanfona tu me tocas, homem! Não quero a mulher, já t'o disse! Vou comprar cavallos e de passagem vou estar um dia com o velho. Olha cá, palerma; escuta; abre bem essas orelhas e attende. Eu quero mulher e a prima Mécia é uma pescadinha marmota escallada. Eu quero uma casa que me remende os buracos que tenho feito na minha; e a prima Mécia, se fizer todos os annos uma jornada de liteira a Braga, está de todo em todo arruinada. Aqui tens. Olha se m'a engordas e enriqueces, e depois fallaremos... Dá cá um abraço agora e vem commigo a Anciães.

— Vou; já tencionava ir — disse Balthazar.

— Regalorio!. Lá vamos!.. Queres que eu proponha o casamento ao velho?

— Não.

— A moça quer-te bem? Ora!.. se quer!

— Não sei.

—Pergunta-lh'o. As mulheres, se lhes não perguntam isso, tambem o não dizem. Eu cá é logo. Se sim, sim; se não, não... É verdade... Estive com os de Guimarães. A moça fez estragos no peito d'elles que nem cavallo solto em sementeira! Qualquer hora vem uma cavalgada do Minho por ahi acima e verás que cutiladas se jogam em volta do castello de Anciães! O' Balthazar, vê se a pilhas, antes que elles se esmurrem! Isso é que era!

Balthazar, bem que acceitasse alegremente a

sinceridade rustica de D. José, cuidava que seria profanar os seus segredos o revelal-os a tal sujeito. Desviava de Mécia o assumpto das conversações, e a frei Antonio dizia elle que não sabia explicar a secreta aversão, o mysterioso vaticinio de confusas desgraças que atavam a sua vida á d'aquelle homem.

— É o ciume, — dizia frei Antonio — é o ciume que te ha-de queimar as melhores flores da alma, antes de a levares ao coração de uma digna esposa. Não te aviltes ou não avites a moça. Todos os homens te assombram! julgas-te cousa para muito pouco; ou a crês a ella offerecendo-se em alvo a todos os galans!.. A mulher, que te ama a ti, não poderá jámais lisongear-se da requesta de D. José de Noronha, pobre homem que vai lá comprar os seus poldros a Hespanha e não será mais capaz do que eu de te galantear a noiva.

— A noiva! — disse, sorrindo amargamente, Balthazar.

Este dialogo foi interrompido por D. José, que chegára esbofado á portaria, mandando chamar o amigo.

— Não t'o disse eu?—exclamou o de Alijó.

— Que é?

— Agora mesmo soube que hontem passou para Anciães...

— Quem?

— Um dos sete de Guimarães a pedir a mão de Mécia.

— Quem é? o nome d'elle? — exclamou Balthazar, faiscando dos olhos áscuas de raiva.

— É um Salvador Teixeira, senhor de tres vinculos e grande paralta de Guimarães.

— Poderá elle com uma espada? — perguntou com iracundo sorriso o das Olarias.

— Póde levar com ella, pelo menos — disse D. José.

— Partiremos d'aqui a meia hora?

— Já. Vou mandar pôr as sellas.

— Vai! — concluiu Balthazar, e correu a despedir-se de frei Antonio, relatando-lhe em breve a nova que recebera.

O frade deteve-o alguns minutos com sensatas reflexões, mirando a socegal-o e inspirar-lhe confiança na lealdade de Mécia. E acrescentou ás reflexões uma sobre todas judiciosa:

— E, se o teu émulo de Guimarães te levar a primazia no coração da moça, deixa-o levar, que não ganhou grande prenda. Não fio nada de minhas rogativas a Deus; todavia, é possivel que um bom anjo te ande guardando d'ella.

— É possivel... — respondeu Balthazar — é possivel... O que eu duvido é que haja anjo ou demonio que a defenda a ella de mim!

XIII

A opinião do reitor

Cavalleiros e cavallos fizeram prodigios por aquellas serranias ladeirentas.

Quando chegaram aos paços de Anciães, affastados meia legua da antiga villa (*), principiava a escurecer o segundo dia de jornada. Tinham devorado treze leguas em vinte e seis horas: a maior maravilha d'aquelles tempos e d'aquellas estradas, que os actuaes ministros das obras publicas, se são romanticos e curiosos, podem ir ainda agora reconhecer, porque são as mesmas.—Entre parenthesis: não ha paiz, como este, em que tanto se respeite a poesia do passado, no tocante a estradas de Traz-os-montes. Quem quebra uma perna nas barrocas

(*) A antiga villa de Anciães, onde tinha nascido o famigerado governador da India Lopo Vaz de Sampayo, era já um logarejo de quatorze visinhos em 1706. Veja o padre Carvalho na Chorog. Os fidalgos da terra doentios, á semelhança dos avós de Lopo, tinham abandonado a villa e escolhido nas circumferencias localidades mais salutares.

d'aquella estrada não fica bem; mas, se tiver respeito aos tempos heroicos de Portugal, consola-se, sabendo que, no mesmo sitio, ha quatrocentos annos, poderia ser que seu decimo quinto avô quebrasse tambem uma perna, ou ambas ou todas quatro, como costumavam tel-as os nossos decimos quintos avós.

Escurecia, pois, quando os dous cavalleiros entestaram com o palacio do neto do oitavo governador da India.

Nenhuma janella dava signal de haver festa ou visita nos carrancudos paços: estava tudo escuro como as paredes. Tirou Balthazar propicios agouros d'aquella escuridão; porque, dizia elle, se o homem de Guimarães alli estivesse, como esperançado noivo de Mécia, as salas estariam alluminadas.

— Isso não é razão — contradisse D. José de Noronha. — Póde ser que o noivo esteja na cosinha.

As alegres reflexões d'este homem feliz sahiam quasi sempre tolas.

Aldrabaram no portão: sahiu-lhes um moço de lavoura, e disse-lhes que o fidalgo e a fidalga tinham ido na manhã d'aquelle dia para Moncorvo, a umas festas de bailados para casa do snr. alcaide-mór Francisco de Sampayo, primo do fidalgo.

— Não estão na sala, nem na cosinha — disse

D. José, voltando-se para Balthazar, que deixára insensivelmente cahir das mãos as redeas do cavallo.
—Olha lá, homem—continuou o de Alijó, dirigindo-se ao criado. —Esteve cá hospede ha pouco tempo?

— Sim, snr. fidalgo, estiveram cá tresan-t'honte dous senhores, que vinham a ser o snr. Belchior Teixeira de Moncorvo, que é primo cá dos fidalgos, e mais outro senhor, que, pelos modos, veio pedir a mão da snr.ª morgada.

— E casam? — tornou D. José.

— Isso é lá com os senhores— respondeu o lavrador. — A gente não sabe o que lá averiguam os amos n'esses negocios. Eu só ouvi dizer ao snr. padre capellão que um fidalgo muito rico de Guimarães tinha pedido a morgadinha.

— Basta! — murmurou Balthazar — Vamos.

— Para onde?

— Para Moncorvo.

— O' meus senhores,— acudiu o criado— não se mettam n'essa, que a noute está escura como prego e é caminho por onde Deus não andou! Se vv. ss.ªs são amigos cá de meu amo, passem cá a noute e vão ámanhã.

— Cuidas que temos cavallos que nos levem? — perguntou D. José ao companheiro, que enchugava o suor frio das faces.

— E quererás tu pernoutar n'esta casa?!— replicou Balthazar.

— Buscaremos outra. Quem nos dará agazalho n'estes sitios? — perguntou D. José ao lavrador.

— Só se for o snr. reitor de Sellores, que é logo ahi adiante; mas, casa por casa, não na encontram melhor que esta. Façam favor de esperar, que eu vou chamar o snr. padre capellão.

Cavalgaram, tomaram um guia e pediram pousada na reitoria de Sellores. Acolheu-os gazalhosamente um insinuante clerigo.

D. José começou logo devassando dos costumes, haveres e mais miudezas de Mécia. Em quanto aos haveres, o reitor confirmou as informações obtidas em Braga. Lopo Vaz de Sampayo tinha herdado uma casa muito empenhada; e, com as suas demazias de moço, conseguira dever mais do que tinha. Em quanto ás qualidades de Mécia, disse o reitor que a menina era o que são todas as meninas, seu tanto ou quanto namoradeira, e amiga de trazer por aquellas serras muitos caçadores com grande estrondo de buzinas e de matilhas.

— Olha a somelga! — disse D. José — Quem viu aquella dona dolorida a fazer-se vermelha, porque eu fallei em filhos!.. Que te parece, ó Balthazar?

— Parece-me bem...

— Queira Deus — acudiu o padre assustado — que eu não offendesse o melindre de vv. ss.as

com estas informações, que, a fallar verdade, não offendem ninguem...

— O' meu reitor! — exclamou D. José — Desembuche á sua vontade, que nos faz muito grande favor. Tem aqui um amigo para tudo. Se alguma vez quizer de mim seja o que for, não tem mais que escrever a D. José de Noronha e Tavora, senhor de Alijó...

— Ah!.. eu não sabia quem tinha a honra de receber n'esta pobre choupana...

— São dous homens de bem que vocemecê tem em sua casa. Falle á vontade e diga tudo o que sabe. Vocemecê ha-de saber que chegou ha dous dias aqui um sujeito a pedir a filha de Lopo.

— Sei, sim, senhor. Ainda ha bocado esteve aqui o padre capellão dos paços da Lavandeira a contar-me esse caso.

— E então? O pai deu-lh'a?

— O pai dava-lh'a, mas a menina não se resolveu até agora.

— Oh! — exclamou Balthazar, levando a mão ao peito, que arquejava sobre o coração convulso.

— Que é lá isso? — perguntou D. José — Regalou-te a noticia, meu homem? Olhe, sôr padre, este meu amigo...

— Cala-te, chocalheiro! — murmurou Balthazar radioso de alegria.

— Agora entendo... — disse risonho o reitor

— Este fidalgo é a pessoa que a morgadinha ama... Bem me dizia cá uma voz de dentro que eu me tinha desmandado na lingua...

— Não se desmandou, snr. reitor — disse Balthazar. — Tudo que vocemecê me disser do caracter da snr.ª D. Mécia é um obsequio impagavel. É certo que muito a amo: pago já uma parte das suas attenções revelando-lh'o; porém não sei ainda se ella bem merece este affecto...

— Ora, se merece! Lá em cousas de honestidade não ha que perguntar — disse o padre. — Em quanto a bens de fortuna, pouco poderá ter. Isto é que eu certifico a v. s.ª, mas a riqueza é o menos...

— Está feito, está feito... a riqueza não é má... — observou D. José.

— E então sabe que ella não se decidiu? — voltou Balthazar.

— Sei, por m'o dizer o capellão com grande pesar... O pretendente, que dizem ser parente de uns Teixeiras fidalgos de Moncorvo, é muito rico, segundo consta. Ora, está claro; o pai havia de querer; e a menina, que não quiz, é que tem lá outro amor muito entranhado no peito.

— E que foram elles fazer a Moncorvo? — perguntou D. José.

— Foram espairecer nos bailados que o snr. alcaide-mór costuma arranjar em sua casa, quando

vem de Villa Flor a Moncorvo fazer caçadas nas mattas do Roboredo.

— E sabe, snr. reitor, se o tal pretendente da snr.ª D. Mécia está em Moncorvo? — perguntou Balthazar.

— Tanto não sei dizer a vv. ss.as, mas desconfio que sim...

— Porque desconfia?

— O parecer do padre capellão é que o snr. Lopo Vaz levou a menina a ver se ella se decidia lá nas festas e folias; porque... ahi vai a minha opinião... e perdoem-me a franqueza...

— Diga! — conclamaram os fidalgos.

— Isto de mulheres... a gente não sabe quando as tem pela esquerda, nem pela direita... Tanto andam como desandam...

— Isso é que é saber! — exclamou D. José — Estou na sua, amigo e snr. padre reitor!

Balthazar passou subitamente de uma inquieta alegria á concentração taciturna e meditativa.

— Mas... — emendou o clerigo — isto não quer dizer que a snr.ª D. Mécia seja como outras...

— São todas uma! — disse D. José de Noronha — Emfim, ámanhã veremos... Reitor amigo, dê-nos alguma cousa para as bestas e qualquer enxerga nos serve, depois de um caldo e uma pinga.

— Se Deus quizer, terão vv. ss.as um mau caldo e má cama; porém uma noute passadoura é.

Balthazar ceou o necessario para alimentar a energia do sangue que lhe refervia nas arterias, anciando o instante de estrangular o rival. D. José ceou como quem precisa de triplicado alimento para sustentar coração e alma, hospedes do estomago.

Ao abrir da manhã, despediram-se do padre, e desfilaram por barrocaes e fragoedos, caminho de Moncorvo.

XIV

A sagacidade do pai e o suspiro da filha

Apearam os cavalleiros, ás dez da manhã, no pateo do alcaide-mór Francisco de Sampayo Mello e Castro.

Annunciou-se D. José de Noronha Gamboa e Tavora. O alcaide sahiu alvoroçado ao patim, saudando e abraçando o primo. Em seguida, appareceu Lopo Vaz com sua filha, mostrando com muito jubilo ao alcaide o primo Pereira da Silva. Francisco de Sampayo reconheceu como de seu sangue o morgado das Olarias, e altercou com o primo Lopo, por espaço de vinte minutos, sobre se S. Gonçalo de Amarante pertencia aos Pereiras de Nandim ou aos Pereiras de S. Fins de Riba de Ave.

No emtanto, Balthazar procurava ler a pagina do céu ou a do inferno nos olhos de Mécia; a menina, porém, não deixava ler paginas nenhumas nos seus formosos olhos meio cerrados, tristes e bem pos-

tos assim n'aquella face, mais do que d'antes era, pallida e amortecida.

— Esta mulher soffre subjugada pela vontade violenta do pai... Eu a resgatarei... — disse de si comsigo o morgado das Olarias.

O alcaide conduziu os hospedes á meza do almoço, que estava sempre coberta das iguarias com que a gente dura d'aquellas éras douradas zombava da morte até aos noventa e mais annos. Os almoços dilectos dos senhores de Villa Flor e Anciães eram galinholas assadas e as pernas afiambradas dos javalis espingardeados nas selvas do Roboredo. No topo da meza avultava o enorme pichel de luzente estanho a desbordar de espumante vinho; e ao longo da meza, ao lado de cada garfo de prata, um pucaro da India convidava com sua frescura o hospede sequioso a dessedentar-se com alguns tragos do licor refrigerante de Murça ou Bragança.

D. Mécia assistiu ao repasto, sorrindo forçadamente das graçolas do primo D. José. A uma ou duas perguntas futeis de Balthazar Pereira respondera ella com um ou dous monosyllabos futilissimos. D'alli passaram ao salão, onde começavam a entrar as visitas madrugadoras d'aquelle tempo. Mécia recolhera-se á sua recamara para trajar-se e toucar-se com a compostura e esmero imposto a meninas de sua educação em terra de damas tão primorosas como era Moncorvo.

Lopo Vaz, no entretanto, chamando os dous primos a uma janella, retirada do concurso dos visitantes, disse:

— Meus amigos, a minha ida ás festas de Braga deu causa a contentamentos e desgostos. Ha tres dias que meu primo Melchior Teixeira, aqui de Moncorvo, me foi procurar, levando comsigo um seu parente de Guimarães, chamado Salvador Teixeira: é um d'aquelles guapos cavalleiros que nos acompanharam até fóra de Braga. Salvador, segundo as informações que Melchior me deu, é muito abastado senhor de tres vinculos e de tronco antiquissimo, além de mui gentil de sua pessoa. Pediu-me a mão de minha filha. Respondi que eu me dava por muito honrado em conceder-lh'a; mas em deliberação de tamanha gravidade, o juizo de minha filha precedia o meu. Que, por tanto, eu a consultaria e responderia. Avisei Mécia, apresentei lhe o moço, a quem ella já em Braga tinha fallado e ouvido complecentemente, expuz-lhe em particular os intentos de Salvador Teixeira. Contra o que eu esperava, respondeu-me que, passados alguns dias daria a sua resolução. Não instei com ella, porque o meu pensar é muito especial, ainda que reconheço as vantagens d'este consorcio. Aos casamentos maus opponho-me; aos bons não a obrigo. Mal casada ou violentamente bem casada, ao parecer errado dos paes, é tudo o mesmo. Antes a quero solteira. Agora

estou a ver o que ella decide. Salvador está aqui á espera da resposta em casa de seu primo Melchior. De proposito a trouxe a Moncorvo a fim de ver se o aproximarem-se e conversarem faz que ella se lhe affeiçoe... Este casamento, primos, convem-me por muitas razões e por uma especial. A minha casa está desfalcada; precisa de um grande dote para voltar ao brilho e primazia em que eu já a não conheci. Meu avô e meu pai dissiparam; eu, se vai a dizer verdade, imitei-os o melhor que pude, quando continuei com a côrte e quiz sustentar o lustre de meus avós. Casei com uma dama do paço, muito nobre e muito pobre. Estive por Lisboa dez annos para lhe dar gôsto, e ahi foi o principal da ruina da minha casa. Aqui está... Se Mécia resolver que não quer esta vantagem, não sei quando lhe sahirá outra...

D. José de Noronha olhou contra Balthazar e deu aos hombros. Parece que o homem, n'aquelle tregeito exquisito, queria dizer: «Estás aviado.»

Balthazar tinha os olhos postos na floresta do Roboredo e não sabia que responder ás confidencias de Lopo Vaz. O fidalgo, passados instantes, disse com certo embaraço:

— Affigura-se-me que os meus amigos estão inquietos com a nova que lhes dou... Pois que é isto?

— Primo Lopo, respondeu D. José, pondo-lhe as mãos nos hombros—a cousa tem que se lhe diga.

Franqueza e leve o démo quem a não usa nas occasiões. A prima Mécia tem pessoa de quem gosta devéras. E, para não irmos mais longe, essa pessoa aqui está; é Balthazar. Nada de nabos em saccos. É isto. Elle morre por ella e ella por elle. Agora lá se avenham.

O senhor de Anciães deu a perceber que a surpreza não era grande, nem penalisadora. Desde a sahida de Braga que elle farejára o affecto do moço; todavia, conhecedor do espirito da filha, o novo incidente d'aquelles amores pareceu-lhe egual a outros que ella esquecera tão depressa o pai lhe fazia uma observação. Qual fosse esta milagrosa observação desejam os paes de familias saber, como elixir não sabido. Era uma cousa singelissima : assim que a menina andava entretida com os requebros de algum d'aquelles caçadores referidos pelo prior de Sellores, o pai, muito mano com ella e com ares mais de amigo confidente que não de conselheiro paternal, dizia-lhe:

« Mécia, lembra-te que vivemos n'estes paços arruinados e tristes, porque não podemos viver na côrte. Menina, aproveita as vantagens do teu nascimento e formosura : se amares como passa-tempo, ama de modo que não prejudiques o casamento com o marido abastado e nobre que te convem; em todo caso, minha filha, não cases com homem pobre ; e pobre, á proporção do teu patrimonio, é qualquer

marido que não possa desempenhar esta casa, chamada nossa, em quanto os credores respeitam o meu nome. Assim que eu fechar olhos, Mécia, d'isto tudo escassamente restará com que possas entrar n'algum convento.»

Aqui está o que elle dizia: eram palavras magicas; a menina escutava o sermão, que lhe elle repetia tres vezes por semestre, desde que ella perfizera quinze annos. Reflexionava alguns momentos ou não reflexionava nada; o certo, porém, era que, d'ahi a dias, o caçador de illustrissimos appellidos, mas filho segundo ou morgado pobre, não voltava aos paços do senhor de Anciães. O reitor de Sellores chamava-lhe namoradeira á moça; menina de muitissimo juizo é que ella era. O mundo, incluindo propriamente os reitores, ás vezes, parvoejam com os seus juizos temerarios.

Tranquillisado, pois, pela experiencia, Lopo de Sampayo deu mediana importancia á estabalhoada revelação de D. José. Notou, todavia, que o aspeito de Balthazar se fizera de má côr e má luz, em quanto o de Alijó dizia as suas ideias brutalmente.

— Eu...— disse Lopo serenamente — conforme aos meus principios, não promovo, nem embaraço o casamento de minha filha com o snr. Balthazar Pereira da Silva, muito meu estimado primo. Não, senhores. D'ella depende tudo.

Alegrou-se, agitada de risos, a cara de Balthazar.

— Bem! — exclamou D. José de Noronha — Isso é o que se quer. Então o primo dá-me licença de dizer ao de Guimarães que vá tractar da sua vida?

— Eu, meu caro primo, — disse Lopo — não entendo que seja civil, nem honrado procedimento esse de mandar Salvador Teixeira tractar de sua vida... Elle irá quando quizer e logo que minha filha me diga resolvidamente que o regeita. No emtanto, peço licença para observar ao snr. Pereira da Silva o seguinte: eu disse, pouco ha, que a minha casa estava muito empenhada... Conta o primo Balthazar com a superabundancia da sua para resgatar a de sua consorte?

— Não, senhor, que a minha casa é pequena— respondeu o das Olarias.— Porém, se acontecesse os credores absorverem o patrimonio da snr.ª D. Mécia, bastaria o meu á decencia com que ella vive; porque na casa das Olarias se crearam e viveram á lei da nobreza muitas damas da minha geração, e alli casaram algumas senhoras das melhores familias do Minho e Traz-os montes.

— Bem... — replicou o velho— Sem embargo d'isso, parece-me tristissima cousa ver acabada emfim a casa solarenga do governador da India Lopo Vaz de Sampayo! Ver postas nos casebres de al-

guns populares as pedras que viram nascer o grande homem que disse a D. João III em audiencia: «Meu pai foi Diogo de Sampayo, senhor de Anciães, Villarinhos, Castanheira, Linhares e dous mil vassallos!» (*) O que resta de tudo isto, snr. Balthazar, é Anciães, as quasi ruinas da casa d'onde sahiu Lopo Vaz para as armadas da Turquia. Se eu podesse traspassar a meus netos as arvores de seus avós illustres e famigerados, morreria contente... Mas, não podendo ser, paciencia...

Lopo sorria interiormente e Balthazar estava muito opprimido. As expressões do velho, se eram, como de feito, ditas sem magua, nem por isso perdiam a sua tristeza. Era realmente para pena ver estar-se lastimando o descendente de grandes varões, por ter de esbulhar os seus descendentes das arvores que elles plantaram! Até o proprio D. José parecia melancolisado!

— Nada de tristezas! — disse Lopo — Vamos conversar com esta gente... Ahi está Salvador Teixeira com o primo Melchior...

Entravam no salão ao tempo que Lopo os indicava. Aproximaram-se a cortejar o velho. Salva-

(*) Mais recommendavel cousa disse Lopo Vaz a D. João III, que o fizera prender e o interrogava d'este theor sobre o seu governo na India: «Tinheis poder para tomar joias a reis e principes?» Resposta do réu: «... Se algumas tomei, Vossa Alteza as tem e bem as póde tornar a seus donos.» Veja a Decada 4.ª de Couto, livro VI.

dor e Balthazar encararam-se enfiados: é que se odiavam desde aquelle incidente á sahida de Braga.

Lopo fez as apresentações: os mancebos rivaes cortejaram-se sem se entreverem. Agitou-se logo a conversação sobre a caçada no monte de Roboredo, destinada para o dia seguinte.

— Olá! caçada! — exclamou D. José de Noronha — Vão ver o que é pontaria! Quem leva a palma, aposto já, é Balthazar Pereira! Se elle falhar um tiro, dou as duas orelhas!

— É verdade! — disse Lopo — Agora me lembro que o primo Balthazar é caçador de mão cheia. Bello dia vai elle ter!

— Bello dia terei na companhia de tão honradas pessoas, — disse Balthazar — mas as delicias de caçador um quarto de hora de reflexão bastou para m'as converter em repugnancia.

E, voltado a D. José, continuou:

— Lembra-te o quinau que me déste na estalagem de Ovelhinha, quando eu te condemnava o prazer de matar touros á espada ou á garrocha? Dei-te razão ou tu m'a déste a mim, D. José! Se é barbaridade matar o touro que se defende e mede com as forças do homem, maior crueza vai no matar a ave descuidada ou a lebre que foge. Reformaste a minha indole, amigo Noronha; protestei nunca mais apontar um pelouro a folego vivo que me não haja offendido.

— Ora isso passa-lhe, primo Balthazar—disse Lopo Vaz. — Assim que vir os porcos bravos a estrinçar lenha por aquelles mattagaes do Roboredo, não tem mão em si que não bote as unhas a uma caçadeira e metta dous zagalotes no peito do javali!.. Para lá vamos.

Começaram a entrar as fidalgas da terra e nada menos que um rancho de senhoras de Freixo-de-espada-á-cinta, composto de sete familias; a saber: as snr.as Travincas, as snr.as Belermas, as snr.as Ramires, as snr.as Crastos, as snr.as Gamboas, as snr.as Varejões e finalmente as snr.as Carrascos. O que então era Freixo-de-espada-á-cinta, a querida de D. Sancho II, tão apodada pelos chicaneiros do moderno folhetim! (*)

Entrou D. Mécia á sala. Vestia esbeltamente e no auge da moda, que era novidade recentissima para as damas de Moncorvo e Freixo. De Braga é que a filha de Lopo trouxera os moldes da guapa vestidura. O corpete do vestido de galacé era vistosamente recamado de passamanes, franjas, cordões, espiguilhas, debruns, borlas, e muitas outras galanterias tecidas de prata e ouro. Menos formosa que fosse, D. Mécia iria além das mais encarecidas encantadoras de corações. Para em breve di-

(*) Ácerca d'estas e de outras familias, ornamento de Freixo, veja-se a *Corographia* de Carvalho, vol. 1, pag. 430.

*

zer quanto podemos d'aquella maviosa figura de anjo, basta referir que D. José de Noronha, inclinando-se ao ouvido de Balthazar, disse-lhe:

— Está-me a parecer tentadora a prima! Olha que está bonita de uma vez o diacho da moça! Agora dou-te razão! Até parece que engordou a feiticeira da mulher!

A este tempo, os olhos de Mécia circumvagaram por todos aquelles moços aprumados que a contemplavam com immobilidade esculptural. Dous, entre tantos, lhe detiveram alguns segundos a vista penetrativa; foram Salvador e Balthazar. O primeiro sorriu jubilosamente ferido pelas suaves frechas d'aquelles olhos; o outro abaixou os seus com religioso acatamento.

D. Mécia contou ás senhoras pelo miudo as festas de Braga; e, como não soubesse dilucidar alguns pontos mythologicos dos mais enredados do sagrado espectaculo, Balthazar, rogado por Lopo, associou-se á narração de Mécia, completando-a na parte mais substancial e scientifica. Isto durou muito tempo, até que as senhoras se despediram, pactuando ajuntar se ao outro dia no bosque do Roboredo. Balthazar anciava um momento de poder fallar a Mécia; assim, porém, que as damas sahiram, Salvador Teixeira foi sentar-se na cadeira mais convisinha da menina.

Balthazar fitou rancoroso o de Guimarães; e,

voltando-se para D. José, sorriu-se acerbamente e disse a meia voz:

— Alli está um javardo que póde fazer que ainda me tornem os meus prazeres de caçador... Mas aquillo é caça que se mata a cajado como os coelhos na neve...

Salvador dizia o que quer que fosse em voz baixa a D. Mécia. A menina escutava-o, com os olhos cahidos sobre as borlas douradas do corpete, e a espaços longos levantava o rosto, e via os olhos coruscantes de Balthazar e as languidas pupilas do seu interlocutor.

Estavam assim, quando D. José de Noronha, desacatando a respeitavel intimidade dos dous, que já a sociedade considerava noivos, foi sentar-se na cadeira proxima de Mécia e disse:

— Com que sim, minha prima... Dizem-me que está v. s.ª em arranjos de casamento com este cavalheiro.

D. Mécia córou e murmurou:

— Que arranjos!.. O primo tem cousas...

— É o que se diz; — tornou o Noronha — mas do que se diz ao que se faz ha muito que ver, não é verdade?

— O snr. D. José de Noronha — respondeu graciosamente Salvador Teixeira — é admiravel!

— Sou admiravel? Então de que se admira v. s.ª? — retorquiu o outro.

— Da sua sem-ceremonia; mas nem por isso lh'a censuro; admiro-a sómente.

— Pois eu cá de mim não tenho que admirar em v. s.ª — tornou D. José. — Eu sou isto que se vê e mais nada.

— E não é pouco... — tornou o de Guimarães.

— Ai! — volveu o de Alijó — O snr. Salvador está a querer tirar a palha commigo!.. A gente de Guimarães, pelo que vejo, é muito cortez e politica!..

— Então, primo D. José!.. Que modos são esses?! — atalhou D. Mécia.

— Estes modos são os meus, prima. Estou a brincar; mas, se a snr.ª D. Mécia se zanga, vou-me embora. Quer?

— Não... esteja...

— Faz favor de me ouvir aqui em segredo, com licença d'esse senhor.

Mécia levantou-se e foi com D. José encostar-se ao peitoril de uma janella.

— A prima está resolvida a casar com o tal Teixeira?

— Por emquanto não me decidi...

— Franqueza: gosta de Balthazar Pereira?..

— Se gósto?.. Gósto, sim... mas...

— Mas quê? Seu pai disse ha pouco, a elle e a mim, que a prima Mécia era senhora sua... Balthazar está furioso e é capaz de tirar os figados ao de Guimarães. Acabe com isto, prima: resolva-se.

Que quer que eu diga ao meu amigo? que o ama ou que não?

— Diga-lhe que o amo, mas que...

— Qual *mas*, nem meio *mas*... As pessoas conhecem-se pelas palavras... A menina prometteu...

— O quê?.. Eu não prometti nada...

— Disse-lhe que o amava... ou não disse?

— Isso disse, mas... não lhe prometti casar com elle.

— Mas casa ou não?

— Faço o que meu pai quizer.

— Seu pai não se lhe importa, prima.

— Isso é o que elle diz, mas... eu já sei o costume d'elle... Emfim, nós fallaremos... Affligem-me estas cousas...— terminou ella, expedindo um suspiro do fundo do peito.

Que suspiro!

XV

Na caçada

Notou Balthazar que, no restante do dia, a filha de Lopo Vaz se furtava ás occasiões de estar a só com elle, quer em casa, quer no passeio que deram á tarde, em vistosa cavalgada pelas margens do rio Sabor. Os ardis, com que ella se esquivava, arguiam talento, senão mestria no genero, em que meninas innocentes costumam sahir-se desairadas.

Quando recolhiam do passeio, Balthazar, offendido do vizivel acinte de Mécia, cortou por attenções e resguardos, e esporeou o cavallo para o lado da mula em que a menina ia sentada e confiada á vigilancia de dous lacaios pedestres.

Os cavalleiros mais achegados á morgada estranharam o rompante. Mécia teve medo e empallideceu. Aquelle homem começava a dar-lhe no intimo d'alma uns rebates de presagios fatidicos. Pensava ella que o amava e queria fugir-lhe. Não se

doía de ser amada e queria despintal-o da sua phantasia, maıs captiva d'elle que dos outros, muito mais captiva d'elle que de Salvador Teixeira. E, todavia, aterrou-se, quando o viu soffreando as bridas do cavallo, em cujos ilhaes elle cravava sem tento, nem proposito as rosetas das esporas.

Encarou-a Balthazar, com sobranceria indelicada, e disse-lhe, sem guardar-se das testemunhas:

— Parece que lhe faço medo, prima D. Mécia?!

— Medo!.. não... — balbuciou ella.

— Então esse descórar que é?

— Eu nunca fui córada...

— Ainda mal... — disse elle, sorrindo sarcasticamente.

—Ainda mal... porquê?..—perguntou Mécia.

— O córar é o signal das almas que sentem o bello sentimento da...

Ia a dizer «vergonha» e reteve-se, envergonhado de si proprio.

— Essa linguagem é aspera de mais para uma dama... — atalhou Melchior Teixeira, o amigo de Salvador.

Balthazar relançou um ruim olhar ao intromettido e disse:

— Faço penitencia da minha grosseria não respondendo á observação que me faz pessoa que não conheço.

— Chamam-me Melchior Teixeira.

— Por muitos annos e bons! — disse D. José de Noronha, que se adiantára apenas suspeitou do azedume do dialogo.

O fidalgo de Moncorvo reparou em D. José e lançou mão da arma pacificadora: sorriu-se.

Terminou o incidente com a paragem da mula, cujas redeas a mão de Mécia retrahira, a fim de dar tempo a que chegasse o pai.

Continuaram ostensivamente tranquillos até apearem no pateo do alcaide-mór.

D. Mécia não appareceu á ceia e Balthazar assistiu ao supplicio das galhofas dos convivas, com o coração cheio de fel e lagrimas.

Á primeira luz da manhã seguinte, já no pateo do alcaide se apinhavam os caçadores, e latiam as matilhas dos galgos e perdigueiros irrequietos de alegria.

As altanerias na matta de Roboredo não se prestavam á phantasiosa descripção que viria aqui bem cabida e recreativa. Alli não ha nebris, nem falcões, nem buzinas, nem desfiladas de cavallos na pista da lebre, nem damas em trajo de amazonas assomando á espinha dos serros.

E' caçada á portugueza velha.

Os caçadores emboscaram-se na brenha, batendo o matto com as cadellas coelheiras, aforoando colheitas e sacudindo os javalis dos mattagaes conhecidos.

As damas de Freixo e Moncorvo, e D. Mécia entre ellas escolheram a sombra mais fechada do sopé da serra, e ahi se assentaram sobre alfombras de verdura, conversando com os velhos e com alguns mancebos.

Balthazar Pereira embrenhára-se pelo mais cego do bosque até sahir a uma clareira pedregosa. Ia sósinho e anavalhado por cogitações de sanguinario ciume. A victima, em quem batiam os seus designios ferozes, era Salvador Teixeira. Desvelára a noute, scismando no modo de se ver com elle, sem testemunhas, e dar-lhe a escolher entre a morte e a formal desistencia das suas pretenções a Mécia.

Os fidalgos estrangulavam assim fulminantemente as pendencias no nascedouro. Á volta de uma mulher formosa, assim que o deus frécheiro embebia a setta no arco, logo as parcas principiavam a escavar sepulturas. Assanhavam-se, mordiam-se e estrinçavam-se como mastins ciosos aquelles grandes senhores no encalço das esquivas donzellas, que jogavam, mais de animo frio e menos sinceras que as meninas de hoje, com as paixões. É ler novellas de frei Lucas de Santa Catharina, de Gerardo de Escobar, de Peres de Montalvão. Que dissimuladas e que refinadissimas hypocritas aquellas donzellinhas!.. Nunca me esquece uma relamboria Ismenia da oitava novella prodigiosa de Peres. As cousas, que ella dizia ao seu amoroso, eram

tão doces de candura, que os anjos, se a ouviam, cuidavam-se uns gandaeiros de lupanar. E, uma vez, estava ella a cantar umas trovas que diziam assim:

> Para que se quexa un hombre,
> Que diz : que tiene amor,
> Si una ocasion que le dieron
> De cobarde la perdio?
>
> Tener el bien a los ojos
> Sen gozar de la ocasion,
> O fue tibieza del gusto
> O disculpa del temor.
>
> ....

Que innocencia! As nossas tresavós liam romances que explicam bastantemente as virtudes d'ellas.

D. Mécia não lia romances, mas estava impregnada, para assim dizer, da poesia do tempo. Tinha a intuição das galhardas cavallerias, porque o ar de Traz-os-montes, a educação e costumeiras, aspirações e sentir eram ainda os da idade-média. O que ella tinha, como gôzo antecipado das luzes de hoje em dia, era o bom siso de escutar seu pai e accender as tochas da razão para distinguir bem pelo claro um marido rico de um marido pobre.

Ao mesmo tempo que o morgado das Olarias se andava engolfando em tenebrosas cogitações, entrava Mécia por uma vereda do bosque, encostada

ao braço de seu pai, no proposito de subir ao outeiro da cabana de Francisco de Jesus, para d'alli ver o movimento dos caçadores.

Ao pé da cabana de Francisco de Jesus fôra dar comsigo o errante Balthazar. Perto d'esta cabana esboroada bracejavam as ramarias de um carvalho agigantado. N'um dos esgalhos que rompiam do tronco, á altura de homem, estavam entalhadas umas lettras quasi sumidas, que diziam JESUS. Balthazar quedou largo espaço contemplativo na choça arrazada e na inscripção.

Os pensamentos excruciantes deram-lhe treguas; e logo as lagrimas lhe assomaram aos olhos como embellezados na sublime tristeza que se assentava na padieira bruta d'aquelle casebre. Depois, entrou no pequeno recinto, delimitado pelas paredes derruidas, e não achou vestigio da vida que alli passára. Sentou-se na pedra, que deveria ter sido o escabello do morador d'aquella gruta, e recordou-se da suave tranquillidade de sua vida nos fragoedos do Alvão, nas serranias de Barroso e na soledade sepulcral do seu solar das Olarias. Avoejou-lhe de salto ao coração a imagem de frei Antonio de Christo, que lhe dizia: «Vem contar-me os teus dissabores, que eu é que sei o azedume d'essas lagrimas».

Decorreu uma hora. Balthazar ouviu rumor, logo vozes, e a de Mécia distinctamente.

Um pouco abaixo da choça, a dez passos dis-

tante, algumas arvores e arbustos entrelaçados formavam uma gruta de muita frescura e belleza.

— Vamos sentar alli, meu pai?— disse Mécia.

— Vamos, menina, que eu venho fatigado... Mas, se queres ir rezar na choça do irmão Francisco de Jesus, vamos.

— Não... rezo-lhe mesmo aqui. A choça faz-me muita tristeza...

Balthazar não carecia de attentar a orelha para ouvir, sem perda de palavra, o dialogo.

Continuou a menina:

— O' meu pai, conta-me outra vez a historia do santinho da Choça? Quando aqui viemos ha tres annos, o pai contou-m'a, mas esqueceu-me. Ha que tempos morreu elle?

— Ha vinte e dous annos, filha. Ha vinte e tres que tua mãi ainda aqui veio pedir-lhe que rogasse a Deus pelo teu feliz nascimento. Este eremita era natural de ao pé da Guarda, filho de nobilissimas pessoas da linhagem de Proenças. Aos dezesete annos foi a Roma e de lá a Hespanha, onde parou na serra de Córdova entre os eremitas de S. Paulo e ahi vestiu o habito. Passados tres annos, volveu a Portugal, demorou-se na Guarda algum tempo e tornou-se a Castella, onde vestiu o habito franciscano com o fim de ir-se ás missões receber o martyrio. Porém, como as missões por esse tempo descontinuassem, frei Antonio embarcou-se para

a nova Hespanha, onde não chegou, porque a nau foi logo de arribada. Acolheu-se outra vez o servo de Deus ao seu ermo das Batoccas, na comarca da cidade de Rodrigo, e ahi adoeceu. Mandaram-no os medicos para os ares da patria. Veio e assistiu em uma ermida ahi perto de Villa Flor; e d'esta se foi buscar socego n'outra e de ambas foi acossado pelo povo, á conta de homem que se andava, por noute, de serra em serra, a pactar com o demonio. Refugiou-se n'uma montanha muito agra, perto d'estes sitios, e ahi permaneceu quatorze annos. Levantaram-se contra elle os aldeãos visinhos da serra, e o santo homem veio para aqui e fez aquella choça, onde, ao cabo de cinco annos de vida contemplativa, morreu em cheiro de santidade, no anno de 1665. Agora, filha, rezemos um Padre-nosso em honra e gloria do servo de Deus Francisco de Jesus. (*)

Á oração seguiu-se silencio de alguns segundos. Quanto a Balthazar, passou-se uma cousa, bem que natural, donosa e sublime: o moço orou tambem em honra e gloria do servo do Senhor que entalhára na arvore a palavra JESUS, e que expirára talvez com a face encostada á pedra em que elle estava sentado. E, depois de orar, chorava. Era o local, era a compuncção ingenita das melhores e

(*) Em quanto elles rezam o Padre-nosso, avisarei o leitor de que vem contada a historia na *Corographia* do padre Carvalho, pag. 423, do 1.º tomo.

peiores almas, era o estar tambem orando a condoida ouvinte de Lopo.

Passados, pois, alguns segundos de silencio, disse o pai de Mécia:

— Por onde estará Balthazar?

— Vi-o, quando cheguei lá abaixo á subida da serra. Perguntei-lhe se ia caçar; disse-me que... que...

— Que foi?..

— Uma cousa exquisita... *que seria hoje o melhor caçador, se as feras fossem homens.*

— Ora essa!.. — atalhou o velho — Balthazar está doudo! Não te parece, menina?

— Eu sei!..

— Quem o sabe melhor do que tu?!.. — tornou elle jovialmente — Parece despropositado o amor que elle te tem! Tudo se quer em termos habeis, não é assim? Que elle te ame, natural cousa é, mas que ande a olhar assim com ares de furioso para o Salvador Teixeira, é improprio de fidalgo!.. Ora vamos a fallar, já que estamos sósinhos, menina. Que tens tu resolvido a respeito de Salvador?

— Por emquanto, ainda não pensei bastante n'isso — respondeu Mécia com desempêno, e uma certa energia de filha destemida e destragada de mimo.

— E a respeito de Balthazar que me dizes?

— O pai já sabe... Eu gósto d'elle, mas te-

nho-lhe medo ao genio. Parecia tão cortez e meigo, ao principio; e agora tem uns modos que me trazem assustada...

— Tambem já notei isso, filha!.. Um homem assim aspero, no tempo em que lhe cumpre ser brando, depois de marido ha-de ser um tyranno...

— Póde ser que não... — contraveio a menina — O que o faz andar assim bravo são os zelos, á conta do Salvador. Se casar commigo, bem póde ser que mude.

— Pois vê lá, Mécia... Se vês que a tua felicidade está n'este casamento, ninguem t'o impede. O que eu quero é ir d'esta vida com a certeza de que te deixo contente com o amparo de um bom esposo. Balthazar não tem menos partes de antigo fidalgo que Salvador. A differença está tão sómente nos bens da fortuna. É sabido que o de Guimarães é administrador de tres grandes vinculos; e o morgadio das Olarias é cousa de pouca monta, segundo o proprio Balthazar Pereira me disse.

— Elle disse-lh'o ao pai?

— Sim, menina, disse-m'o hontem a proposito de D. José de Noronha trazer á conversação o teu casamento. Posso dizer-te que foste pedida e eu declinei sobre ti a resposta. Ha n'isto um pequeno inconveniente, e é que a tua casa de Anciães, não podendo ser desempenhada, vai-se para os credores, está perdida, e lá se perde com ella o melhor do so-

lar de nossos avós; mas, emfim, como eu, quando isso for, já hei-de ter terra sobre os olhos, quem cá ficar que se lastime; e, se tu te não dás d'isso, menina, o resto são cousas imaginarias de pouca importancia. O essencial é que te dês bem com a tua mediania lá no casal de teu marido. A riqueza é boa, mas a felicidade é melhor. Se o Salvador fosse homem de quem tu gostasses como do outro, as vantagens seriam outras no teu casamento; porque, emfim, se podesses desempenhar a casa de Anciães, como de facto podias casada com Salvador, escusarias de passar tua mocidade n'uma aldeia agreste; irias para Guimarães, que é tronco de muita fidalguia; irias, talvez, ás festas da côrte e passarias temporadas com os muitos parentes que lá tens no paço, irmãs de tua mãi e minhas primas. A dizer verdade, filha, pelo muito que te quero, peno de te ver aqui sumida n'estes montes, vivendo vida tão outra da que tiveram tuas avós e mãi. A razão bem na sabes, Mécia... É o desfalque da nossa casa, minada por desperdicios e desbarates que vêem de longe. A minha esperança era casar-te rica, e a tempo de saboreares ainda uma boa parte da vida no tracto das grandes cidades e convivencia dos palacios. Mas, torno a dizer-te, os verdadeiros bens d'este valle de lagrimas não os dão cidades, nem grandes palacios. Se vês que te conformas alegremente com o viver obscuro de uma al-

deia peior ou melhor do que a nossa, casa com Balthazar Pereira, e não te seja estorvo o perdimento da casa onde nasceram onze dos teus vinte e cinco avós conhecidos.

D. Mécia, com o labio inferior apertado entre dous dedos, ouviu as razões astuciosas do sagacissimo velho e mostrou quanto respeitaveis lhe eram os argumentos paternaes, não respondendo, senão passados dous minutos, estas expressões exemplares de docilidade filial:

— O pai é que ha-de decidir.

— Deus Nosso Senhor me livre d'isso! — acudiu Lopo Vaz — Eu!.. Guarde-me o céu e o espirito do bem-aventurado frei Francisco de Jesus! Um pai indiscreto decide simplesmente com o juizo n'uma pendencia em que a parte mais forte é o coração da filha: grandissimo erro de que eu sou incapaz, já porque te amo e já porque tenho basta experiencia do mundo. Ora diz-me cá. Para qual dos dous te leva o coração?

— O coração?.. — murmurou Mécia.

— Sim: já me disseste que amavás com preferencia Balthazar...

— Disse, mas não quero desgostar o pai...

— Não me desgostas, filha; torno-t'o a dizer, não me desgostas. Eu estou a sahir d'esta vida; e a tua começa agora. Os velhos vêem mal o futuro, porque não teem senão passado. Escuta o que te diz

o coração, porque é d'elle e para elle que tu queres os annos largos que tens de viver. Ora isto é cousa para ser pensada. Não te peço resposta hoje; ámanhã de tarde m'a darás; porque já esta manhã m'a pediram D. José para Balthazar e Melchior para Salvador.

— Pois sim — murmurou Mécia. — Eu pensarei...

XVI

O Nemrod transmontano

— Esta mulher é vil! — disse entre si Balthazar Pereira, quando terminou o dialogo, que escutára offegante e anciado com os saltos do coração.

Lopo e a filha tinham descido á quebrada da serra. Lá em baixo ia grande alarido á volta de um chavascal onde se entrincheiraram dous javalis contra as remettidas dos cães açulados. Mécia apertava o passo para assistir á peleja, e tão esgazeada pinchava muito ávante do pai, que nem lembrança das graves cousas, ditas momentos antes, lhe occupava o espirito.

Ao mesmo tempo, Balthazar, encostado ao tronco do roble, punha os olhos amarados de lagrimas nas lettras cortadas pelo eremita do Roboredo e lia com o coração a palavra JESUS. Era um lampejo da graça do céu, beta de luz de melhor vida entreluzindo e apagando-se logo na escuridade da alma debruçada sobre o abysmo da desesperança.

— Esta mulher é vil! — proseguiu elle — Se me ella escolhesse, vil seria eu tambem acceitando-a e glorificando-me da escolha. Despreso-a!.. detesto-a!.. A minha grande vergonha é tel-a amado!..

E desceu do viso da serra, a grandes passos e saltos, por barrocaes e algares, dando a lembrar o fragueiro caçador do Alvão. Chegou á raiz do monte primeiro que Lopo e a filha. Acercou-se da corda de caçadores que rodeavam os espinheiros onde os javalis embrenhados deixavam ver as serdas hirtas, quando rompiam escumantes contra os cães e recuavam. Os caçadores mais certeiros, postados sobre fragas eminentes, não ousavam atirar aos javardos com receio de ferir os cães muito achegados d'elles, bem que as feras cortassem em volta de si uma vasta clareira. Balthazar, de braços cruzados, contemplava a lucta e a impericia dos caçadores, tão duvidosos da sua pontaria, que deixavam romper fundo os dentes dos javalis nas carnes dos mais atrevidos cães.

— Estás ahi, Balthazar!? — exclamou D. José de Noronha — Atira aos porcos bravos! atira, que morra eu, se ferires algum cão!

— Pois sim, — objectou um caçador dos mais presumpçosos — mas deixe-me chamar as minhas cadellas.

— Não chame — disse Balthazar. — Em vez d'isso, empreste-me a sua arma de dous canos, que

eu por cada cão, que lhe matar, dou-lhe seis de melhor raça.

N'este comenos, chegaram Mécia e Lopo ao grande ajuntamento de damas e caçadores. Balthazar, ao vel-a, estremeceu, agitou-se e disse de si para comsigo: «Já não posso acertar. Fico mal... É um vexame, mas não ha remedial-o.»

Um dos javalis, a este tempo, levando um galgo contra um sarçal, illaqueou-o, cravou-lhe os melhores dentes n'uma espadua e sacudiu-o a ferozes sacões.

Ao mesmo tempo, quando todas as vistas convergiam sobre Balthazar, metteu elle a espingarda á cara, desfechou e quasi simultaneamente o javali rojou-se, escabujou e morreu com a bala embebida pela caluga.

Romperam brados e acclamações. Balthazar perguntou se não seria melhor deixar vivo o outro para alguem ter o gôsto de o matar fóra do chavascal. Ninguem quiz ter o gôsto offerecido, porque o perigo dos cães era maior e mais feroz o encarniçamento da outra fera, contra a qual rompia a matilha inteira. Os donos dos cães tremiam pelo resultado do segundo tiro; não obstante, tiveram como injuria dizer alto os seus sustos.

— Atira! — disse D. José — atira, mestre de caçadores!

Balthazar entregou a arma e disse:

— Não atirei com a intenção de parecer mestre. Estes senhores que percam o receio de matar os cães e logo matarão o javali.

Salvador Teixeira, justamente vaidoso da sua dexteridade venatoria, exercitado nas caçadas do Gerez, sentira-se humilhado pela façanha do rival. Pungia-lhe mais o desaire estar alli D. Mécia com os olhos brilhantes de enthusiasmo, como a reverse na gloria do modesto Balthazar. Esporeado pelo ciume e pela mais parvoa das vaidades, subiu a um combro para attrahir a attenção, fez pontaria, disparou e... rompeu o ventre de um cão perdigueiro de dous narizes, o melhor da matilha; e, por desgraça sua e vilipendio do caçador, o cão assassinado era o que mais longe estava do porco bravo!

D. José estrallejou a mais petulante das gargalhadas. As damas, que não riam, deploravam a sorte do perdigueiro. O dono chorava sinceramente. Salvador tinha a cara a exsudar um suor vermelho, de corrido que ficou. O restante de pessoas, que eram mais de trinta, abriram as boccas. Balthazar, quando o javali cevava a raiva no cão moribundo, disse:

— Vejamos se ainda é possivel curar-se o cão, tirando-o dos dentes do porco. Queira alguem emprestar-me uma arma.

Tomou uma das que se lhe offereceram. Dous minutos depois, o javali rugia no estertor da morte, com o pelouro cravado no serro.

D'esta segunda proeza ficou realmente vaidoso o morgado das Olarias. Aquillo fôra espezinhar o de Guimarães, calcal-o no coração até lhe esvurmar sangue aos olhos. De feito, o estado de Salvador Teixeira seria lastimavel, se não tivesse tres partes de ridiculo. D. Mécia fugia de olhal-o em rosto, com pena de o magoar, e tambem porque antes queria não o ver, a elle que todos suppunham ser seu noivo, e, apesar d'isso, chacoteavam-no com risotas e zombarias mal disfarçadas.

Balthazar, por sua parte, simulou absoluto menospreço de sua gloria e um gentil comedimento que a tornava mais relevante. Juntou-se com alguns caçadores, penetrou nos espinheiros, onde o cão arquejava procurando o dono com o olhar já torvo, tomou-o entre as mãos e disse que estava morto, depois de lhe tentear com os dedos o estrago dos zagalotes. D'alli, desceu á ourela de um regato a lavar as mãos ensanguentadas e sumiu-se outra vez na floresta, para não encarar com a mulher odiosa.

Odiosa e amada com infernal ardor. Porque Balthazar, ao mesmo tempo que lhe escutava na reminiscencia as palavras ditas ao pai e significativas de rasteira alma, d'esta mulher que fallava estremava elle uma outra mulher silenciosa, lustrada com resplendores de serafins, linda como a creação mais esmerada de Deus... e esta imagem era a de Mé-

cia. Que paradoxo! como podem entrar na mesma phantasia estas duas imagens, a estrella de alva e a escuridão das masmorras, os hymnos da alta gloria e o praguejar dos reconcavos do abysmo, o ouro e a lama, a mulher da paixão santa do amor e a mulher detestada por sordida!

E a gente, sentada na sua cadeira, e no gôzo de nossa tranquillidade e claro intellecto, perguntamos: «E tinha elle razão para amal-a ou para odial-a tanto?» Não tinha: estou com a opinião das maiorias em que falla sempre a voz de Deus. Não tinha. Vê-se uma menina apeada no Marão, empresta-lhe a gente o seu cavallo e mais ao pai, vamos até Braga com elles, achamol-a bonita, não lhe ouvimos cousa que nos dê uns longes de que ella tem dous escropulos de intelligencia, cortejamol-a, ella diz que nos ama, jura que nunca amou outro, etc; ora isto é bastante para que um homem de vinte e oito annos se esbrazeie n'um amor que de continuo está mostrando por entre o sorriso uns dentes ferozes? Não é bastante, não; mas que querem? Ha condições d'esta natureza; ha assim selvagens, que se nos encampam como requintes do ideal. São monstros necessarios á perfeição do Universo. Amam como os leões rugindo; e, todavia, os leões teem meiguices que fazem inveja ás pombas!

Que queriam d'aquelle homem que não amára nunca?.. Ahi começo eu a desculpal-o!.. Que que-

riam da virgem alma que desbotoára a sua primeira flor na mão de uma menina de vinte annos, que jurava merecer-lh'a, por Deus e pela memoria de sua mãi! O moço entregára-se-lhe com a fé ardente de um martyr á religião que lhe antemostra a gloria e lhe desconta no supplicio os jubilos da esperança. Ora áquelle pobre mataram-lhe logo a esperança, não com o gume da perfidia rebuçada em qualquer desculpa, mas ás pedradas, ás mãos cheias de lodo...

Ah! mas aqui volto eu contra elle. Que mal lhe fez a menina? Amar outro, amar o de Guimarães? Qual amar! Ella ama lá ninguem! O que ella não sabe repulsar é o homem dos tres vinculos; mas isso que tem, meu Deus? De que pó de ouro e perolas queremos nós que tenha sido feita a mulher?! Pois isto de cá não é tudo barro? A mulher não é costella de homem, e costella inutil, visto que o homem funcciona perfeitamente sem ella?

Fujo de uma questão de polpa em quanto á inutilidade ou valia da costella subtrahida; porque dizem philosophos doutos e santos que este iman da mulher é o osso a tirar por nós, o osso que foi nosso e nos faz tamanha mingua, que somos capazes de sacrificar os que temos á posse d'aquelle que nos falta. Isto parece-me bem dito e muito philosophico, mas é opinião que vai desairar o conceito alto que nos merece o Creador. Se a falta da costella nos

induz a vicios e crimes, como ha-de pedir-nos contas quem nol-a tirou?.. Eu a dizer que fugia da questão e a engolfar-me n'ella!..

Em tres palavras: Balthazar não tinha razão para tanto amor, nem para tanto odio; mas, se reflectirmos que aquelle odio, feitas as contas, não é senão amor, choremos a fraqueza d'aquelle homem e não levantemos pedras para lapidal-o. Jesus Christo é que nos conhecia bem. Se elle não fosse divino, em certa occasião, apedrejava tambem uma peccadora e muitos peccadores.

Recolhamo-nos á historia. Á hora do jantar, e já soado o terceiro signal convencionado da buzina, Balthazar não appareceu. D. José foi e veio sem encontral-o.

Mécia estava triste. Parece que o estava amando. Devia-se aquelle assomo de amor á morte dos javalis. Estava em pouco o escandecer-se o coração da menina.

Lopo Vaz estudava aquillo e lia correntemente. O caso dos javalis era tambem muito no dessocego do animo do velho. Bem via elle que Salvador Teixeira, com a sua irreflectida sandice, perdera muito. Já Lopo receiava que os tres vinculos não bastassem a rehabilital-o.

E o proprio pretendente conhecia tanto o seu desaire, que apenas de soslaio relançava os olhos a D. Mécia, e desatinava em disparates, quando

queria, fallando, fingir-se superior ao seu desastre.

Terminado o jantar, o morgado das Olarias appareceu com alegre semblante. Quizeram por-lhe sobre a meza as peças inteiras que sobraram do profuso banquete offerecido pelo alcaide-mór de Trancoso.

Balthazar dispensou-se de comer, dizendo que, na raiz da serra, se lhe deparára uma cabana povoada, onde elle comprára um pedaço de pão e o comera regaladamente, recordando-se dos seus dias felizes de caçador, quando vagava desapercebido de alimentos lá pelas suas serranias.

A singularidade pareceu a todos um capricho de homem descommunal.

D. José de Noronha tirou á parte o amigo e perguntou-lhe:

— Que diabo foi isto? Porque não quizeste jantar?!

Balthazar não respondeu. Se D. José de Noronha fosse um espirito grave, o das Olarias, depois de referir o dialogo que ouvira na choupana de frei Francisco de Jesus, diria:

— Depois do que ouvi ao negociador do coração da filha, não devo acceitar um prato de feijões na casa dos seus.

D. José esperava a resposta, quando Balthazar lhe disse:

— Ao anoutecer, despeço-me e retiro-me. Ficas?

— Pois vaes-te embora hoje?

— Á noute.

— E então Mécia? Já se decidiu?

— Não tenho nada com essa senhora. Enganei-me. Estranho estas veredas infames em que me lançou um desgraçado acaso.

D. José não o entendeu.

XVII

D. Mécia a pensar

D. José divulgou a partida de Balthazar.

A pessoa mais suprehendida foi Mécia. Ficou inquieta. Conspiravam diversos pensamentos a tiral-a de uma indifferença, senão estupida insensibilidade, com que ella, de costume, via fazerem-se ao largo os seus amadores temerosos de naufragio. Entre outros estimulos, dando como debil o do amor, podia muito o de uma offensiva commiseração e dó de Balthazar, favor ignobil com que mulheres de pequena alma entendem lisongear e compensar de sobra a idolatria que recebem desdenhosas. Contribuia bastantemente para este sentir a ingrata impressão que lhe deixára o dezar de Salvador, por causa d'aquelle infausto successo, que andava nos risos de todos e nas lagrimas do dono do cão principalmente.

Foi Mécia ter-se com o primo D. José e pediu-

lhe que estorvasse a sahida de Balthazar ou pelo menos a espaçasse até que ella podesse fallar-lhe.

O requebro, com que a tristurosa prima pedia isto a D. José, tinha meiguices de impressionar. O inclito toureiro olhou-a muito de fito e disse:

— Muito linda está, priminha! Assim é que está bem, com essa quebradella de pescoço!

— Não brinque, primo, que eu estou muito zangada. Que mal fiz eu ao primo Balthazar?

— Ora faça-se de novas... — replicou o de Alijó — Anda aqui a namoriscar este mundo e o outro! O Balthazar tem zelos... podéra não!

— De quem?

— Ainda o pergunta a feiticeira! zelos d'aquelle mata-cães do Salvador! Basta ser de Guimarães o piza-verdes! Diz lá o dictado: *Deus nos livre de Guimarães, onde prendem a gente e soltam os cães.* (*) O Salvador Teixeira não os solta; dá cabo d'elles, quando atira aos porcos. Se elle tem tão certa a pontaria, quando atira aos corações das donzellas, poderá acertar-lhe nos calcanhares, mas no coração ha-de-lhe custar!

— Deixe lá o homem... — atalhou Mécia.

— Deixo, deixo, assim elle me deixe a mim; o que eu não quero é caçar com elle, porque um

(*) O annexim já foi usado por D. Francisco Manoel de Mello; não o inventou D. José de Noronha, nem eu. Consulte a pag. 276 dos *Apologos dialogaes.*

homem que atira a um porco e mata um cão, póde muito bem atirar a um coelho e matar um homem que está atraz d'elle... Mas a prima, como não faz tenção de andar a caçar com o marido, não se lhe dá de casar com o peralvilho de Guimarães, eim?

— Eu já lhe disse que casava com elle?! — acudiu D. Mécia irritada.

— Dizem-no por ahi e a final casa. Eu sei que ainda até hontem não tinha dado o sim, mas... o rapaz é rico, o Balthazar tem pouco... ás duas por tres, lá se me vai a prima para Guimarães e eu declaro-lhe que a não vou lá visitar, porque tenho zanga áquelles pantalões que são muito pespontados em sabenças e doutorices. Tem lá uma cousa que chamam academias onde pregam sermões. Assisti uma vez a uma d'essas zaralhices, quando fui á feira de anno comprar potros, e ri-me á farta d'aquelles toleirões.

— Que me faz cá a mim isso, primo? O que eu queria era fallar com Balthazar. Peço-lhe eu; não o deixe ir hoje.

— Pois eu vou pedir-lhe que fique. Elle já lá vai adiante com uns caçadores; vou apanhal-o. Digo-lhe que a prima está resolvida a não casar com o Salvador?

— Não lhe diga senão que me falle á noute na sala; e que se não esconda de ninguem.

— Bonito! Assim é que se faz! Até logo.

Mécia entrou no rancho das senhoras, e D. José foi lançar o braço ao pescoço do amigo e adiantou-se com elle para lhe dar o recado de Mécia.

— Que hei-de eu dizer-lhe, depois do que ouvi? — murmurou Balthazar.

— Então que ouviste, homem? — perguntou D. José.

O das Olarias reteve a necessidade da expansão. D. José era-lhe pessoa de menos confiança que um estranho. Já se disse que uma secreta repugnancia o affastava do espirito boçal do de Alijó. Este mau humor sobre-azedou-se n'um lanço de ciume e n'aquella curta pendencia que ambos tinham tido em Villa Real por causa de Mécia. Os presagios seriam abusões dos espiritos fracos, se todos tivessem tão pouca razão de ser como a repugnancia de Balthazar. É forçoso que alguma cousa mysteriosa tenha de vir a lume para confirmar o presentimento do amador de Mécia.

Apoz alguns minutos de consideração silenciosa, Balthazar disse a D. José que receberia, á noute, as ordens da filha de Lopo e partiria a qualquer hora.

Mais atrasados que os outros no caminho de casa, vinham Salvador Teixeira, Lopo Vaz de Sampayo e Melchior Teixeira.

A conversação que traziam era agitada. Salvador dizia que, mui magoado, ia retirar-se no dia

seguinte, desistindo já de saber a resolução da snr.ª D. Mécia.

Fundamentava a justiça da sua retirada no facto de ter surprehendido as olhadellas enternecidas com que a menina distinguia Balthazar Pereira da Silva.

Jactava-se de ter sangue, não só nobre, que tambem honrado no coração; por onde, jámais acceitaria mulher que oscillasse duvidosa na escolha de um de dous homens.

Levado pelo impulso da paixão, azedada pela desgraça de matar o cão,—cousa em que muita gente ha-de ver toque de comedia, como se o desastre não fosse bastante a ensandecer a fatuidade de um tolo namorado—disse maravilhas de sua linhagem, referiu feitos admiraveis dos Teixeiras, e sobre a sua riqueza entendeu que dizia o necessario asseverando que podia, com ella, á parte o seu nascimento, escolher esposa nas principaes casas da côrte.

Lopo Vaz de Sampayo era, até certo ponto, legitimo descendente do governador da India; ou, pelo menos, quando se lembrava que o era, assomava-se n'umas fumaças de pundonor honrado. As bazofias do assassino de perdigueiros azedaram-lhe os brios. Lopo redarguiu que não pleiteava brazões para não incommodar cinzas de Teixeiras, nem tecer corôas desnecessarias a Sampayos. Disse

que sua filha, se ouvisse as demazias do homem que a pedira para esposa, se daria por manchada em ter sido causa indirecta de tal proposta. Concluiu dizendo, com as tripas nobres no lugar do coração derrancado pela soberba de fidalgo pobre, que sua filha o repellia.

Em substancia foi este o dialogo, travado de fidalgas injurias.

Salvador recolheu-se a casa de seu primo Melchior.

Lopo foi dizer á filha que não pensasse mais na proposta do biltre de Guimarães.

— E na de Balthazar?— perguntou ella, mais alvoroçada que o costume em perguntas d'esta especie.

— Pensa em Balthazar, filha, — disse pausadamente o velho — pensa, mas não te esqueças da casa de teus avós... No dia em que casares com elle, perdida vai comtigo a esperança de a restaurar. Eu, por mim, morrerei n'ella, que já agora do solar de Anciães me ha-de levar o esquife; mas tu... irás morrer longe, e teus filhos, forçosamente pobres, já não saberão como justificar, nem sustentar os appellidos de Vaz, Sampayo, Castro, Mello e outros muitos que trouxeram os seus louros para Anciães. Pensa, Mécia Vaz de Sampayo! Olha para ti: vê-te nos teus vinte annos, formosa, requestada por mancebos de grandes casas, todos regeitados por-

que não hombreavam comtigo em fidalguia, nem tinham riqueza que nos indemnisasse da quebra de nossos fóros. Pensa e vê se Balthazar vale o que outros não valeram.

Mécia não replicou! Santa filha e modêlo de donzellas! Continuou a pensar.

XVIII

A ferocidade do primeiro amor

Entrou Balthazar Pereira á sala; e, assim que a occasião se ageitou, foi sentar-se ao lado de Mécia.

— Venho receber as suas ordens, prima — disse elle balbuciante. — Quer v. s.ª convidar-me a assistir aos seus desposorios com alguem?

— Que modo de fallar-me! — respondeu ella, tregeitando gestos de aborrecida — Eu não caso com quem o primo cuida. Juro-lh'o pela memoria de minha mãi.

— Não jure! — atalhou elle.

— Jurei e torno a jurar. Não quer meu pai, nem eu. Sou filha obediente e tenho juizo. O primo faz de mim ruim conceito.

— Deus me livre d'esse remorso! O que eu sinceramente imagino é que minha prima... não tem coração, mas tem muito juizo.

— Está-se a rir?

— Bem vê que estou serio, prima D. Mécia.

Ora diga-me: não se occupa a pensar n'um marido rico? n'alguns saccos de ouro com que desempenhar a casa de seus avós? Creio que sim... é isso, é este cogitar nos saccos de ouro, o que se chama juizo nas donzellas de vinte annos, quando ellas estão na segurança da virtude de minha prima, virtude que ninguem quer offender, nem manchar. Devo dizer-lhe que os saccos de ouro não os tenho eu; um coração com todas as riquezas da virtude já lh'o dei. O pouco mais que eu tinha pouco era... Minha prima tirou-me tudo... deixou-me pobre!

Aguaram-se os olhos de Balthazar e retardou-lhe a voz. Depois, continuou:

— Olhe que a felicidade não é aquillo que seu pai esta manhã lhe dizia, perto da choupana do eremita.

Mécia fez um movimento de espanto. O moço proseguiu:

— Chorava eu menos amargas lagrimas do que estas que me estão queimando os olhos, minha prima, quando v. s.ª com seu pai chegaram alli. Não quizera eu escutal-os, mas era violentado a ouvil-os. Estava alli amarrado a uma pedra pelos grilhões da minha desgraça. Ouvi... Quantas vezes eu cuidei que os seus labios iam proferir a minha salvação, abrir-me o céu e vingar-me das minhas tristezas de vinte e oito annos, seccos, myrrados como as urzes da serra! E porque não quiz, Mécia, porque

não quiz dizer a seu pai: «Deixe-me ser rica do profundo amor d'aquelle pobre rapaz, que toda alma me poz aos pés desde o primeiro instante em que me viu...» Porque o não disse?

— Mas tambem não disse que queria casar com o Salvador... Lembre-se, primo!

— Lembro; mas a hesitação que era, senão a frieza da sua estima?

— Bem sabe que meu pai tem lá aquelle amor á casa de seus avós e eu não queria affligil-o agora no fim da vida... Não ouviu o que elle me disse?

— Ouvi que a vida por côrtes e palacios era magnifica. Se o é, que tem o solar dos Sampayos com isso? Quantos lá vivem com o solar vendido e a honra vendida tambem!.. Serão elles felizes? Como será a felicidade de uma mulher que matou a mocidade d'aquelle meu pobre amigo de quem D. Mécia teve dó? Recorda-se de frei Antonio de Christo? Será feliz a mulher que, a toda hora, tira terra da sepultura d'aquelle moço, que Deus sabe se lhe está pedindo o perdão da perfida?.. Mécia! — exclamou elle com abafada voz e afogado de soluços — eu não sei se alguem me está escarnecendo as lagrimas... Não escarneça minha prima, que eu não me pejo de que me vejam chorar!

Commoveu-se do fundo d'alma a filha de Lopo e murmurou:

— Mas não chore, primo Balthazar, que eu nunca amei tanto alguem como a meu primo!..

As palavras eram sinceras, mas algum fatal demonio, empenhado na desgraça d'estas duas creaturas, tocou no cerebro do moço e espertou-lhe a memoria de umas palavras que Mécia lhe dissera junto da ermida do Senhor do Monte. Além lhe perguntára elle: «Ainda não amou em sua vida?» — Não— respondeu ella.

Pungido por esta recordação, Balthazar sorriu-se torvamente e disse:

— Não tinha amado alguem até áquelle dia em que eu recebi o seu juramento no «Senhor do Monte?»

— Não, primo! — tartamudeou a menina.

— Mentira! — replicou elle — mentira inutil que me não lisongeia, nem provaria a bondade do seu coração, D. Mécia! Qual seria a mulher que, depois de haver dito a um homem palavras e juramentos, que D. Mécia me disse a mim... qual seria a menina de boa condição quê, pedida por outro homem, hesitasse em responder! É feio proceder estar uma menina de vinte annos jogando com duas affeições e com a balança na mão para pesar o patrimonio de dous pretendentes! Isto é triste, quando não seja deshonesto...

Mécia encarou-o de revez e fez-se escarlate de colera.

— Até aqui tinha-me medo; agora tem-me raiva, não é assim? — perguntou socegado e risonho o das Olarias.

— Quem me manda a mim aturar o snr. Balthazar?! — disse ella com assanhado impeto.

— É verdade, quem a manda? — tornou elle serenamente — Eu vim aqui ao mandado de v. s.ª; e, se não tem mais ordens que dar-me, retiro-me.

— Faça o que for da sua vontade.

Balthazar ergueu-se de golpe e disse com severissima catadura:

— Snr.ª D. Mécia, ainda não experimentei se alguem póde zombar de mim, porque nunca fui escarnecido. Quer-me parecer que não perdoarei a homem, nem mulher que me ultrajar a dignidade ou o coração...

— Que vem a dizer isso? — interrompeu Mécia com entôno.

— Vem a dizer que eu não sou dotado naturalmente das boas entranhas de frei Antonio de Christo. Ás mulheres prejuras hei-de castigal-as como aos homens infames. A arma é nobre, é digna de mim... é o desprêso.

D. Mécia riu-se com o mais plebeu dos sorrisos.

Na verdade, o rir d'ella poderia qualificar-se de intelligente, se o interior d'aquelle ser animal não fosse uma escuridão cerrada. A leitora, em quem eu presumo notavel perspicuidade, se visse Balthazar

na postura em que a outra o viu, ria-se justificadamente. O homem esquecera-se de que era observado pela curiosidade de algumas pessoas attentas ao desfecho de uns esponsorios, que davam a prever tragedia. O rir de Mécia era uma affronta galhofeira ao desprêso com que o desvairado moço a ameaçára.

Balthazar, exacerbada a ira pela derrisão, inclinou-se-lhe ao ouvido e murmurou convulso:

— Olhe que ha-de chorar, juro-lh'o eu!

E, atravessando allucinado o salão, sahiu ao pateo da casa e pediu o seu cavallo.

D. José de Noronha, que estava entretido a fazer rir as snr.as Carrascos e as snr.as Belermas e as snr.as Travincas de Freixo-de-espada-á-cinta, assim que o avisaram do despropositado intento de Balthazar, que estava pedindo o cavallo, desceu ao pateo e exclamou:

— Então vai por diante a asneira? Que te disse ella?

— Não sei o que ella me disse — respondeu Balthazar, deixando pender os braços n'um desalento e canceira que é o marasmo especial em que nos prostra a desgraça, quando a mão de ferro d'ella nos bate em cheio no coração. Contra ingentes infortunios ha reacções prodigiosas; mas, nos lances formidaveis do amor infeliz, ao sentirmos romperse o dique das lagrimas, não ha dignidade que nos

ampare na quéda. Balthazar passava os tormentos d'esse lance cruelissimo. Chorava já golpeado de vergonha e arrependimento. Chorava de amor e saudade d'ella. Chorava com o seio alanceado pela certeza de que não tornaria a vel-a.

— Oh meu Deus! — exclamou elle, fechando a fronte nas mãos — Oh meu Deus! que vida vai ser a minha!

XIX

Ciladas á vaidade

Balthazar Pereira deixou em Moncorvo e suas redondezas reputação de doudo. A gente séria ficou espantada, quando, de confidencia em confidencia, se foi espalhando a noticia das cousas petulantes que elle dissera a D. Mécia. Os briosos fidalgos sertanejos deploravam-se por não saberem a tempo o caso novo que cumpria despicar a ponta e gume de espada. D. José de Noronha propriamente bandeou-se com a indignação geral, e declarou que rompia a sua amisade com homem tão descortez e vezado a tractar com o femeaço lá das suas montanhas. Até D. José achou descortez o desventurado moço!

Cousa extraordinaria... *cousa extraordinaria* ia eu dizer no comêço do periodo... Ora! n'este mundo não sei de cousa nenhuma extraordinaria. Ha romancistas que cuidam inventar casos e fiam-se em que desbravaram um caminho desconhecido para chegar a uma peripecia nova. O leitor, porém,

que sabe apenas a vida de quinze familias, começa a recordar-se e lembra-se de quinze casos semelhantes ao inventado pelo romancista.

O successo inaudito que eu ia contar, com ufania de pregoeiro de novidades, é da natureza dos taes que se inventam, quando cada leitor sabe quinze.

É isto, que não merece grandes prologos, nem grandes espantos: D. José de Noronha descobriu que sua prima era galante; que, no meio das outras, aliás esbeltas, era uma princeza. Duas paixões fogosas e mallogradas, a paixão de Balthazar e a de Salvador, estimularam-no, picaram-lhe o orgulho de avassallar o coração rebelde ás caricias dos outros. O senhor de Alijó não se deteve a scismar se procedia bem ou mal cortejando a mulher amada do seu amigo. Nem elle entendia de pundonor, nem de amigos. Aquillo era um selvagem convisinho da bolota e da rudeza primitiva em todo o esplendor de sua brutidade.

Quanto mais se affirmava n'ella, mais guapa se lhe figurava. Mécia, incendida de raiva, sustentou nas faces, durante o sarau d'aquella noute, um escarlate que era como lume pegadiço ao peito de D. José de Noronha. O bruto estava embellezado n'aquillo e dizia a toda a gente:

— Esta minha prima é uma bonita moça!

Dizia lh'o tambem a ella, em presença do pai,

e desgostava-se do desdem com que a esquiva se lhe furtava ás exclamações tolas e sinceras.

Por volta de meia noute, desfez-se a assembleia; cada familia foi para sua pousada murmurar e rir da comedia dos namorados fugitivos, e confirmar a fama da leviandade de Mécia.

Lopo Vaz e o alcaide, depois que D. José se tinha recolhido ao seu aposento, estiveram ouvindo pelo miudo os dizeres de Balthazar, referidos pela menina com raiventa energia.

— Villão! —exclamava o velho Lopo — Villão!

— E pernoutou aquelle sevandija em minha casa! deitou-se nos meus lençoes, apertou a minha mão e ha-de ir dizer que eu lhe chamei meu parente! — exclamava tambem Francisco de Sampayo.

— Maldita seja a hora — tornou Lopo — em que o macho nos morreu na serra do Marão! Se não fosse aquelle desastre, nunca eu conheceria o villanaz que ousou chamar a côr da vergonha ás faces de minha filha!

Suspirou um ai do intimo e proseguiu:

— É verdade que eu não conheceria este galhardo D. José de Noronha, tão do nosso sangue, se não se désse o caso funesto que nos occasionou o conhecimento do outro. D. José! aquillo é fidalgo dos Tavoras e Gamboas! Estava consternado devéras dos teus pesares, minha filha. Chegou a dizer-me que metteria a espada na bocca de quem ou-

sasse insultar-te de hoje ávante. E sabes tu que mais, filha? O rapaz andava doudo esta noute... doudo de amores... adivinha por quem... não és capaz.

— Era pela Leonor Travinca? — perguntou Mécia.

— Não.

— Então era pela Sancha Belerma...

— Tambem não. Vê lá quem era...

— A Bernarda Carrasco?

— Não.

— A Guiomar Varejôa?

— Não.

— Ah! já sei... Era a Filippa Crasto!

— Não acertas, filha.

— Então não sei... Diga lá, meu pai?

— Curiosa!.. magana!.. — disse elle, dando-lhe palmadinhas no rosto — Eu não t'o digo, que me pediram segredo. Teu tio Francisco, se quizer, que t'o diga.

— Quem era, tio Francisco?

— Eras tu, menina!

— Eu! — exclamou ella—Ai! o bruto! Deus me livre! Olha elle, que não sabe senão matar bois e cosinhar gallinhas! Cruzes, canhoto!.. O' pai, antes freira que esposa d'elle!..

— Quem te falla em ser esposa d'elle?! — acudiu mui risonho o velho — Estamos a contar-te

uma cousa para te distrahir das tuas tristezas, e tu, creança, cuidas que isto é proposta de casamento!

— Mal peccado que fosse! —atalhou o alcaide.

— *Mal peccado!* Ora essa, meu tio! Eu queria-o lá! — exclamou D. Mécia.

— Bem sabemos que não querias, filha — interveio Lopo Vaz, piscando o olho esquerdo ao primo. — Não se casam com o teu genio aquelles modos sacudidos d'elle, maneiras rasgadas e rudes que fazem lembrar os bons fidalgos da nossa mocidade, primo!

— É verdade... Eram assim! — obtemperou o outro.

— Mas olha, Francisco, — ajuntou Lopo — que debaixo d'aquella grossa casca está um bom coração.

— Ai! — disse Mécia — Córação! quem deu lá d'isso? Não viu como elle fallava das damas? assim com um ar de desprêso...

— Vai ouvil-o agora fallar de ti! Minha amiguinha, isto de homens todos são muito fortes e isentos em quanto lhes não bate a sua hora. E assim que topam com a mulher que os toca na corda sensivel, é vel-os como Hercules, que fiava na roca, sentado aos pés da sua dama. Isso fazem logo uma mudança como do dia p'ra noute! Tu verás!.. Quando teu primo casar com a menina, que elle ainda não encontrou, me dirás se elle ainda falla com

desdem das mulheres e se quer mais saber de correr touros ou cosinhar empadas de perús, ou lá o que é que elle sabe.

— E aquillo está alli, está casado — disse Francisco de Sampayo, identificando-se habilmente ás manhas do primo Lopo.

— Ora se está! Imagina tu que D. José de Noronha é já senhor de nove vinculos de Tavoras...

— Tres de Gamboas... — ajuntou o alcaide.

— Outros tres de Noronhas...

— São quinze. Afóra os prasos..

— Com natureza de vinculo, que são seis.

— E, além d'isso, n'aquella casa ha dinheiro acamado de seis generaes e governadores de grandes capitanias na India e Africa.

— É uma casa das maiores...

— É a maior de Traz-os-montes!

— Não fallando no que elle tem que herdar de tios e tias lá do sul, que bebem os ventos por elle. Ora vê lá, primo Francisco, se um fidalgo tão poderoso não achará esposa, se a quizer, na casa de Aveiro, de Tarouca, de Soure, dos Alegretes ou onde elle escolher, na melhor familia das Hespanhas!

— Ora, pois isso! Onde elle quizer!

— Escusas, portanto, filha, — continuou Lopo — de receiar que elle te peça para esposa. O amar-te é uma cousa e o querer-te para compartir dos seus immensos bens é outra. Vales muito, vales

um principe; mas, desgraçadamente, a formosura sem a riqueza não arrebata os que deveriam prescindir da opulencia inutil, e repartirem a que teem com uma divindade como tu és aos meus olhos de pai e aos olhos de toda a gente. Tu merécel-o, mas...

— Se eu quizesse... — murmurou Mécia por entre um sorriso vaidoso.

Lopo cascalhou uma grande risada e clamou:

— Olha a soberba!.. *Se eu quizesse!*.. É muito boa aquella, não achas, primo Francisco? Não é mais do que querer!..

— Olha, menina, — disse o alcaide com gravidade — se vês que podes fazer o milagre, convence-nos de que és, quando quizeres ser, uma das mais ricas donas de Portugal. Dá essa gloria aos teus e grangeia a riqueza incalculavel dos teus descendentes! Restitue o brilho antigo aos brazões embaciados de teus avós!

— E como tu fallas grave, primo! — interrompeu Lopo — Não me mettas minha filha n'essas andanças, que eu não a quero ver derrotada n'essa conquista.

— Quizesse ella! — insistiu o outro — Quizesse ella!.. Pois tu não viste que o rapaz se ficava quêdo como estatua a contemplal-a!

— Isso que tem?! Acha-a linda para se admirar... mas vão lá fallar-lhe em casamento!

— Uma aposta! — exclamou o alcaide — Cem

*

dobras de doze mil réis! Se as eu perder, são para um collar de Mécia; se as tu perderes, Lopo, são para repartir pelos pobres de Moncorvò no dia das bodas. O' Mécia, ó minha feiticeira, não me deixes ficar mal! Se tu quizeres, ganho!

— Estão a brincar commigo! — disse a menina — Fazem bem... que eu estou distrahida; mas sempre lhe digo, meu pai, que... Com' assim, nem quero estar com isto, que não vá eu fazer-me desgraçada com um homem de quem não gósto...

Lopo Vaz tornou a rir ás escancaras e disse:

— Meu primo bispo do Porto contava uma historia da raposa, que não podia chegar ás uvas, e dizia: «estão verdes».

— Bem sei o que o pai quer dizer... — acudiu Mécia — Pois olhe... não digo...

— Diz, menina... — pediu o alcaide, acarinhando-a.

— Sempre digo... Ha-de ser assim... Eu heide fazer com que elle me peça ao pai...

— Bravo! — exclamou Francisco de Sampayo.

— Mas — proseguiu Mécia — se, depois de elle me pedir, eu não quizer casar com elle, o pai não me ha-de obrigar.

— Alto lá! — contrariou o velho — Isso fia mais fino. Tracta-se isto seriamente, Mécia? Se me fallas com o teu costumado juizo, tenho a dizer-te o seguinte: não se brinca com um homem que se

chama D. José de Noronha Gamboa e Tavora. Se elle me pedir a tua mão, com o teu consentimento a pedirá; ora, se tu lhe houveres dado tua palavra, não lhe farás a injuria de retiral-a.

— Aquillo é assim! — disse circumspectamente o alcaide — D. José de Noronha não é fidalgo com quem se joguem as escondidas.

E, levado de arrebatado enthusiasmo, Lopo de Sampayo poz os olhos no tecto, encostou as mãos ao peito e exclamou:

— Oh Deus do céu e da terra! Ainda terão meus olhos luz que veja minha filha, a minha querida filha, casada com D. José de Noronha!

— Que dizes, menina?!.. — perguntou Francisco de Sampayo.

— Que hei-de eu dizer?!..

— Fazes a maravilha de prender o coração e a mão de D. José? O coração preso está; o resto não é nada!.. Olha que ainda que te não pareça, assim que elle for teu esposo, verás que o amas e o levas para onde quizeres. Os homens assim agrosseirados, quando acertam de amar devéras, são uns borregos de mansidão. Que prazer tu vaes dar á nossa familia! Ainda verei eu reedificada a torre e o castello de nosso avô Lopo Vaz de Sampayo, oitavo governador da India! Não te transporta a alegria de seres tu a restauradora da antiquissima casa dos Sampayos?!

Lopo Vaz deu ao aspeito a maxima compostura de seriedade e balbuciou com artificial commoção:

— Mécia! recolhe ao coração as palavras de teu bom tio! Pela bocca d'este honrado parente, pedem-te illustres avós que te esforces por avassallar o coração, cujo melhor sangue é ainda o que gira em tuas veias. Nada mais te diremos, filha. Recolhe-te, que são horas.

XX

Explica-se a repugnancia

Balthazar um só coração de amigo conhecia. Foi bater á portaria do convento de Villa Real. Abriram-lhe, porque no frontal da porta d'aquella casa estava e está uma lettra que diz: «Batei e abrir-se-vos-ha». *Pulsate et aperietur vobis.*

Conduzido á cella de frei Antonio de Christo, lançou-se nos braços do franciscano e rompeu n'um alto chôro cortado de soluços.

O frade amparou-o e disse-lhe:

— Chora.

Quando as lagrimas pareciam exhauridas e Balthazar raivava apóstrophes desabridas contra Mécia, frei Antonio escutava-o silencioso. E se o angustiado moço volvia das imprecações ás lagrimas, o religioso repetia a palavra, que era bem uma palavra do céu:

— Chora.

Porque o allivio do chorar é cousa de si tão

santa, que não póde ser refrigerio de infames. N'estes, quando choram, é fel diluido que lhes revê aos olhos.

— Vou contar-te a minha vida — balbuciou Balthazar, desafogando a voz dos soluços.

— Pouco tens que me contar — disse o frade. — Já sei. Quando chegaste a Anciães, não achaste o coração que te chamava.

Balthazar narrou miudamente os sabidos acontecimentos. A cada instante o interrompia um esfriamento glacial da alma, uma escuridade interior, soffrimento indizivel como ancia que faz sentir os preludios da morte aos que tragaram a peçonha de Balthazar.

Frei Antonio de Christo era a dôr eloquente, a experiencia d'aquelle tormentoso horto e cruz. Fallou com sublime uncção, fallava e chorava; — e não ha ahi consolar que valha tanto. Todavia, de espaço a espaço, o moço frade sustinha-se e dizia :

— Tudo isto que eu digo que monta? Eu não sei como se mitigam afflicções eguaes á tua, meu querido amigo. Não te digo que procures paz e esquecimento n'esta casa. Era morrer... Vai-te em demanda de gente que folgue, que te atordôe com a sua alegria. Busca diversões. As grandes cidades t'as offerecem faceis, e não importa saber se virtuosas, se viciosas. Vai. Nada de violencias inuteis. Não bastam homens para te arrancarem ás prezas

da tua paixão. Abalança-te a novos amores. É medicina infallivel. Não provou efficazmente em mim, porque eu a não procurei. Sómente os fracos teem succumbido, antes de a experimentar. Quantas mulheres cuidas tu que has-de encontrar superiores em merecimentos e formosura a D. Mécia? Hoje parece-te que nenhuma; passados quinze dias acharás uma; e passado um mez acharás dez; e d'ahi em diante todas. Não o experimentei, mas adivinho-o. Isto é triste, mas é verdadeiro e é providencial. Se não fosse assim, uma mulher infame seria uma peste, uma devastação, um inferno irremissivel. Não te quero commigo, em summa. Ámanhã sahe d'aqui: não vás para as Olarias; vai para Braga, para Guimarães, para Coimbra, para Lisboa; vende até parte do que tens e vai por esses reinos fóra. Onde encontrares mulher que te imprima n'alma a sua imagem, pára ahi, ou volta, porque estás curado.

No seguinte dia, Balthazar Pereira, persuadido por mais extensos e vigorosos argumentos de frei Antonio, abalou de Villa Real, deteve-se nas Olarias breve tempo e sahiu, apercebido para longa viagem, caminho de Braga. Esta direcção era impulsada por saudade dos dias que alli passára. Queria o pobre moço ir ainda chorar ao pé da ermida do Senhor Jesus do Monte; queria ver a inicial de Mécia. Ha uns supplicios excruciantes que se chamam poesia: corresponde esta palavra ao no-

me ignorado das incomportaveis dôres do abysmo. E, não obstante, é palavra que faz rir muita gente...

Poesia!..

Chegou Balthazar á estalagem de Braga, ao tempo que um cavalleiro cavalgava para sahir. Era Salvador Teixeira.

O fidalgo de Guimarães cortejou-o. Balthazar retribuiu com forçada urbanidade.

Desceu Salvador do estribo e aproximou-se do morgado das Olarias, dizendo:

— Não tem motivo para me odiar, snr. Balthazar Pereira. Se é infeliz, eu não concorri para a sua desventura.

— Não o accuso, senhor! — disse Balthazar mal assombrado — E como sabe v. s.ª das minhas desventuras?

— Revelou-m'as meu primo Melchior Teixeira, de Moncorvo. Aqui tenho a carta que vim receber da mão de um criado d'elle, que partiu d'aqui ha meia hora. Se lhe praz, subamos e mostrar-lh'a-hei.

— Mas o snr. Salvador ia sahir... não mude o seu destino...

— Não tinha nenhum; e o melhor que posso dar á minha vida é offerecer-lh'a com o mais profundo desejo de lhe ser util. Sejamos amigos, Balthazar Pereira, quer?

E apertou-lhe a mão com transporte. Baltha-

zar respondeu á vehemencia de Salvador já sem repugnancia.

Subiram.

Salvador mostrou a carta de Melchior Teixeira, relatando detidamente os boatos correntes n'aquella noute. A carta era escripta meia hora depois que Balthazar partira. Superabundavam n'ella as falsas conjecturas e até as calumnias. Dizia Melchior, pelo ter ouvido, que o das Olarias esmagára com valentes expressões a soberba de Mécia e lhe voltára costas com o mais aviltador desprêso.

Balthazar rectificou os factos, sem, todavia, confiar do recente amigo a verdadeira historia d'elles.

O de Guimarães expandiu-se referindo as phrases amorosas que Mécia lhe dissera, um dia antes da chegada de Balthazar. Inventou no intento de mais ultrajar o caracter da menina. O das Olarias, n'outra hora, ouvil-o-ia com desconfiança; porém, como as calumnias negrejavam mais a condição da perfida, acreditava e folgava de ouvil-as.

No espirito incongruente de Balthazar, como cumpre que seja o espirito do homem que odeia e ama, insinuára se a esperança de que D. José de Noronha, em nome de Mécia, lhe escrevesse, quer chamando-o ás saudades d'ella injustamente offendida, quer tentando reduzir-lhe á razão os delirantes ciumes. Nem de Villa Real, nem das Olarias lhe

eram enviadas cartas. A si se explicou satisfactoriamente o moço a falta de D. José, presumindo que elle houvesse passado a Hespanha a comprar potros e talvez estomagado com a familia de Anciães.

Estas esperanças, até certo ponto indignas de uma indole briosa, escondia Balthazar do outro. Salvador, dotado de mais forte ou menos amoravel condição, era mais sincero na sua indifferença por Mécia; e dizia verdade, quando asseverava que não responderia, se Lopo Vaz de Sampayo lhe escrevesse sobre assumpto de casamento. Para confirmação da nenhuma importancia em que tinha a menina de Anciães, trazia Salvador novos rebentos de coração negociados com tres ou cinco meninas de Braga, e d'estas não duvidava elle ceder uma ou duas das mais bellas ao galanteio de Balthazar.

A intimidade entre os dous foi menos difficil do que devia esperar-se do genio do Nemrod transmontano. Explica-se plausivelmente o affecto que Balthazar ganhou ao de Guimarães, desde que o viu tão desattento e esquecido de Mécia, que já não tinha para que receial-o e odial-o como competidor. O odio assentava na emulação; logo que esta se desvaneceu, Balthazar Pereira acceitou o confidente, e tanto se lhe affeiçoou, que o tinha em conta de necessario á sua vida.

Detiveram-se por Braga uns quinze dias, sem noticias de Moncorvo. Ao fim d'este tempo, Baltha-

zar, espantado do silencio de D. José de Noronha, fez um portador a Alijó, a perguntar por carta os acontecimentos seguidos á sua partida. O emissario voltou, dizendo que o fidalgo ainda não tinha voltado de Hespanha. Ao mesmo tempo, Salvador Teixeira recebeu carta de Melchior, a qual foi lida simultaneamente pelos dous.

«Grandes novidades! — escrevia elle — Grandes novidades, e grandes parabens te dou, meu caro primo! Mécia é a primeira douda d'estes reinos, e suas conquistas e navegações de Ethiopia, Arabia e Persia!

«Não te escrevi mais cedo porque te queria dar noticias seguras e não fundadas em boatos. E as noticias era custoso havel-as de Anciães, para onde ha oito dias sahiram os hospedes do alcaide.

«Por cá já se rosnava, antes d'elles sahirem, que D. José de Noronha requestava Mécia, se não era mais certo, como diziam outros, que Mécia requestava D. José de Noronha. Fosse assim ou não fosse, o certo é que o alarve, em vez de ir comprar bestas, deixou-se ficar em Moncorvo e adquiriu uns modos de sandeu muito mais repugnante do que era, porque o amor acabou de o tolher.

«Eu mesmo perguntei ao alcaide se sua sobrinha cahira na graça de D. José, e obtive uma resposta equivoca e algum tanto malcreada. Entrei em averiguações indirectas, e acabei de saber ago-

ra que D. José está na quinta da Lavandeira e mandára chamar alveneis para levantar umas torres no local onde estiveram as do antigo governador da India Lopo Vaz de Sampayo.

«Isto é significativo, ao que parece. D. José talha obras como senhor da casa de Anciães, e não será cousa para estranhezas, se no seguinte correio eu te disser que estão casados...»

Balthazar lançou mão convulsa da carta, cravou os olhos chammejantes em Salvador e disse:

— Isto é possivel! tu crês que seja possivel isto, Salvador!

— Porque não? Acho possivel tudo. Pois não é elle mais rico do que eu e de quantos a requestaram até agora!

— Mas não sabes que este homem era meu amigo?

— Sei...

— E que Mécia o escarnecia... e elle a enxovalhava com estupidas graçolas!.. É impossivel! O teu amigo Melchior calumnia Mécia!

— Estás como creança, sem experiencia, meu amigo! — replicou Salvador — Principiaste ha pouco a entender com este mundo!.. Mas que agitado estás com tal nova! Eu pensava que isto não te faria grande abalo! Deixal-a casar com D. José ou com o diabo. Diziam mal um do outro? Se agora se

amam, são duas almas de lama que se acharam boas para apparelharem!

— Os meus presagios!.. — murmurava Balthazar, concentrado e surdo ao que Salvador dizia — Os meus presagios! A aversão mysteriosa que eu tinha áquelle infame, desde que vi Mécia! E ella!.. ella!.. — continuou Balthazar, soltando umas risadas asperas — a despejada! a sem vergonha!.. Onde viste mulher mais refalsada, mais despresivel?..

— Não ha quem lhe ganhe!.. — disse Salvador — Aquillo é torpe a mais não poder!.. Dizem que a virtude está nas serras... Vê tu que pomba aquella, que puro seio onde se aninham os amores innocentes do paraizo terreal! Em menos de trinta dias, negociou com tres galans! A final, pensas tu que o marido victorioso venha a ser o mais feliz dos tres? Aquillo não é mulher que se fique socegada em casando! Ha-de dar brado; e o Noronha é homem azado para nos dar completa vingança... Verá...

Balthazar queria já fugir da vista de Salvador. Tinha pejo de soffrer e chorar. Dissimulava, contrafazia-se, vociferava expressões desusadas em homem de sua educação, mettia a riso a leviandade de Mécia, cumulando-a de epithetos escolhidos entre os que ajustam ás mulheres cahidas em irreparavel deshonra. De uma sisudeza nobre e sobrema-

neira grave passou aos estouvamentos e jogralidades de um farçante da ralé. Galhofava em cousas de amor com as damas de Braga e contava, ás risadas, as imposturas de Mécia, deixando entrever o peior que é possivel conjecturar-se de uma menina donzella. Depois comia, bebia destemperadamente, e embriagava-se com bastantes testemunhas que se rissem das apóstrophes vinolentas e licenciosas com que elle aviltava a neta do oitavo governador da India.

Os cavalheiros de Braga tomaram-no á sua conta e acirravam-no para se alegrarem com as suas declamações. Alguns, porém, condoeram-se, e pediram-lhe que désse á sua dôr um desafôgo mais fidalgo e proprio de si; que não se expozesse á hilaridade dos ociosos, nem atirasse ás vaias dos chocarreiros uma senhora, que não deixava de ser nobilissima porque amava outro.

Cahiu em si, n'um momento de consideração, o desgraçado, que o era em dobra, desde que o arrependimento lhe afiou as laminas que o retalhavam.

Inesperadamente desappareceu de Braga e foi esconder-se na quinta das Olarias.

Este passo foi uma calamidade terribilissima entre todas.

A solidão devia gerar uma fera na peçonha que lhe degenerára os bons instinctos.

XXI

Novo triumpho

Melchior Teixeira já nos disse o essencial do que lá ia por Moncorvo e Anciães. Vamos averiguar os pormenores.

Mécia, ao apontar o sol do dia seguinte áquella noute em que Balthazar se retirára, despertou, e recordou-se da palestra que tivera com o pai e com o tio alcaide. As commoções da vespera não lhe tinham cortado algumas horas de sereno dormir, nem conturbado de leve as faculdades pensantes. Abriu as portadas da janella de sua camara para fazer invejas ás flores do jardim, e, ao passo que raciocinava com as pausas e logica da cabeça melhormente concertada, ia enfeitando o corpo das mais gentis galas, para que D. José, e outras pessoas conhecedoras do proceder de Salvador e Balthazar, a não julgassem dolorida de saudade d'elles ou do pesar da offensa.

O senhor de Alijó levantára-se á mesma ho-

ra com o proposito de passar a Hespanha a comprar os seus poldros. O homem passára a noute inquieto a scismar com Mécia e a despertar sobresaltado dos sonhos com a imagem d'ella. Medo de amal-a sem correspondencia não tinha elle, porque é difficil saber que cousas d'este mundo intimidam sujeitos da tempera de D. José de Noronha. O que lhe parecia disparate descommunal era entabolar um galanteio, cujo desfecho não podia ser outro que o casamento. A ideia de matrimoniar-se andára sempre longe de suas affeições tão viciosas quanto passageiras. Do imperio do coração livrava-se elle facilmente, assim que lhe apontava alguma preoccupação mais duradoura : mudava de terra, ia correr uns touros a Lisboa ou comprar manadas de potros a Hespanha.

Era chegado novo ensejo de mostrar sua força. Mécia affigurou-se-lhe perigosa. Da mudança que passava n'elle espantava-se D. José, sem atinar com os attractivos que o captivavam agora, e n'outro tempo nem por sombra lhe inquietaram o animo.

— Esta mulher tem pedra de sevar ! — dizia elle comsigo, summariando n'aquillo toda a sua philosophia em sciencia do coração humano.

Tencionando, pois, despedir-se, a cada instante lhe saltava o que quer que era no peito. Sentia o effeito das pernas atadas, quando se esforçava por

entrar ao aposento de Lopo Vaz a dar-lhe aviso da partida, depois do almoço.

De uma vez, entrou resoluto, mas deu de frente com a prima, que estava polvilhando a cabelleira do pai. Mécia callou o restante de uma phrase e córou da surpreza ou receio de ser ouvida da pessoa que era o assumpto da conversação. O córar-se alindou-a. A purpura era a magia de D. José de Noronha. O geito com que elle se quedou fito e embevecido n'ella era de uma franqueza lorpa que poderia entrar na ordem psycologica dos extasis e arrobamentos, se a pessoa fosse de outra especie mais espiritual.

— Por aqui, primo? — disse Lopo—Eu imaginava-o ainda na cama.

— Nada... levantei me cedo com a ideia de me ir embora.

— Já?! — tornou o velho— Então isso foi resolução de fresco? É que não está bem por aqui!.. Pois vá, vá, D. José: nós não queremos cortar-lhe as suas azas de rapaz.

— Será bom então mandar preparar o almoço, que depois vem muito calor...— disse placidamente D. Mécia, e fez menção de sahir.

— Não vá, prima Mécia, — impediu D. José — que eu talvez fique mais algum dia, visto que o primo Lopo faz gôsto d'isso.

*

— E eu tambem... — disse a menina, lançando-lhe cadeias com um sorriso fulminante.

— Pois está claro! — ajuntou o velho, dando aos hombros e rindo astutamente — está claro! Quem faz o milagre de prender em Moncorvo o primo Noronha não sou eu.

D. José tambem riu com muito prazer de que o entendessem e D. Mécia teve a habilidade de puniciar as faces com uma tintura de rosas, que não havia ahi mais que esperar do pincel!

Eis-aqui o exordio dos novos amores de D. Mécia. Não haveria paciencia de leitor que acompanhasse, por espaço de oito dias, as miudezas d'esta identificação nem moral, nem immoral de duas almas; é uma cousa que não é dramatica, nem comica. O que se faz reparavel n'elle é o crescimento de estupidez. D'antes era uma pessoa typica, completava o modêlo do fidalgo picador, sem outra individualidade caracteristica. Depois, perdida a feição nativa, era o mais desconsolativo e desgracioso tolo que dar-se póde.

Os dias iam indo plenos de jubilo para Lopo Vaz e para o alcaide; todavia, tinham passado onze, já Mécia estava em sua casa e D. José de Noronha ainda não havia pedido a Lopo a mão de sua filha. Apesar d'isto, o chamamento dos pedreiros para reedificação do solar dos Sampayos de Anciães era significativo. Não havia que duvidar; as-

sim mesmo, o velho temia-se da versatilidade propria de rapazes nem mais urbanos, nem mais bem educados que seu primo D. José de Noronha.

Occorreu n'estes dias um incidente que apressou o desenlace.

Uma irmã de Lopo Vaz de Sampayo tinha sahido de dama da rainha D. Luiza de Gusmão para casar com Gonçalo Dornellas, morgado abastado da cidade do Funchal.

Aquella senhora, vaidosa de sua prozapia, doia-se da perspectiva triste em que estava o remanescente da casa de seus avós em Traz-os-montes. O irmão, a quem a fidalga miudas vezes soccorria com avultadas quantias, abria-se com ella; e, alguma vez, lhe lembrára que a salvação de sua casa era o casamento da filha com o filho mais velho de sua irmã. A fidalga do Funchal deteve largo tempo a resposta, até que, pedindo conselho ao seu confessor, jesuita do collegio de S. Bartholomeu, accedeu aos rogos de seu irmão, e avisou-o de que, passados dous mezes, D. João Dornellas, seu filho, viria a Portugal buscar sua esposa e desempenhar a casa de Anciães.

Esta carta chegou ao tempo em que D. José de Noronha parecia irresoluto em demarcar o praso dos esponsorios.

Lopo Vaz, receiando que a filha, sabedora da carta de sua tia, preferisse o casamento menos van-

tajoso com o primo do Funchal, occultou-lh'a e chamou a mui secreta prática D. José de Noronha para lh'a communicar.

O senhor de Alijó, ouvido o contheudo da carta, disse:

— Póde dizer a sua irmã que a snr.ª D. Mécia vai casar com D. José de Noronha, se o primo Lopo leva isso em gôsto.

Lopo Vaz chamou a filha e ceremoniosamente a consultou na presença do noivo. A menina córou, abaixou os olhos donosos de pudicicia e respondeu com aquelle adoravel silencio, que é a eloquencia dos archanjos.

D. José, radiante de jubilo, tirou do dedo o annel esponsalicio de sua mãi e foi offerecel-o á prima, que levantou para o pai os olhos consultivos. Disse o velho que acceitasse e a menina vestiu n'um dedo o brilhante com um ar de languidez infinitamente encantadora.

Volvidos dous dias, o noivo, designando o dia das nupcias, foi á sua casa de Alijó noticiar á mãi a escolha de esposa e prover-se de dinheiro para, por sua conta, dispor de uns desposorios estrondosos.

XXII

Guerra de morte

A solidão das Olarias recrudesceu a paixão de Balthazar. Os irmãos esquivavam-se do semblante carregado com que elle respondia á estima de sua familia. Os pobres, que d'antes se valiam de suas mãos largas, achavam-no duro, asperrimo e descaritativo.

Ia-se com os cães ao monte, fatigava-se a transpor outeiros, não via a caça, não apontava a muita que os cães folgados descobriam. Atirava-se extenuado para sobre o matto e pedia a Deus que lhe acabasse a desesperada existencia.

D. José de Noronha era o vulto infernal das suas meditações febris. Atassalhava-o o pensamento de lhe tirar a vida. Repulsava a tentação atroz; mas, um momento depois, voltava o demonio do ciume com o infame amarrado pelos cabellos e dizia-lhe: «vinga-te!»

Uma noute, Balthazar mandou arreiar o ca-

vallo e amanheceu em Villa Real, cinco leguas distante.

Esteve um quarto de hora á portaria de S. Francisco e sahiu a desapoderado galope caminho de Alijó. Frei Antonio de Christo viu-o partir, ficou enchugando as lagrimas e disse ao irmão porteiro:

— Perderam aquelle homem! Não conheço desgraçado que lhe leve vantagem!..

O morgado das Olarias chegou ao meio dia á villa de Alijó. Na vespera tinha chegado D. José de Noronha.

Annunciaram ao fidalgo que o procurava Balthazar Pereira da Silva.

D. José perdeu o animo e quedou-se silencioso a olhar para o criado que o avisou.

— Que hei-de eu dizer-lhe, senhor? — perguntou o servo.

— Diz lhe que sahi.

— Mas eu, cuidando que v. s.ª gostava de o ver, disse-lhe que o fidalgo estava em casa e chegára hontem á noute... E o snr. Balthazar já está na sala de espera.

Enganára-se o servo. Balthazar, conhecedor da casa, atravessára duas salas atapetadas e já estava rente com o reposteiro da ante-camara em que D. José dialogava com o criado.

— Que hei-de eu dizer-lhe, senhor? — tornou o servo.

— Diz-lhe que sabi sem tu saberes.

— Não mintas, D. José!

Balthazar tinha levantado o reposteiro e proferira serenamente aquellas palavras. Adiantou-se dous passos e disse:

— Já não careço de perguntar-te se és o infame que vaes casar com a mulher digna de ti. A mentira basta para me deixar ver a baixeza e negrura de tua alma. Pesa o acto vil da tua vida! Olha para esta situação covarde em que eu te puz! Olha a consciencia como por dentro te está roendo as entranhas! Ahi tens o que fizeste da tua honra, villão!

— Uma espada! — exclamou D. José ao criado, que estava ainda presente e como chumbado ao pavimento — Uma espada!

— Offerecia-lhe a minha, se a tivesse, covarde! — disse Balthazar em baixo tom, cruzando os braços — E quem lhe disse ao snr. D. José de Noronha que eu, se tivesse uma espada, a cruzaria com a sua? Por tal vergonha não se me hão-de abrazar as faces! Para homens de sua laia, senhor de Alijó, se fez o tagante e as correias do moxila! Bem sabe s. s.ª que eu costumo matar a tiro os javardos!

— Fóra de minha casa! — bradou D. José — quando não, ordeno aos meus criados que o despedacem, seu biltre!

— Se o fizer, faz bem, snr. D. José! — replicou Balthazar, e sahiu a passos mezurados.

Amarrado e amordaçado pelo opprobrio, D. José não soltou mais palavra. O criado perguntou-lhe se queria que se agarrasse e espatifasse o homem. O fidalgo, emergindo da sua estupefacção, bradou:

— Deixa-me!

Balthazar Pereira voltou pelo caminho de Villa Real muito a passo. A satisfação da vingança durou-lhe apenas meia hora; porque, depois, o seu demonio entrou a dizer-lhe que não era vingança nenhuma aquillo. Recresceram as ancias afflictivas, ao passo que se affastava. Senhoreou-o um ataque de febre cerebral e teve de pedir gazalhado n'uma aldeia, onde pernoutou com raros intervallos de consciencia do seu estado.

O dono da casa era um padre, que lhe assistiu com muita caridade, indo de noute buscar-lhe cirurgião a Alijó.

Ao outro dia, perguntou-lhe o padre, em termos delicados, quem era e d'onde vinha. Balthazar deu o seu nome e naturalidade. Disse que vinha de Alijó.

— Perdoe-me vocemecê as perguntas, que são necessarias — volveu o hospitaleiro sacerdote. — Devo dizer-lhe as minhas desconfianças para que vocemecê haja de acautelar-se.

— Acautelar-me de quê?

— Eu lhe conto. Meia hora depois que voce-

mecê se recolheu n'esta casa, passaram ahi na estrada, em largo trote, dous homens com clavinas nos arções, e ambos muito conhecidos pela sua valentia e ruins figados. Um é feitor do fidalgo de Alijó; o outro é criado, muito criminoso e já condemnado a galés, mas ninguem se atreve a botar-lhe a mão em casa do snr. D. José de Noronha. Eu estava alli n'aquella janella e elles perguntaram-me se eu vira passar um homem a cavallo. Perguntei-lhe os signaes, e elles deram-me os de vocemecê taes e os mesmos. Deu-me cá dentro um bate o coração, e desconfiei que os homens não vinham por bons e que vocemecê era perseguido. Menti (Deus me perdoe) e disse-lhes que vocemecê já tinha passado havia meia hora boa. E vai elles metteram a galope, que eram uns raios por essa estrada além. Ora ao depois, quando eu voltava de Alijó de lhe ir chamar o cirurgião, tornei a topar os taes homens a irem já para casa; e, assim que me viram e mais ao cirurgião, aperraram as clavinas e mettera-nos a cara para nos conhecerem. Depois, foram seu caminho. Contei eu ao cirurgião o que tinha passado com aquelles criados do fidalgo e pedi-lhe pelo amor de Deus que não dissesse a viva alma que vocemecê estava n'esta casa. O cirurgião então me disse que lá na villa constava que um fidalgo muito amigo do snr. D. José se inimistára com elle e lhe quizera bater na sua propria casa.

Não ha duvida nenhuma que vocemecê é a mesma pessoa; e por isso lhe peço que mude de caminho; porque vocemecê tinha algum santo a pedir pela sua vida, quando se achou mal da cabeça. Se tem passado d'aqui, favas contadas, que a esta hora estava no outro mundo. E, assim mesmo, tenha muito cuidado, porque o fidalgo de Alijó a esta hora é capaz de saber que vocemecê não passou d'esta aldeia. Se hoje quizer sahir, eu mando-lhe ensinar caminhos travessios cá pelo outro lado da serra, que ainda é mais atalho; e vocemecê em duas horas está em Villa Real.

Esta relação exaltou o odio de Balthazar Pereira. Lançou-se furioso do catre e desceu á córte para apparelhar o cavallo; a fraqueza, porém, era tanta e o quebranto da febre tal, que perdeu os sentidos, quando o padre lhe tirava das mãos o sellim, que elle vertiginosamente queria lançar sobre o cavallo.

No discurso do dia, a febre diminuiu, tão progressivamente que, á tarde, Balthazar Pereira tinha vigor e socego de espirito, ao menos ostensivo, para que o bom clerigo o deixasse continuar sua jornada.

O viandante regeitou com muitos agradecimentos o guia que o padre lhe dava e entrou á estrada real, por onde chegou á villa sem estugar o passo ao cavallo.

Alli se deteve dous dias em companhia do fra-

de, que não pôde arrancar-lhe o segredo de qualquer proposito que Balthazar elaborava em silencio.

Depois, despediu-se por pouco tempo e recolheu-se á quinta das Olarias. Chamou o irmão immediato; e, na presença de um tabellião e testemunhas, doou-lhe a sua casa, reservando para si uma diminuta parte d'ella. D'este acto não deu explicações, nem se prestou ao agradecimento do irmão.

Alguns dias corridos, lançou a tiracolo a sacca de caçador, pegou da sua mais dilecta espingarda, mandou fechar os cães para que o não seguissem e subiu a costa do Alvão. Sobre o contador do seu quarto, os irmãos encontraram um escripto, que dizia assim: «Não voltarei, segundo penso. Do con-«vento de Villa Real darei parte de mim. Meu ir-«mão, a quem dei a casa, me irá mandando para lá «o rendimento da minha reserva.»

Balthazar atravessou cordilheiras de serras por espaço de cinco dias. Quando o sol se escondia no horisonte, descia ao mais proximo povoado, albergava-se n'um palheiro e comprava o alimento do dia seguinte. Qualquer pedaço de pão e ovos frios lhe proviam abundantemente a sua sacca.

Ao escurecer do sexto dia, avistou a villa de Anciães, assentada na lomba de uma empinada serra. Desceu ao ribeiro da Osseira e pernoutou n'um moinho abandonado. Antes do primeiro arrebol da manhã, assomou ao topo da serra e foi costeando

por longe até reconhecer as casas da quinta da Lavandeira, onde assistia Lopo Vaz de Sampayo. Internou-se pelos escassos bosques; mas, como a terra é pouco arborisada, foi-se avisinhando da aldeia de Lopo, acobertado por fragoedos e gargantas de montes.

Ao pino do meio dia, acolheu-se a um massiço de arbustos montezinhos e encontrou dormindo na sombra um pegureiro, que, ao sentir passos, se levantou estremunhado. Balthazar socegou-o com o seu porte de caçador e pediu-lhe que repartisse com elle do seu pão, que lh'o pagaria bem. O caçador tinha grande fome. Eram passadas vinte e quatro horas depois que elle havia comido o ultimo ovo cozido com o ultimo bocado de pão.

O pegureiro foi prodigamente compensado; e, sem que lh'o perguntassem, disse que era criado de um caseiro do fidalgo da Lavandeira; e foi contando quanto sabia da vida de seus amos. A snr.ª morgada ia casar com um fidalgo muito rico de Alijó, que já tinha mandado adiante dez cargas de dinheiro, e ainda havia de mandar mais de quarenta cargas de ouro, prata e diamantes. Disse mais que elle era esperado no dia seguinte e que ia lá na quinta uma lufa lufa de fidalgaria que vinha de Moncorvo para ir esperar a Villa Flor o noivo.

O caçador despediu-se do informador, que estivera escutando com ar de indifferença. Subiu ao

pico da serra e foi albergar-se no moinho que o tinha acolhido na noute antecedente.

Ao outro dia, voltou pelo mesmo trilho, avistou o pastor, acenou-lhe de longe e comprou-lhe metade da sua merenda. Soube então que o noivo vinha jantar n'aquelle dia á Lavandeira e se havia de receber na capella da casa ao outro dia.

O caçador sumiu-se, outra vez, nas margens da ribeira de Osseira espessas de arvores; e, para experimentar a fidelidade da espingarda e da polvora, despejou o primeiro tiro sobre um gaio que pousára n'um esgalho a trinta passos. O gaio esvoaçou um instante e cahiu. Cevou de novo a arma com uma bala; albergou-se no moinho até ao cahir da noute; depois, subiu a encosta e cozeu-se com as paredes contiguas ao palacete de Lopo Vaz, indo postar-se em frente das janellas do salão, as quaes, por dez horas da noute, abertas ás brizas da noute de agosto, deixavam ouvir, não só as musicas, que tambem as vozes distinctas de quem lá estava. Era a festa das escripturas nupciaes lavradas n'aquella tarde.

Onze horas seriam, quando dous vultos de homem e mulher sahiram a uma janella rasgada, e se encostaram ao balaustre do peitoril. Fallavam muito aconchegados, mas em tom inaudivel á distancia de Balthazar. A elle, porém, não embaraçava a duvida de que fossem os noivos. A espingarda es-

tava apontada, mas a mão do homicida tremia. Balthazar descahia a coronha para o peito e dizia:

— Que maldita tremura esta! E se o não mato!..

E esforçava-se por aquietar o sangue que lhe fervia nas arterias.

N'este comenos, levantou-se estrondoso alarido no salão. Era uma saude feita aos noivos. Um criado acercou-se da janella com uma bandeija, na qual se offereciam aos noivos duas taças. D. José ergueu a voz e disse:

— Á saude das damas e cavalheiros que me fazem a honra!

Ao tempo que achegava o copo dos labios, ouviu-se um tiro, e no mesmo ponto o corpo de D. José acurvou-se e foi de impeto um passo para dentro, levado pelo impulso que recebera no lado esquerdo das costas.

— Que é?! — exclamou Mécia.

— Mataram-me! — disse D. José.

Rompeu grande grita no salão, ao tempo que a noiva, forçada pela inclinação subita do moço, que ella abraçava, ajoelhou, acompanhando-o na quéda.

D. José de Noronha era já cadaver, quando lhe perguntavam onde estava ferido.

A bala estava a romper as costellas sobrepostas ao coração.

XXIII

O noviço

Espalharam-se nos arredores da casa senhores e criados, que despejaram as salas e pateos do alcaide. Bateram todos os arvoredos, fecharam as avenidas circumpostas, espreitaram quinchosos e barrocas. Baldado zelo e bravura de fidalgos e peões, que arremettiam de espada ou faca em punho contra as sombras das paredes e troncos das arvores.

D. Mécia tinha sido levada em braços das damas, como se fosse desmaiada: o que em verdade não ia. Era forte e rija de nervos, em desconformidade com o exterior de uma compleição delicada. O successo atordoára-lhe a cabeça e seccára-lhe os lacrymaes; porque a noiva mallograda quedou-se estupefacta, sem a menor humidade de olhos. Muita gente, por vel-a assim, cuidou que a menina corria perigo de lezão intellectual. Lopo

Vaz carpia-se, tirando pelas cans e pedindo vingança ao céu.

Sobre o mysterioso homicidio repartiram-se as opiniões. Diziam uns que D. José de Noronha fôra assassinado por parentes de uma dama de Alijó, a quem elle promettera casamento e deixára diffamada. Outros queriam que um dos muitos pretendentes ludibriados de Mécia tivesse sido o matador ou mandante do assassino assalariado. Sobre Balthazar Pereira confluiam muitas suspeitas; algumas sobre Salvador Teixeira. As justiças, presentes ao sarau, lavraram auto, promoveram devassas, receberam os variados depoimentos e esperaram que o tempo as esclarecesse.

Ora o tempo não esclareceu cousa nenhuma com que a lei podesse instaurar querella. Salvador Teixeira estava em Braga amando pacificamente as suas parentas; Balthazar Pereira, segundo informações do corregedor de Villa Real, estava, consoante o seu costume, no convento de S. Francisco, em companhia de frei Antonio de Christo.

A devassa sobre o morgado das Olarias não abonou o zelo dos magistrados, visto que o hospede dos franciscanos tinha entrado no convento quatro dias depois do assassinio, mas o juiz de fóra de Villa Real, conformando-se com o corregedor, entendeu que as provas contra Balthazar eram ne-

nhumas. Quem o tinha visto? que precedentes davam ansa á suspeita?

Sahiram a depor contra Balthazar os criados de D. José, allegando a ida d'aquelle a Alijó e as vozes ameaçadoras que proferira. O processo, fundamentado sobre tão frageis bases, não proseguiu.

Que juizo faremos, entretanto, da alma e consciencia do homicida?

Como pôde aquelle homem, com o ferrete de reprobo na fronte, acolher-se á casa do Senhor e deixar-se apertar nos braços de frei Antonio de Christo, o santo da paciencia, o morto no coração que pedia a Deus a felicidade da prejura?

É mister que retrocedamos ao crer e sentir da humanidade de ha dous seculos para nos não espantarmos das incongruencias das grandes almas de então, até certo ponto semelhantissimas ás almas de hoje. Certos peccados do nosso tempo são contrapesados a ouro na balança da caridade, e o prato do ouro desce, desce até ir confundir o demonio no inferno. Negoceia-se a salvação da alma no telonio dos asylos e hospitaes; é o mesmo que lavar-lhe as nodoas com as lagrimas da gente desvalida. Santa doutrina a de Jesus, que leva a isto aquelles que, ha duzentos annos, se remiam das trevas eternas com jejuns, penitencias e peregrinações. Salvavam-se, creio eu, mas como egoistas. Á humanidade, não fallando nos frades, tanto fa-

zia que o contricto se aproveitasse como perdesse. Agora faz differença: um individuo que prejudicou dez, se chega a dar-se mal com a consciencia, utilisa a dez mil, no fim da vida ou depois d'ella.

No tempo de Balthazar, alguns sujeitos de más entranhas e sedentos de vingança não perdoavam as injurias, é verdade; mas, depois de vingados, iam ter-se com Deus, maceravam-se, suicidavam-se com os cilicios e entravam no céu por certos postigos. O remorso ou o terror do dia do juizo empurrava para as cellas muita gente que devia satisfazer á sociedade nas galés. Os criminosos desvalidos, esses pagavam primeiro á justiça humana e depois á divina. O crisol expiatorio e purificador do mosteiro não tinha que fazer com os malfeitores desfortunados d'aquillo com que se mercavam os suffragios da egreja.

Balthazar Pereira da Silva, com a consciencia talvez exulcerada e sem duvida com receio de morrer da sua paixão, sem ter merecido a misericordia do supremo Juiz, seguiu o destino exemplificado por illustres nomes da nossa historia: acolheu-se ás abobadas sagradas. O que ha n'isto mais para tristeza e escandalo da religião santa d'elle e nossa é que, premeditado o homicidio, foi premeditado o remedio da alma. O morgado das Olarias, quando subiu ás serras de Anciães, confiado na certeira pontaria da sua clavina, já, em dialogo do odio san-

guinario com o temor de Deus, pactuára com a sua alma ir depois sentar-se detraz da cruz, escondido das investidas do demonio.

Frei Antonio de Christo retrahiu-se do contacto de Balthazar Pereira, quando, ao primeiro encontro, o homicida lhe deu conta da sua vingança. Esta repulsão augmentou no animo do criminoso o ingente pavor de si proprio. Balthazar, rebatido dos braços do seu amigo unico, fez menção de sahir do convento. O frade reteve-o e deu-lhe o exemplo da oração com as faces postas nos ladrilhos da egreja.

Balthazar chorou copiosamente: aquellas bagadas de sangue não eram espremidas pela contricção: o que ellas diziam era o arrancar d'alma com que aquelle moço de vinte e oito annos se despedia da vida, na qual só vinte dias de alegria lhe dera a mulher, por quem se perdera.

Levantado já nos braços misericordiosos de frei Antonio, disse que queria vestir o habito.

— Não te lembres d'isso, desgraçado! — disse o frade — Sabes tu se a justiça virá arrancar-te o habito?

— Que tem que venha?.. Não ha n'este mundo quem possa denunciar-me; porém, se Deus me apontar, irei impassivel ao carcere e de lá ao patibulo.

Frei Antonio poz-lhe a mão nos labios e disse em voz baixa:

— Nunca mais proferirás uma palavra do teu passado, senão aos pés do teu confessor. Não o procures n'esta casa. Sahe por algum tempo. Vai onde estiver um justo que chore comtigo e te diminua com penitencias o gravame da consciencia. Depois, vem, se a mão de Deus te encaminhar. Além de quê, é mister que sejas visto n'um tempo em que as suspeitas do teu crime podem ser aggravadas com a subita reclusão n'um convento. Que estas conversões repentinas á vida monastica denunciam frequentemente grandes desgraças, quando não provam grandes culpas.

— Onde irei eu procurar um justo? — exclamou Balthazar — Aqui estou a teus pés, ministro de Deus! Ouve-me de confissão!

— Levanta-te, infeliz! — tornou o frade, erguendo-o — Foste o meu amigo da mocidade; conheceste os meus vicios d'ella... quem te disse a ti que eu seja o justo a quem Deus confiou os balsamos das profundas ulceras? Eu não, filho, eu não... Vai ao Varatojo, onde ha cinco annos morreu frei Antonio das Chagas. Devem lá estar os discipulos e porventura os mestres do santo. Póde ser, por fortuna tua, que ainda viva o frade que lhe ouviu a confissão do homicida. Esse ou os da sua celestial communhão poderão entender-te, chorar comtigo e absolver-te. Vai e voltarás para mim. Depois, nas tuas frouxidões e desalentos de

penitente, eu te levantarei, eu aquinhoarei de tuas angustias, pois que, bemdito seja o Senhor, das minhas proprias já não tenho alguma que possa luctar com a piedade do meu Senhor, Jesus Christo.

Balthazar Pereira sahiu de Villa Real, estanceou pelo Varatojo entre os frades missionarios alguns dias e voltou ao convento de S. Francisco.

Vinha como de um longo encarceramento e repetidos tractos de inquisição. Era de crer que a alma lhe sorrisse dentro dos ossos esbrugados; mas o corpo curvado, o semblante cadaveroso, os cabellos brancos, os olhos amortecidos eram, na verdade, testemunhos negativos do contentamento da alma. O que elle trouxera do Varatojo foi a certeza de que era necessario dilacerar uma por uma cada fibra da carne, cada esquirola dos ossos, cada tecido de membrana, para que a alma, ao fugir da sua hedionda caverna, sahisse sem roçar em materia que a sujasse e accusasse na presença do soberano Juiz.

Frei Antonio rompeu n'um alto pranto, quando o encarou, encostado ao locutorio. Os frades, que assim o viram tão mudado, usaram um acto sublime de misericordia em communidade: reuniram-se debaixo das frescas frondes dos seus plátanos para discutirem a maceração de Balthazar e decidiram que os remorsos do homicidio lhe tinham

cancerado as entranhas. Se a justiça tirasse da magreza e lividez do homem provas concludentes do homicidio, á imitação dos franciscanos, Balthazar ia entregar á corda do verdugo o resto das cordoveias do pescoço.

Volvidos poucos dias, frei Antonio conduziu Balthazar ao prelado e lh'o apresentou para ser examinado para noviço, visto que a patente do padre provincial lh'o authorisava. Feito o exame, o apresentado foi conduzido á casa do noviciado, onde assistiu ás penitencias e mortificações dos que já vestiam habito. Ao terceiro dia, mandaram-no fazer sua confissão geral. Balthazar apresentou o attestado de tel-a feito com um dos frades varatojanos mais famigerados em santidade. Depois do quê, um frade denominado o «pedagogo» fez-lhe o cercillo, despiu-o de suas vestes e lhe vestiu uma capa preta, apertada sobre o peito. Em seguida, mandaram-no caminhar descalço entre outros noviços no couce de uma longa procissão de frades. Entrados á egreja, depois de se alternarem alguns psalmos cantados, Balthazar ajoelhou aos pés do prelado e disse: *Muito reverendo padre guardião, eu desejo deixar o mundo e servir a Deus n'esta santa provincia professando n'ella a primeira regra do padre S. Francisco. Peço a Vossa Paternidade pelo amor de Deus que, sem attender ao meu grande desmerecimento, me admitta na sua*

amavel companhia e me lance o santo habito. (*)

Dito isto, o guardião, apoz algumas breves perguntas relativas ao bom proposito do supplicante, pronunciou com solemnidade estas palavras do estylo: *Pelo recebimento do habito da nossa religião e entrada n'ella vos absolvo de todas as censuras, penas e irregularidades em que tiverdes incorrido, satisfazendo vós o que por ellas vos for obrigado; lucraes uma indulgencia plenaria com remissão de todos os vossos peccados. Repeti o Confiteor Deo.*

Balthazar disse a confissão. Em seguida, recebeu o habito de joelhos, o qual habito sem capello foi levantado e mais o cordão de sobre uma alcatifa juncada de flores!

O' suavissimas flores, em que andanças vos mettiam! O' adereços das noivas e dos anjos, como vós sahirieis fenecidas de sobre aquella mortalha!

Vestido o habito, foram cantadas muitas cousas festivaes em latim. Concluidos os hymnos, a procissão desandou, e Balthazar, com as mãos postas, entrou na casa do noviciado.

O mestre conduziu-o á livraria dos noviços e disse-lhe:

— Filho, aqui tendes o *Examen Regularium* de frei Antonio de S. Boaventura, as obras do

(*) Eram as palavras do ceremonial.

devotissimo Pinelo, as de S. Pedro de Alcantara, as de S. João da Cruz, as de Santa Thereza. Enchei-vos d'estas sãs doutrinas; isto é maná, são as lampadas da estrada da gloria... Lede, meu filho...

Quando o padre-mestre estava fervorosamente inculcando as lampadas da estrada da gloria, Balthazar viu de esguelha que dous noviços de caras carnudas e vermelhaças punham o polex da mão esquerda na ponta do nariz; encostavam o dedo minimo ao polex da mão direita, e, entre-abrindo os dedos, abanavam com elles mui perto do alabastrino cachaço do mestre.

Ao mesmo tempo, n'um recanto da sala, um noviço jogava, com ares britannicos, o murro com outro, mas tão surdamente, que apenas se ouvia o choque das punhadas nos respectivos estomagos ou caras.

Aquelles noviços e os outros pareciam estar não sómente allumiados, senão abrazados da luz das lampadas, que o esclarecido e gordo mestre recommendava.

XXIV

Frei Balthazar das Dores

Vida de penitencia, lagrimas e desconfiança na misericordia divina viveu por largo espaço do anno de noviciado Balthazar. Acudia-lhe o mestre ás tristezas, clamando que ellas eram tentações do demonio, que lhe mostrava os insidiosos prazeres do mundo. Lia-lhe e mandava-lhe ler casos mirificos de batalha de noviços contra o pai da mentira, por cognome diabo, o qual não cessa de voltear como leão feroz para ver se acha victimas que tragar, no dizer da 1.ª Carta de S. Pedro, cap. 5.º: *Tanquam leo rugiens circuit, quaerens quem devoret*. Muitas outras cousas admirandas dizia o mestre, em latim, contra o espirito immundo, o demonio que, por ser poliglota, é, por via de regra, injuriado e descomposto em latim.

Asseverava o frade erudito que não só o diabo, que tambem Deus tentava os noviços, infundindo-lhes tristezas mortaes, fogo de varias tenta-

ções, para n'elle encendrar a escoria dos vicios, conforme o dictame do Sabio: *Sicut igne probatur argentum et aurum, ita corda probat Dominus.*

Balthazar esforçava-se em convencer o mestre de que as suas amarguras eram amor e temor de Deus, e não amor e saudade do mundo. O frade teimava que não e insistia em lhe provar que a sã consciencia é alegre, e a conformidade no Senhor um rir aberto de coração e rosto. De maneira que a mais perigosa e pervicaz tentação do noviço era o mestre.

Comquanto o morgado das Olarias reservasse da casa que doára ao irmão pequena parte, os proventos d'ella sobejavam a uma limpa e abundante sustentação. Os rendimentos entraram no convento sob titulo de esmola, e regalaram os animos e os corpos da communidade. Esta simples cousa creou á volta do noviço uns modos reverentes e lisongeiros dos frades, poupados assim de se andarem em mendicidade, a pé, por caminhos maus, ao vento e á chuva, carregados de alforges e cabeças de recos nos mezes rigorosos do inverno.

Já quando Balthazar orava, os frades edificavam-se de o verem n'uns enlevos anagogicos de extasis, raptos e arrobamentos, nos quaes parecia que as potencias d'alma lhe iam muito altas pela bem-aventurança dentro.

Dizia o guardião que o seu querido noviço go-

zava deliquios e suspensões materiaes. O padre penitenciario chegava a suppor que os actos contemplativos de Baithazar eram aquillo que em theologia mystica se denomina «união de illapso».

— É mais provavel que seja anihilação mystica — observava o frade pedagogo.

Em virtude do quê, o mestre frequentes vezes lhe dizia, como bom ascetico e zeloso director de almas, que não era licito procurar na oração gozos espirituaes; porque na oração só se havia de procurar a gloria de Deus; senão facil seria ao demonio ingerir-se sob capa das sensiveis consolações e jubilos espirituaes. O mestre, como calejado n'aquella vida de defender os peitos fracos dos noviços, já sabia de experiencia que o demonio não sahia do convento.

Concluido o anno de noviciado, frei Antonio de Christo affastou-se com Balthazar ao mais recondito da cêrca e disse-lhe:

— Não professes, meu amigo.

— Porquê?!

— A tua alma deve estar fatigada, porque a exercitaste muito na contemplação. Vi-te fervor demasiado; penitencia extraordinaria; ardores muito temporãos: receio que em breve se anniquillem as forças da fé excitadas pela grande calamidade que se deu em tua vida. Tens vinte e nove annos, Balthazar: se não morreres cedo, grandissimas

reacções hão-de pelejar em teu espirito. Espera, meu irmão: não vistas o habito de professo; conserva-te algum anno mais assim; e, depois, quando mui serenamente olhares para ti e te sentires menos ardente na piedade, e, todavia, bem disposto para a vida monastica, professarás então.

— Professarei já —disse o noviço, sem pensar resposta — Professarei já, porque vem ahi a grande noute da sepultura e eu quero cahir n'ella como habito de professo. Não me demovas, Antonio, que impugnas assim a vontade de Deus, que me chama.

O frade contemplou-o largo espaço, embebeu as lagrimas na manga de borel e disse-lhe:

— Ha um anno que te não fallei no passado. Posso fallar-te agora?

— Não! — exclamou convulso e livido Balthazar.

— Não?!—volveu frei Antonio — Não!.. e queres ser frade!.. queres cobrir com a mortalha esse peito, que ainda arqueja, tocado por lembranças do passado! ? Balthazar Pereira!—clamou o religioso, erguendo as mãos—Balthazar! não professes!

— Que me querias dizer do passado?.. Falla, falla, que eu quero convencer-te de que estou senhor de mim e forte para esmagar o peito, que vês arquejar... Falla!

— Como passa diante da tua imaginação Mécia de Sampayo?

— Como passa? Como o demonio da minha perdição! como a onda de fel em que eu estou sempre tragando mil mortes! É a roda de navalhas que me corta o coração... é um fogo infernal que me abraza desde as plantas dos pés ás pontas dos cabellos!

— Tens-lhe, pois, um rancor profundo!.. Que injuria fazes a Deus, se te consideras chamado a esta vida! — replicou frei Antonio.

— Espero que Deus me apague este incendio, quando eu vestir o habito. Ainda não mereci á divina justiça o esquecimento d'aquella mulher... É necessario que o sacrificio se inteire e cumpra. Não sabes que as tentações tambem partem de Deus? Espero que a minha alma se aquiete e a paixão se vá esfriando, logo que eu tenha rompido completamente com o mundo. O Eterno assim o quer. Já consegui com muitas lagrimas apagar outro voraz incendio... era o remorso de...

— Está bom... — atalhou frei Antonio — Não chamo as tuas recordações para onde as queres levar... Outra vez, outra vez com as mãos postas te peço que não professes...

— Professarei! — disse com severidade Balthazar.

E, passados minutos de silencio, perguntou impetuosamente:

— Que sabes tu d'ella?..

— D'ella ?..

— De Mécia...

E, ao proferir aquelle nome, saltaram-lhe duas lagrimas subitamente.

— Pouco. Ha dous mezes veio procurar-te á portaria um homem desconhecido. Fui fallar-lhe, que assim m'o impoz o melindre do teu estado. Era Salvador Teixeira, de Guimarães. Queria elle ver-te. Desistiu, quando eu lhe disse a tua posição n'esta casa. Sem que eu lhe perguntasse, me contou que Mécia vivia em Lisboa, para onde o pai se ausentára com ella, depois de...

Frei Antonio absteve-se de recordar a morte de D. José de Noronha: prudencia futil, que não impedia a viva lembrança do caso funesto.

— Casou? — perguntou Balthazar.

— Quando fallei com Salvador, estava solteira. Vês?.. solteira...—proseguiu intencionalmente frei Antonio— Quem sabe, Balthazar!.. Quem sabe as voltas do mundo!.. Não professes...

— Que queres tu dizer!? — atalhou o noviço; e, sem esperar resposta, espediu uma casquinada de riso afeiado por crispações nervosas dos beiços e disse:

— Que zombaria!.. Escarneces-me ou ensandeceste, frei Antonio!.. Cuidas tu que ella não sabe quem lhe poz nos braços um cadaver!? Amar-me ella?! Só se o fizer em paga da generosidade

com que lhe deixei a vida!.. Só se for isso!.. — e repetiu a gargalhada, mais repulsiva, porque a pelle enrugada e transparente se tingiu de côr sanguinea, e o branco dos olhos se lhe encarnou e entumeceu.

Frei Antonio fitava n'elle com assombro e dizia entre si: «e ha-de este homem ser frade!»

— E Salvador nunca mais a viu? — perguntou Balthazar precipitadamente.

— Não lh'o perguntei.

— Disse-te que ainda interessava em saber o destino d'ella? Ainda a ama?

— Não ama, nem odeia, ao que pude colligir de suas palavras.

— Quem cuida elle que matou o outro?

— Tu.

— Disseste-lh'o?

— Que pergunta me fazes, Balthazar?!

— Que importa?.. Não foi bem morto o traidor? o refalsado? Não me mandava elle matar a mim pelos seus sicarios? Que mal lhe tinha eu feito áquelle scelerado?

Frei Antonio cobriu o rosto com as mãos e tartamudeou entre soluços:

— Oh! que desgraçado! que desgraçado!

— Então porquê? Fizeram-me desgraçado os meus brios de cavalheiro, a minha honra de homem assassinado no coração? Não importa! Antes assim

desgraçado e perdido. Vida de infamia vivam-na os infames!

— Silencio! — atalhou o frade ao vozear do noviço.

— Não sei que ordem é essa de silencio!

— Manda-t'o a tua honra, Balthazar!

—Não posso callar-me! Para que me rasgaste a cicatriz? tu!.. Deixasses-me morrer amordaçado; deixasses-me dizer sómente a Deus da minha justiça!..

— Vamos...—disse o religioso, tomando-lhe o braço mansamente.

O noviço deixou-se levar. Na revolta da vereda estava uma ermida do Senhor atado á columna, mandada edificar a expensas de frei Antonio e ministrada por elle. O frade ajoelhou. Balthazar quedou-se de pé a contemplal-o. Depois, ajoelhou tambem, abateu a face até ao limiar da capella e desentranhou a sua angustia n'um alto soluçar de gemidos.

D'alli até ao convento caminharam silenciosos. Balthazar abraçou-o no claustro e murmurou-lhe ao ouvido:

— Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, perdoa-me o escandalo que te dei. Em attenção ás muitissimas afflicções de minha alma, espero que o Pai piedoso dos infelizes me haja perdoado.

Frei Antonio apertou-o ao coração com estremecimento e tambem ao ouvido lhe disse em grande commoção:

— Não professes, não professes, Balthazar! Pedem-t'o por minha bocca as tuas futuras agonias; pedem-t'o os anjos e os santos; pede-t'o a santissima religião da caridade e da paciencia!

— Deixa-me morrer!.. — disse o noviço.

E apartaram-se.

Desde aquella hora, frei Antonio de Christo, que batalhára e vencera com hombridade de martyr as adversidades de sua vida, sentiu-se adoecer, effeito de pensar com infinita compaixão na horrendissima existencia do seu amigo. O frade vivera até então enganado como os outros frades tinham vivido e continuaram a viver.

No que incessantemente lhe martellava o pensamento era no modo de impedir a profissão de Balthazar. Nenhum louvavel recurso lhe acudia do céu ás suas anciadas orações. Instar com o noviço era sobreexcitar-lhe as memorias, repregal-o na sua cruz, infligir-lhe tormentos inuteis. Ao avisinhar-se o dia da profissão, frei Antonio cahiu enfermo e teve febres de maus symptomas.

Muitas horas de dia e noute as passava Balthazar á beira do seu amigo com outros frades, mas nunca ao doente se facilitou ensejo de volver a pedir ao noviço que deferisse a profissão.

Chegou o dia.

O professo levantou-se dos pés do guardião, chamando-se frei Balthazar das Dores.

*

XXV

No Funchal

Dir-se-ia que ao noviço fôra por celeste influencia concedido antever o socego espiritual do frade.

Frei Balthazar tinha horas de apparentar aos olhos de frei Antonio profunda paz, jubilos de esperança em vida contente e suave tristeza no lanço de volver olhos ao seu passado.

Era artificio, dissimulação mais dolorosa do que o chorar e maldizer. Frei Balthazar, como comprehendesse a doença do seu amigo e se accusasse de lh'a ter motivado, curou de remedial-a com o fingimento. E conseguil-o-ia, se frei Antonio lhe não penetrasse o intento e não colhesse, n'aquella hora da cêrca, perfeito conhecimento da indole deploravel do homicida de D. José.

Esforçando-se por parecer melhor e convalescido ao parecer de frei Balthazar, ergueu-se frei Antonio do catre, fingiu forças, e as que o fingimento lhe emprestava as ia gastar no côro, pedindo a Deus a redempção da alma do seu pobre amigo.

Como quer que fosse, o frade deperecia e os medicos receiavam que a ethica estivesse formada ou a ponto d'isso.

Á entrada do inverno de 1690, o provincial dos frades menores impoz por obediencia a frei Antonio de Christo que passasse a residir, em quanto sua saude se não restaurasse, no convento de S. Francisco da Observancia na cidade do Funchal. Por amor do temperado clima da Madeira, era aquelle convento a enfermaria dos frades da metropole, achacados de enfermidades de peito.

Frei Antonio não podia resistir ao preceito. O desejo da vida não o levava; e o desamparo em que deixava o amigo já de antemão lhe acrescentava os padecimentos, em que a sciencia não vira um entranhado soffrimento moral.

Assim que o soube, frei Balthazar lançou-se-lhe nos braços, clamando:

— Leva-me comtigo; senão, quando voltares, estarei morto!

Frei Antonio empenhou o affecto do guardião e as suas valiosas amisades de parentes com o provincial. Não sem trabalho maior do que era de esperar foi obtida licença. Quem mais lh'a impugnava eram intrigas fradescas do convento, affeito a receber e receioso de perder a boa colheita dos bens reservados de frei Balthazar das Dores.

Esperançára-se frei Antonio no melhoramen-

to espiritual do amigo com a mudança de ares e de convivencia mais illustrada, porque os frades do Funchal, graças á convisinhança dos collegiaes da companhia de Jesus, gozavam reputação de lidos e doutos.

De feito, as melhoras do enfermo progrediram á proporção que frei Balthazar se facilitava ás práticas illustradas de cincoenta e tantos frades, uns dois de Portugal e outros madeirenses.

A cêrca era magnifica e visinha do mar, que lhe beijava os muros. No mirante, que sobranceava a parede, passava frei Balthazar muitas horas, sósinho, quando podia furtar-se á companhia dos conventuaes, que lhe admiravam a promptidão do engenho em cousas de theologia nunca versada, e mais ainda se lhe affeiçoavam do coração á conta de uma mysteriosa tristeza, com que, para assim dizer, a imaginativa dos frades lhe sobredourava a fidalguia do nascimento.

O bispo do Funchal, D. Joseph de Santa Maria, amigo do frade Custodio ou guardião d'aquelle convento, folgava de encontrar-se com frei Balthazar das Dores e desafial-o a entrar por disputas philosophicas, das quaes o religioso, bem que esquecido dos seus primeiros estudos, se sabia doutamente, graças á sua natural eloquencia. Frei Antonio rejubilava, quando o via assim entretido, mas

não era raro encontral-o d'ahi a pouco emboscado na floresta a chorar.

Não lhe eram menos affectivos o erudito jesuita doutor Ignacio de Paiva, reitor do collegio de S. Bartholomeu e mestre que tinha sido na universidade de Evora. Outro dos seus visitantes era o abalisado jurisconsulto Antonio de Souza, padre-mestre dos casos. Estas apresentações não m'as tome o leitor como ociosas. Vem logo o ensejo de as fazer necessarias na travação d'estes succedimentos.

Por influencia e poderio d'aquelles sabios e exemplares sujeitos, foi conseguida do provincial a prorogação da licença para que os frades villarealenses continuassem a demorar no Funchal todo o anno de 1691.

Estavam, uma tarde, reunidos na cêrca alguns franciscanos e com elles o reitor do collegio, e o jurisconsulto Antonio de Souza, e o juiz commissario do bispado, o doutor Antonio Vanguerve Cabral, varão de grandes lettras.

Da janella de uma casa bastante affastada da cêrca um mancebo tirou o seu chapéu, cortejando o ajuntamento dos frades e hospedes que iam passeando.

O jesuita Ignacio de Paiva voltou-se para o juiz commissario e disse:

— Admiro que aquelle bom rapaz não tenha casado! Está para aqui sequestrado do mundo, fa-

zendo companhia á santa velhinha da mãi, e não ha quem o tire do Funchal!

—João Dornellas é moço de muito juizo—disse o doutor Antonio Vanguerve Cabral. — A ideia da mãi foi casal-o com uma prima, aqui ha poucos annos.

— Uma prima que está em Portugal— acrescentou o padre Antonio de Souza, aproveitando o azo de fazer praça da sua sciencia genealogica.— É uma menina filha do varão directo de Lopo Vaz de Sampayo, o famoso governador da India.

A este tempo, frei Balthazar das Dores, que parecia distrahido e alheio da prática, voltou-se de golpe e disse:

— Quê?

O genealogico, suppondo que a interrogação sacudida implicava descredito dos seus conhecimentos, confirmou:

— É o que eu lhe affirmo com documentos á vista, que alli estão n'aquella casa, em poder da snr.ª D. Helena Vaz de Sampayo, irmã do actual administrador do vinculo de Anciães. Creio que se lhe não offerecerá duvida nenhuma, frei Balthazar...

— Nenhuma, snr. doutor, nenhuma. . .—murmurou elle, conhecendo que se tinha excedido, ao reparar no fito penetrante dos olhos de frei Antonio de Christo.

O genealogico ia expor a progenie dos Sam-

payos, desde a victoria de Pelayo alcançada dos sarracenos, quando o juiz commissario perguntou:

— Não sei que historia me contaram de um homicidio, que anda ligado ao projectado casamento d'essa senhora de Anciães com João Dornellas...

— João Dornellas não tem que ver com o tal successo do homicidio — explicou o jesuita. — Segundo D. Helena me contou, a sobrinha estava para casar com um fidalgo da familia de Tavoras e Noronhas, quando lá chegou a proposta do consorcio do filho com a prima.

— Tavoras e Noronhas! — exclamou o sabio em linhagens — Isso é familia cujo tronco o conde D. Pedro principia em D. Guterres, dos condes de Lemia e Trastamara, godo da primeira estirpe.

— Pois sim — volveu o reitor do collegio. — O que eu sei com mais certeza do que tinha o conde D. Pedro da origem dos Tavoras é o modo como acabou este de que se falla. Na noute em que se festejavam as escripturas nupciaes, o tal noivo chegou a uma janella com a noiva e recebeu uma bala nas costas, quando se voltou com a taça em punho a agradecer uma saude. Cahiu logo morto redondamente. Ora aqui tem a historia.

— E nunça se descobriu o matador? — perguntou o juiz.

— Até ao presente não. Ha suspeitas sobre

diversos galans que a requestavam; porque, a fallar verdade, aqui que ninguem nos ouve, a tal menina era uma ventoinha de torre, segundo me contou pessoa muito lá da casa. O certo é que o tal neto de D. Guterres lá se enterrou em Anciães, e a donzella está viva e formosa como era, se devo acreditar pessoa que a viu no paço ha dous mezes.

— Parecia-me — disse um frade — que o casamento projectado com o Dornellas se podia realisar agora.

— Podia,— concedeu o jurisconsulto Souza — mas isso é lá negocio melindroso d'elles... Vossa reverendissima bem sabe que as cousas mudaram. Se ella quizesse o primo, não lavrava as escripturas com o outro.

— Nem D. Helena accederia a tal casamento, depois que soube da ligeira cabeça da sobrinha — concluiu o jesuita, desbarretando-se em profunda cortezia, porque a este tempo sahira á janella a irmã de Lopo Vaz de Sampayo, venerada viuva de Gonçalo Dornellas.

A palestra mudou de rumo. Frei Balthazar, tirado de parte pelo empuchar violento, mas disfarçado, de frei Antonio, mal dava ouvidos ao amigo, que lhe dizia:

— Vê lá se te denuncias... Affasta-te d'aqui, porque a tua cara parece que te está accusando.

O frade, com a fronte avincada, murmurou:

— Deixa-me ouvir.... que eu não direi palavra que me culpe. Assim me consideras alarve?

D'ahi a pouco assomaram ao portão de carro mais visinho da rua os dous fidalgos convisinhos do convento: eram João Dornellas e Pedro Barradas.

Cortejaram os frades e os visitantes, dizendo que aproveitavam aquella occasião de despedir-se, porque no dia seguinte embarcavam para Lisboa.

— Então — disse o genealogico a João Dornellas — vai v. s.ª ver seu tio, o illustrissimo Lopo Vaz de Sampayo, que está em Lisboa?

— Póde ser que o veja por acaso, que eu não sei onde elle reside — disse João Dornellas.

— Sua prima sei eu que está no paço, dama da rainha — affirmou o jesuita Ignacio de Paiva.

— Não sei d'esses parentes ha tres annos — tornou o fidalgo. — Minha mãi não se corresponde com meu tio.

— Caprichos de familia... — ajuntou Pedro Barradas.

— Caprichos muito justos... — concluiu o filho de D. Helena.

XXVI

Outro triumpho

Lopo Vaz de Sampayo, alguns dias depois da horrenda catastrophe, mudou para Lisboa, como é já sabido.

Esta resolução seria bastante a desaffligir o espirito de D. Mécia, se a natureza da infausta noiva não fosse refractaria ás grandes afflicções. Viver na côrte era o anhelo ardente da filha de Lopo. Viver como sua mãi no paço, sentada em almofadas reaes, com as maiores senhoras do reino, e respirar o mesmo ar de rainhas e infantas, isto creio eu que lhe absorvia o melhor das potencias do coração.

Mataram-lhe o noivo rico; triste cousa foi; mas, se a desgraça de não ter tal marido era indemnisada com a boa fortuna de sahir da serra para as alcatifas do paço, cumpra-se a vontade do Altissimo!

Lopo Vaz, porém, ia abatido e melancolico. O estrondo do tiro, que lhe matára o auspicioso gen-

ro, acordára-o de sonhos aziaticos. Era triste ver derruirem-se as torres solarengas que a phantasia do velho reedificára, mediante o dinheiro de D. José de Noronha e Tavora!

— Foi a suprema desgraça de minha acabada vida! — murmurava elle, sentado defronte da filha na liteira que os transportava a Lisboa — Funestissima calamidade, filha!..

— Emfim... — dizia a menina — foi a vontade do Senhor... que havemos de fazer-lhe, meu pai!.. Não se afflija... Verá que eu hei-de achar marido tão fidalgo e tão rico ou mais que o primo D. José. Em Lisboa não ha tanto moço abastado e da primeira fidalguia?

— Ha, menina, ha, mas não são muitos, e os poucos, pelo ordinario, casam com mulheres ricas da classe mechanica e desdenham das fidalgas pobres. Está o paço cheio de filhas segundas, que lá envelhecem solteiras... E então, para cumulo de infelicidade... vê tu, filha, que grande casamento perdeste!.. o do teu primo do Funchal!.. Eu, ha quatro annos, a diligenciar com tua tia para que te désse o primo João... A final, resolve-se ella, avisa-me da vinda do noivo e é n'essa occasião que o outro te pede! Olha se não somos muito infelizes! Aviso tua tia da tragedia acontecida e ella responde-me chamando-te douda!

— Douda, porque? — acudiu a menina—Bem

se me dá a mim d'isso!.. Quando eu lhe pedir o filho, que m'o não dê.

— A dizer verdade, menina, — redarguiu Lopo com brandura — o teu galanteio com Balthazar foi a origem de tudo isto... A mim ninguem me despersuade de que foi elle o assassíno de D. José...

— Pois foi, foi... Quem havia de ser, senão elle?

— Ahi está! Se não tivesses facilitado esperanças áquelle malvado...

— Eu que fiz, meu pai?.. Tractei-o com amisade, por ver que o pai o tractava como a parente nosso...

— Qual parente, nem qual diabo! Eu quero cá semelhante parentesco!..

— Nem eu, mas o pai disse que elle era nosso parente e o tio alcaide tambem lhe chamava primo.

— Pois saberás que não nos é nada. Gente do meu sangue não mata os amigos, nem os inimigos á traição! Aquella alma deve estar já a penar em vida nas profundezas do inferno!..

— Nunca elle de lá saiha em quanto o mundo for mundo! — ajuntou a menina, mais eloquente que indignada.

— E fez-se frade aquelle carrasco! — tornou o velho — Que apostolo, que missionario não sahirá d'alli!.. Tivesse eu menos vinte annos, que

lhe havia de rasgar o habito na cara e cortar-lhe o corpo com umas sôgas! A desordem que o scelerado fez na minha vida!.. Aqui vamos nós gastar na côrte os rendimentos adiantados de uns poucos de annos; e, a final, cá ficas n'este mundo pobre, minha querida filha, e a casa de teus avós perdida!

— Não ha-de ser assim — interrompia a consoladora Mécia. — Adivinha-me o coração que vou achar um grande casamento em Lisboa, meu pai! Deixe-me cá a mim no arranjo. Lembra-se da aposta que fez v. s.ª com o tio alcaide-mór? Quem ganhou, não foi elle? Pois se o pai já sabe que eu tenho varinha de condão... — e susteve-se, sorrindo com gentil soberba.

— Póde ser... póde ser... — obtemperou o velho, olhando na formosura da filha com amorosa superstição — Veremos o que fazes...

Estes e outros dialogos, que não edificam, nem deshonestam, passaram entre os dous antes da entrada em Lisboa.

Lopo Vaz tinha muitos parentes na côrte, em alta posição e privança. No paço e no exercito servia com o encargo de coronel de cavalleria um seu sobrinho, chamado Francisco José de Sampayo, filho do alcaide-mór de Moncorvo. Este moço, que ao diante, no reinado de D. João V, chegou a general de batalha, obteve de prompto que sua prima entrasse no paço como dama da rainha D. Ma-

ria Sophia de Neubourg. Não era aquelle primo o conveniente aos designios de D. Mécia, porque a fortuna do alcaide corria parelhas em destruição com a de Lopo Vaz. Pelo quê, a industriosa menina, já cautelosa pela experiencia, deu logo de mão aos requebros do primo e de quantos o egualavam em bens menos precarios e phantasiosos que a riqueza de sangue.

Decorreram dous annos sem que Mécia podesse pedir alviçaras ao pai, bem que elle lhe indicasse nas salas de D. Pedro II os moços talhados para levantarem das ruinas as torres do oitavo governador da India. Cousa singular! As torres do avô lembravam-lhe mais ao velho do que os creditos dos tendeiros de Moncorvo e os ordenados dos servos, que se estavam cobrando das rendas dos bens ou esperavam que elle fechasse os olhos para se embolsarem! O bom sangue tem absurdos que, bem contados, sujariam o renome de luminosos appellidos, sem os quaes a historia portugueza escassamente daria um livro em formato diamante.

Passados, pois, dous inuteis annos de esperanças desairadas e pouco menos de immodestas tentativas, D. Mécia começava a descrer da varinha de condão e o pai a cogitar no modo de se ausentar da côrte sem dar suspeitas de o fazer por alcançado de meios.

N'este aperto das duas almas, chegou a Lisboa

João Dornellas e foi hospedar-se em casa de seus tios, uns desembargadores do paço, outros generaes.

Lopo Vaz visitou seu sobrinho, e retirou-se corrido e vexado do frio recebimento que lhe fez o filho de sua irmã. Correu a desafogar-se na commiseração de Mécia, que desde logo planeou vingar o pai, fazendo-se amar do primo. Irrisoria seria a vaidade da donzella, se effeitos, que parecem talhados nos secretos laboratorios da boa ou da má omnipotencia, não viessem, como tão a miudo succede, justificar e tirar a limpo os designios da mulher menos fatal que Mécia.

O certo é que João Dornellas, levado ao paço por seus tios, viu a prima, ouviu-a fallar com muito affecto e respeito de sua tia Helena, admirou-lhe, de par com a candura, a esquivança do coração a qualquer vocabulo que lhe elle dizia tendente aos antigos projectos de se ligarem.

Quem tivesse escutado a linguagem chan e raza da morgada de Anciães nas festas de Braga, e lhe ouvisse os termos pespontados de côrte com que, volvidos tres annos, ella se fazia multiplicar em dons attractivos, levaria o assombro até ao maravilhoso! João Dornellas comprehendeu então e desculpou que os pretendentes de sua prima se matassem a tiro reciprocamente; e tanto assim, que a tragedia dos amores d'ella se figurou ao fidalgo

do Funchal um realce no magico enliçamento de Mécia.

No dia seguinte ao do primeiro encontro, João Dornellas foi pagar a visita a seu tio, e encontrou o ar affavel e indulgente do ardiloso fidalgo. Contou-lhe que se avistára com a prima no paço, e ficára muito agradado e captivo de suas maneiras e discrição nas palavras. Illaqueado nos manhosos rodeios do velho, contou com a expansão e franqueza dos vinte e dous annos os desgostos que sua mãi tivera em resultado da proposta do casamento, causa a que as relações das duas tão consanguineas familias se interrompessem.

Lopo Vaz esclareceu o sobrinho, dando, como quem se doia de o fazer, como culpada sua querida irmã Helena, que, por espaço de quatro annos, dilatára a resposta e consentimento á união almejada por elle e talvez mais por sua filha. Acrescentou que na familia dos Sampayos era uso antiquissimo não se desfazer um casamento pactuado, embora sobreviesse outro de móres vantagens; e que elle, fiel aos honrados costumes de seus avós, em que muito lhe pesasse, não podéra quebrantar sua palavra dada ao infeliz D. José de Noronha.

João Dornellas, convencido das razões de seu tio até ao enternecimento e remorso de o haver mal avaliado, pediu-lhe perdão, pediu-lhe a sua benção de tio e perguntou-lhe se lhe elle negaria a benção do pai.

Com o quê, Lopo Vaz, commovido desde as entranhas, estreitou ao seio o sobrinho e exclamou:

— Deus me não deixe morrer sem que eu veja os filhos de minha filha e de meu sobrinho, os herdeiros do sangue mais puro que corre em veias de portuguezes!

— Escreva v. s.ª a minha mãi — disse João Dornellas.

— Dispensa-me d'isso, meu sobrinho — recusou o velho. — Um Sampayo não se envergonharia de curvar diante de outro Sampayo, mas não o farei eu ante minha irmã, porque vai n'isso dezar á dignidade de minha filha, que m'o levaria de mau grado. Escreve-lhe tu, João, se te apraz; convence-a primeiro da sem-razão do seu silencio; move-a a reatar a nossa boa amisade; e, depois, se ella quizer regalar a sua velhice, tomando como filha a virtuosa menina que nunca deixou de a respeitar e de te querer bem a ti, não serei eu que me opponha, senão que porei as mãos agradecidas ao Deus que vos aproximar e unir por corações tanto quanto por sangue o estaes.

Amiudaram-se as visitas de João Dornellas ao paço e mais frequentes ao palacete de Lopo Vaz, para onde Mécia sahiu, com licença, já sagazmente sollicitada da rainha.

A paixão do moço não ha modo de a descrever depressa. Era a primeira, com toda a poesia

de uma bonissima e credula alma, alanceada a intervallos por duvidas crueis, não do amor de Mécia, mas do consentimento da mãi.

Duas cartas escreveu o moço a D. Helena, uma depoz outra, por navios que se seguiram. Na primeira, referia elle com vehementes expressões a formosura e alto espirito de sua prima; na segunda, pedia-lhe fervorosamente licença para casar com ella; e, como quem aproveita o tempo prevenindo e ante-parando a réplica, foi logo declarando que a recusa valeria para elle como sentença de morte.

D. Helena, recebendo a segunda carta, mandou chamar o padre Ignacio de Paiva, seu director de consciencia e conselheiro nas minimas cousas de governo de sua casa.

XXVII

O rancor inexoravel

Ao outro dia, o doutor Ignacio de Paiva e o jurisconsulto Souza foram passar as horas de sésta no convento de S. Francisco.

Frei Balthazar das Dores e frei Antonio de Christo foram chamados á livraria, onde o jesuita folgava de alternar a conversação com o exame dos livros raros. No andamento do ligeiro discretear, o padre Ignacio, cortando o fio de qualquer assumpto, disse :

— Lembram-se do que se disse na cêrca ha-de haver um mez a respeito do seu visinho João Dornellas e da prima cujo noivo mataram ?

— Sim, senhor, lembrados estamos — respondeu o padre guardião.—Foi na mesma tarde em que o fidalgo e Pedro Barradas vieram despedir-se, e um de vossas paternidades lhe noticiou que a prima estava no paço.

— É verdade—tornou o padre Ignacio de Pai-

va. — Pois saberão que o snr. João Dornellas lá está captivo e apaixonado da priminha, D. Mécia chamada.

Frei Antonio de Christo inclinou os olhos de travez a frei Balthazar das Dores e leu-lhe no rosto o que nem elle, nem nós saberiamos trasladar para aqui. Meditou em retiral-o da livraria, mas não lhe occorreu pretexto nenhum natural e plausivel. Quedou-se em ancias, visto que Balthazar parecia escutar o jesuita com infernal deleitação.

— Com que sim! — tornou o guardião — A final, o que tem de ser tem de ser! Aqui os temos casados, não tarda.

— Eu lhes digo. D. Helena fez-me o favor de me mandar ler as cartas do filho, escriptas com arrebatado amor, e taes que eu julgava aquelle fleumatico moço incapaz de escrevel-as assim. Não fazem vossas reverencias uma ideia! Na segunda, escripta vinte e quatro horas depois da primeira, a paixão é tal, que o rapaz diz á mãi que escolha entre casal-o ou matal-o!

— Com effeito! — disse, gargalhando santamente, o padre guardião e mais sete frades que riam sempre acamaradados com o guardião.

Não podia deixar de impressionar, n'esta quasi geral hilaridade, a sisuda compostura de frei Antonio e o torvo aspeito de frei Balthazar. O reparo, porém, não foi detido, nem discutido, porque os

frades estavam affeitos a ver nos dous e muito mais no segundo aquelles intervallos negros de concentração.

Não obstante, o padre Ignacio, voltando-se a frei Balthazar, perguntou :

— Nào acha extraordinario o tal amor fulminante de que foi atacado o pobre moço?

— Sim... — murmurou frei Balthazar — O que tem de ser tem de ser... — continuou elle, acostando-se á sentença nem rara, nem christã do padre guardião.

— É verdade—confirmou o useiro da maxima, folgando que o frade de grandes espiritos lh'a adoptasse na questão sujeita.

Frei Antonio de Christo deu interiores graças a Deus pela brevidade e prudencia da resposta do amigo, entendendo de si comsigo que aquella alma estava menos enferma do que elle temia.

— E então D. Helena consente no casamento? — perguntou o guardião.

— N'esse ponto é que eu fui consultado —disse o reitor do collegio de Jesus. — Consulta sobremodo melindrosa; porque a vontade da mãi é que eu repugne á do filho para ir de boas avenças com a vontade d'ella. Ora, se eu a induzo a contrariar o rapaz, quem me diz a mim se elle desatina e rompe n'algum excesso? A mãi diz que não, fundada em que todos os amores são assim, pouco mais ou

menos, no comêço. Eu não sei se são assim, se não são. Ella póde ser que saiba mais do que eu, mas não sabe tanto que me demova de crer nos exemplos que a historia nos ensina, e, além da historia, a experiencia na vida alheia. Bons resultados são os das paixões mallogradas, se os desenganados se acolhem ao convento, como a cada passo estamos vendo; porque, emfim, são esses os melhores ministros de Deus, visto que voltaram costas ao mundo com as esperanças perdidas nos bens que elle perfidamente promette. Porém, se as paixões amorosas impellem o homem a tentar contra sua vida, o dever do bom christão é transigir com ellas dentro dos limites da honra e dos sãos principios da sociabilidade humana consentanea com a lei divina. Pelo quê, em razão e desassombrada consciencia, entendo que não ha obstaculo justo que empeça o matrimoniamento do snr. João Dornellas com sua prima. O moço propriamente escreve a defeza do tio, e muito bem o faz. O tio não podia desdar a palavra dada ao outro que morreu, nem ter escrupulos de antecipar o casamento da filha, sendo certo que a snr.ª D. Helena, consoante ella mesma confessa, deteve com subterfugios a resposta bons quatro annos. Por onde, examinando eu as cousas com o assento e espaço que ellas demandavam, sobr'estive na resposta quarenta e oito horas e não deixei de invocar as luzes do Espirito Santo em decisão

de tanto porte. A final, fui hoje a casa de D. Helena; e, ponderadas as razões de uma parte e de outra, dei o meu parecer; o qual é que D. Helena não deve impedir o casamento do filho, salvo se na vida de sua sobrinha ha nodoa que possa macular a honra de seu marido. Esta é tambem a opinião aqui do meu sabio amigo o padre Antonio de Souza e já agora desejava ouvir o parecer de vossas reverencias.

— Abundo na decisão illustrada e sobre-maneira humana do tão douto conselheiro — disse o prelado, com assentimento dos frades.

— E frei Balthazar que diz? — perguntou o jesuita.

— Sim, eu... entendo que a decisão de vossa paternidade foi uniforme com as sãs doutrinas...

Tirante frei Antonio de Christo, ninguem deu tento da confusão de frei Balthazar. Entenderam que o frade estava abstrahido, quando foi consultado inesperadamente.

A pouco mais se delongou a prática. Separaram-se. Frei Balthazar, seguido de frei Antonio, entrou na sua cella, quando tangia a côro.

— Vem orar — disse-lhe frei Antonio.

— Pede ao guardião que me dispense. Estou mal...

— Por isso mesmo vem orar.

— Não vou. D'aqui mesmo póde Deus ouvir-

me, se quizer. Se não quizer, que monta ir ao côro? Vai, meu amigo; quando voltares, esta sezão tem passado.

— Então é certo que não esqueces...

— Não esqueço...

— Nem perdoas...

— Não; porque... Vai, Antonio, vai, e deixa-me só.

— Irei orar por ti.

— Pois sim... ora por mim... e por ella.

D'alli até ao côro, frei Antonio de Christo caminhou com as mãos postas e as extremidades dos dedos chegadas aos labios.

No côro, não pôde rezar. Meditou. O meditar era orar com muito angustiada alma. As derradeiras palavras do infeliz aturdiram-no. *Ora por mim e por ella!* Que secretos intentos se escondiam n'aquelle *orar por ella?* O frade pedia a Deus a intuição do mysterio e tremia de aventar um intento sanguinario. Se tal atrocidade lhe alanceava o espirito, o santo homem retrahia-se apavorado de sua phantasia e dizia no intimo: «Sou mau, que posso conceber tamanho horror!»

Quando volveu ao cubiculo, encontrou o religioso lendo serenamente.

— Que lês?

— A *Imitação de Christo.*

— Lê, filho, lê: é esse o livro dos que Deus

ampara. Quando o Senhor suggere aos desgraçados essa leitura, dá signal de que os escuta.

Frei Antonio não viu sorrir Balthazar.

Retirou-se da cella para furtar-se a algum dicto do amigo concernente á conversação da tarde. Assim que elle sahiu, frei Balthazar remessou o livro e disse com voz cavernosa, como se estivesse dialogando com um terribilissimo phantasma:

— Não sabes que eu estou amaldiçoado, mulher maldita? Não sabes que eu sou uma fera que tu queres esmagar, porque tens orgulho da tua ferocidade?.. Porque não foges da minha furna, serpente que me estás roendo e mastigando o coração?..

N'isto, abriu-se subita a porta da cella.

Frei Balthazar olhou em sobresalto e viu cahir-lhe de joelhos aos pés frei Antonio de Christo.

— Balthazar! — exclamou o justo — Balthazar! pelas dôres da tua vida, pela salvação da tua alma te rogo que nos vamos embora d'este convento para a nossa casa de Villa Real. Não me erguerei de teus pés sem que me attendas!

Ouviram rumor no dormitorio. Era o guardião que se avisinhava da cella de frei Balthazar, segundo o seu costume, a fazer em suave palestra o chylo da ceia.

Frei Antonio ergueu-se, enchugou as lagrimas e compoz o semblante para receber o guardião.

XXVIII

A prophecia

As supplicas reiteradas, depois das reflexões inuteis, de frei Antonio de Christo, mallograram-se. Frei Balthazar teimava em demorar-se no Funchal, porque, dizia elle, não havia razão plausivel que aconselhasse o seu affastamento. E continuava, justificando a recusa:

— Que tem que João Dornellas case com essa vil mulher? Que tem que a morada d'elles seja no Funchal, ou em Anciães ou em Lisboa? Não é de esperar que nossos olhos se encontrem, nem ella me conheceria, se me visse; e, se me conhecesse, olharia sobre mim tão compadecida — disse elle, sorrindo com um tregeito para amedrontar—como olhou provavelmente para o cadaver do miseravel, que parecia o melhor talhado marido de tal mulher!.. Que sustos pueris são esses teus, Antonio? Porque queres á fina força arrancar-me d'aqui, onde tenho, senão muitas, algumas horas de solidão agra-

davel, de meditação em presença do mar, que é um recreio para mim? Para que hei-de ir eu abafar-me n'aquella reclusão do nosso convento? Se alli te sentes bem, porque logras excellente saude aqui e porque vieste de lá condemnado á morte pelos medicos? Tens aqui estes optimos ares, excellentes e doutos amigos de dentro e de fóra do convento, festas magnificas do culto divino n'um templo magestoso, tens justamente tudo que em Villa Real te falta. Então que faz que continuemos a viver aqui, se o bispo conseguiu do provincial que nos detivessemos o tempo que nos aprouvesse?.. Responde e dá me a razão d'essas lagrimas, d'esse tom de lastima com que me estás sempre a pedir que me vá d'aqui.

— Não sei responder-te... Basta que eu te diga...

— Que Mécia vem para o Funchal?

— Sim.

— Pois deixal-a vir: já rebati essa razão; dá-me outra mais importante.

— Não a tenho e esta é formidavel — replicou frei Antonio de Christo; e, passados instantes, proseguiu: — Balthazar, tenho me enganado comtigo, quando mais no intimo devera ter visto a tua alma, sedenta ainda de vinganças. Já me disseste que não perdoavas... N'este fatal momento, abriram-se-me os olhos ao clarão infernal das tuas palavras,

rebentadas do teu seio como a materia peçonhenta de uma pustula rasgada a ferro. Então te vi, e então me senti entrado de horror e lastima do que tu és ainda, e já agora não sei se deixarás de o ser...

— Pois que sou!?.. Que negregado conceito fórmas de mim? — interrompeu frei Balthazar.

— Como frade, és o que eu te vaticinei que serias: a negação da lei de Jesus Christo; o corpo mais exulcerado de más paixões que ainda vestiu um habito de religião. Vestiste esse habito que ahi tens e que ainda has-de rasgar, se as leis t'o não arrancarem do corpo. Vestiste-o por um d'esses nefastos caprichos da alma humana, que verga attribulada e tanto cahe aos pés da cruz como nas voragens do inferno. Bem sei que luctaste comtigo e te atiraste com o rosto lavado em lagrimas aos degraus do altar; mas, se tu viste que Deus te não apagava a chamma devorante dos teus odios, para que professaste, porque não me ouviste?

— Pergunta-o a Deus.

— É a ti que o pergunto, homem de barro mais amassado em fel que o do commum dos infelizes e ainda dos malfeitores.

— Que desabrimento, Antonio! — atalhou frei Balthazar algum tanto irado, todavia refreando o impulso da colera.

— Oh! é necessario que eu assim te falle; porque, d'aqui a vinte e quatro horas, não te darei

palavras desabridas, nem supplicantes. Hoje me despeço d'esta casa e ámanhã sahirei para a Madeira a embarcar-me para Portugal.

— E então deixas-me?

— Certamente, a menos que tu me não sigas. Aqui tens porque eu te faço ouvir as minhas ultimas e severas palavras, arrancadas pela maior agonia que ainda traspassou o seio de um homem que deseja salvar um amigo. Apparelham-se tremendos infortunios para ti, e para Deus sabe quantas victimas do teu odio. Não m'o disse revelação do céu; assevera-m'o a razão experimentada e vista nos segredos da tua indole. Tens um antro de feras n'esse peito, Balthazar! Ameaça-te uma febre que te ha-de ensandecer e até certo ponto salvar-te aos olhos do grande Juiz da responsabilidade dos teus actos, mas não dos que tu pódes evitar e não queres.

— Que evito eu, sahindo d'aqui?

— Evitas a visão de uma mulher que te reduziu á situação em que te vês, angustiado pelo arrependimento de a ter procurado e pela desesperança de não poderes espedaçar esse habito, e voltar de novo a ser o morgado das Olarias, o caçador e o cavalleiro despreoccupado das tuas serras. Choras? Razão tens, que perdeste a mais bella existencia de homem que eu tinha conhecido! Razão tens de chorar, que não era esté o viver ajustado ao teu temperamento! Ora, que será da tua razão, quan-

do vires em frente d'esta casa a mulher que assim te desgraçou, e vel-a, de mais a mais, feliz, soberba, victoriosa e encostada ao hombro de um homem, orgulhoso d'ella?

— Horrivel!.. — murmurou frei Balthazar.

— Pois sim... horrivel, horrendissima será essa visão!.. E que serás tu? que fará tua alma? que tumultuar de pensamentos vingativos não irá ahi dentro n'esse seio, em que não luz faisca de caridade, nem temor de Deus?

— Hei-de ser homem! — exclamou com firmeza frei Balthazar.

— Pois é isso o peior que tu has-de ser. No homem está a fera. Mister seria que fosses anjo... E, se has-de ter valor, porque não tens agora prudencia? Não é mais conducente ao teu estado antes fugir que luctar? Porque não evitas o encontro que te ha-de obrigar á peleja com forças deseguaes? Porque não apagas o teu odio para que elle te não abraze depois? Balthazar! parece-me que Deus vem em meu auxilio para te mover... Vamos! vem commigo para o socego do nosso pobre convento. Se quizeres, eu alcançarei licença para despirmos o habito; passaremos a seculares; iremos viver do sacerdocio ou nas tuas Olarias, ou na casa dos meus irmãos, ou na India ou no Brazil. Póde ser que ainda se te deparem enchentes de alegria hauridas

nas doçuras da resignação!.. Balthazar, vens commigo, vens, irmão da minha alma?

O frade esteve-se largo tempo como vendo espelhado nas lagrimas do amigo, e disse, tirando as palavras em tom de funda angustia:

— Não posso!

— Oh! que incomparavel desgraçado tu serás! — exclamou frei Antonio, pondo os olhos no Crucificado, como se o divino Rei das dôres e da gloria lhe estivesse allumiando o porvir do assassino de D. José de Noronha.

XXIX

A boa nova

Desde aquella hora, frei Antonio de Christo entrou em todas as cellas, despedindo-se dos frades. Recebiam-no com lagrimas e assombro, inquirindo todos a razão de partida tão subitanea. O frade, para dar explicação do ar consternado e da sahida imprevista, dissimulava, dizendo que recebera novas tristes de sua familia, e corria para ainda abraçar um parente muito proximo e querido que se finava. Promettia voltar, passados mezes ou annos, a aprender a virtude no exemplo edificante de varões tão santos quanto illustrados.

De frei Balthazar a despedida foi um arrancar de suspiros, cortados por palavras inintelligiveis. Ao abraçal-o por ultimo, perdeu o alento; e, voltando a si, alimpou as faces humidas do pranto do amigo, que resistira á commoção, amparando-o nos braços. Não pôde dizer-lhe minima palavra, porque a cella e dormitorio estavam cheios da com-

munidade, que acompanhava frei Antonio com os rostos quebrados de sincera tristeza.

Fugiu o anjo do energumeno, finalmente. Parece que é Deus que o leva, para que no covil de Balthazar entre desassombrada a tentação, espumando sangue.

Eil-o sósinho.

Já raras vezes sahe da cella. Cuidam os frades que a reclusão é saudade do amigo. Ajuntam-se a consolal-o. Amiudam-se as visitas do bispo, do reitor do collegio, do juiz commissario, do genealogico, homem de grandes dotes falladores. Ha cuidado extremo em divertil-o de sua tristeza e rara vez conseguem tiral-o fóra a passeios na cêrca.

Correm dous mezes.

Um dia, o doutor Ignacio de Paiva vai á cella do frade e diz-lhe jovialmente:

— Ámanhã não me fique em casa, meu anachoreta, porque é dia de festa no Funchal.

— Sim?..

— Festa estrondosa! Chegam ámanhã os esposos.

— Quaes?

— D. Mécia e João Dornellas. Vai ahi uma barafunda na cidade, desde que constou que elles desembarcam ámanhã. Na fortaleza de Nossa Senhora do Calhau tremulam bandeiras francezas, portuguezas, inglezas e flamengas, que os merca-

*

dores emprestaram. Á porta do paço do bispo e do meu collegio estão a levantar arcos muito de se verem. A viúva de Duarte Mendes de Vasconcellos mandou empregar n'este trabalho todos os officiaes dos seus engenhos de assucar. Os Medeiros, Aguiares e Betencours preparam vistosas cavalhadas com riquissimas librés. Mem Dornellas, tio do noivo, é quem dá o jantar e as festas da noute. Emfim, o regozijo é geral! Queremos que vossa reverencia assista com a communidade, de cima do muro, á entrada dos esposos em casa da mãi, que é, como sabe, aqui na rua que corre ao longo da parede.

— Bem sei.

— Então vai?

— Póde ser... Isso depende do estado da minha saúde, que está hoje algum tanto molestada.

— Ámanhã está bom, meu frei Balthazar... Agora outra cousa... É preciso que todos dêem o seu contingente de alegria n'estas festas. Eu vim pedir a frei Rozendo alguma poesia latina, hespanhola ou portugueza, como elle quizer. Lá os meus da companhia contribuem com dez poemetos, que tantos são os que tractam as musas. Ora diga-me, frei Balthazar, faz versos? Tem o dom apollineo.

— Não, senhor, mas agora lastimo-me de não ser poeta para dar o meu pobre óbulo ao regozijo

de tanta gente e mais ainda por não poder prestar um tão pequeno serviço a vossa paternidade.

— Mas — replicou o doutor Ignacio — quem tem o seu abalisado engenho faz o que quer. Experimente, frei Balthazar, e, saiba o que sahir, ha-de ser forçosamente bom de pensamento, embora claudique nas leis do rithmo.

— Se eu claudicar nas leis do rithmo, deixo de fazer versos e faço cousa sem nome. Desculpe-me vossa reverencia, que não faço versos, com grandissimo pesar meu...

— Mas vai ver a entrada dos esposos...

— Não sei se irei, mas... desejava... presenciar a felicidade de duas pessoas tão ditosas.

— A esposa dizem-me que é uma pintura, uma belleza extraordinaria. Elle é uma alma angelica, o modêlo das virtudes raras n'aquella verdura de annos. Devem ser venturosos!

— Certo.

— Com taes condições, facilmente se conjectura a felicidade do amor... Uma pergunta, frei Balthazar... Se ella for indiscreta, perdoe á minha amisade muito das entranhas. Vossa reverencia amou? teve dissabores grandes que o trouxeram a esta vida?

— Tive na minha mocidade alguns breves desvarios do coração—respondeu serenamente o frade.

— Verduras...

— Sim, passageiras affeições, das quaes se não seguiu a minha vinda para a religião. Não direi que cedi á força da tendencia, mas comparei o mundo de fóra com esta interior tristeza do convento e escolhi isto, porque a minha compleição, como vossa paternidade sabe, é melancolica.

— Mas porque elegeu esta ordem?

— Tinha um bom amigo n'ella...

— Sim, o virtuoso frei Antonio... Que novas tem d'elle?

— Escreveu-me de Lisboa. Não sei onde está agora.

— Pergunto eu: porque não muda d'aqui para a companhia de Jesus?

— O habito lá é mais esmerado e lustroso, mas a mortalha não é a mesma? — perguntou frei Balthazar.

— Sim... todavia, os seus talentos estão aqui como debaixo do modio...

— Mal de mim, se elles se vissem e entrassem no giro... Eu, senhor, não tenho o valor que me dão. Sou o frade mendicante; sei um quasi nada do que ensina a regra do patriarcha e mal a cumpro...

Mal podia já o frade occultar o tedio do interrogatorio do jesuita, quando em si revoluteavam encontradas ondas de sangue, que a espaços lhe tingiam de sua côr os objectos exteriores.

O jesuita despediu-se cada vez mais maravi-

lhado da modestia do pobre frade e do laconismo substancioso de suas respostas.

Na ausencia do reitor, frei Balthazar entrou a andar com phrenesi á grandes passos no estreito pavimento da cella. A parede repulsava-lhe os impetos e elle ia esbarrar na outra, desandando contra a porta ou pondo a cabeça fóra do postigo para aspirar grandes sorvos de ar. Depois, sentou-se extenuado e disse, com as mãos afincadas na cabeça:

— Eu devia ter fugido! Prendem-me grilhões forjados no inferno aqui... Oh frei Antonio, oh meu santo amigo, pede a Deus que me tire este calix!

XXX

Amarras do inferno

Desde o alvorecer da manhã seguinte, rompeu o ribombo dos morteiros, das trombetas bastardas e dos sinos do bispo, dos jesuitas, dos franciscanos e das claras.

Os esposos esperaram no caes do desebarque, á sombra de pintalgados pavilhões, a hora do meio dia, para fazerem sua entrada, que assim lh'o pediram os fidalgos atarefados nas cavalhadas. Debaixo do pavilhão estavam D. Mécia, D. Helena, as damas principaes do Funchal, Mem Dornellas, tio do esposo, Lopo Vaz de Sampayo e João Dornellas, o mais feliz dos homens, o louco de amor que todo elle era um sorriso de alma embriagada nas delicias da bem-aventurança, que os esposos felizes conhecem muitissimo melhor do que Santo Agostinho e Santa Thereza de Jesus.

Os frades construiram um palanque encostado ao muro e voltado para o palacete dos esposos. Mui-

tos andavam colhendo flores, verduras de murtas e alfazemas, e as entrelaçavam em grinaldas para afestoarem a face externa dos muros da cêrca.

E frei Balthazar, do seu postigo, parecia contemplar de bom humor a azafama da fradaria, movida pelo exemplo do remoçado guardião, e mais velhos e reformados anciãos da communidade.

Ao meio dia redobraram os repiques dos sinos, a toada das musicas, o estrupido dos ginetes, o retumbar dos morteiros, o rufar das caixas e a algazarra da plebe, em que requintava o jubilo avinhado dos escravos.

Correram de tropel os frades ao palanque. Os tropegos iam como ás cavalleiras dos mais possantes. Ficou deserto o convento, exceptuada a cella de frei Balthazar das Dores, o qual parecia dormir, quando o frade seu visinho o foi chamar alvoraçado; e, como a pressa prevalecesse ao interesse de levar o companheiro, deixára-o ficar no seu admiravel dormir com tamanho arruido dentro e fóra do convento.

Frei Balthazar das Dores estralejava os dentes nos frios de uma sezão nervosa; depois, abrazeado pelo lume da febre, prorompeu em gritos roucos, no desvairar do delirio, os quaes, se fossem ouvidos, denunciariam o homicida de D. José de Noronha e o carniceiro que premeditava um sêvo de mais sangue.

Alguns dos frades, como voltassem do luxuoso espectaculo, entraram á cella de frei Balthazar para lhe dizerem da formosura da esposa, da rica berlinda em que a trouxeram e mais o marido, que se revia na consorte; como, porém, encontrassem o frade na cama com a cabeça encapuzada e os olhos amortecidos, avisaram o guardião. D'ahi a pouco entrou o phisico. Frei Balthazar foi copiosamente sangrado e passou mais alliviado a noute.

Ao outro dia ergueu-se o frade muito extenuado e foi ao côro para ver se assim lhe deixavam a cella as continuadas visitas, que lhe exasperavam as agonias. Póde ser que as orações de frei Antonio de Christo fossem muito na subita resolução que Balthazar teve de se embarcar para Portugal no mesmo navio em que viera Mécia, o qual se faria de vela passados oito dias.

Ao mesmo tempo, porém, que o pensamento salvador lhe senhoreou e abrandou as ancias, entrou o padre Ignacio a vel-o; e, no conversar respeito aos festejados esposos, disse que Lopo Vaz de Sampayo ia a Portugal no navio que estava ancorado, á espera d'elle. E acrescentou que D. Helena dera trinta mil cruzados em ouro á sobrinha para que ella desempenhasse a casa de Anciães.

Desfez-se o bom proposito do frade. Como embarcaria elle com Lopo Vaz? Era cousa de fatalida.

de! eram, como elle dizia, amarras forjadas no inferno que o prendiam alli!

N'este lapso de tempo recebera Balthazar algumas cartas de frei Antonio, escriptas do convento de Villa Real. Eram palavras cautelosas; nenhuma que désse rasto a suspeitas; todavia, digamol-o assim, reviam lagrimas de compaixão e saudade os dizeres singelos do virtuoso. Balthazar, respondendo, esforçava-se por aquietar o animo do amigo, fingindo socego de espirito, e esperanças de se ainda abraçarem em velhice deslembrada de maguas e banhada das alegres ondas de luz da gloria eterna.

Que indiziveis tribulações esphacelavam então o condemnado de Deus, e, todavia, amado de quantos homens lhe contemplavam a face myrrada, raro orvalhada de lagrimas!

Por espaço dé tres mezes, frei Balthazar não palmilhou mais espaço que o da cella ao côro. Ao côro!.. Que ia alli fazer aquelle homem que tantas vezes perguntára á sua razão: «Que é Deus? Onde está o phantasma?» Ia e ajoelhava. Resmuneava os psalmos e tinha intercadencias de esquecido. Umas vezes sahia, incompleta a hora; outras antecipava-se ao tanger do sino. Teve accessos de loucura, porque ria no acto magestoso da oração mental em communidade; explicava com turbações de cabeça aquelles dislates, que infundiam piedade em

todos e nunca estimularam o zelo religioso do guardião.

E Mécia? Oh! felicissima! Da cêrca de S. Francisco ouviam-se as risadas da esposa ditosa, a beijar-se com o marido na janella, para onde os frades novos por entre a ramagem do arvoredo coavam olhos em que certamente se não pintavam os deleites purissimos da celestial Jerusalem.

XXXI

É a hora!

Soaram as dez da manhã do dia cinco de junho de 1693.

Frei Balthazar sahiu do côro antes de concluida a reza.

Exacerbára-se-lhe o tormento n'aquella manhã, porque ouvira dizer ao prelado que, na tarde d'aquelle dia, o doutor Ignacio de Paiva, reitor do collegio, o juiz Antonio Vanguerve Cabral, o bispo D. José Maria da Fonseca, D. Helena, o filho e a esposa viriam passear na cêrca, e merendar no caramanchão um banquete offerecido por Mem Dornellas. Os religiosos mais conspicuos, lettrados e authorisados no convento eram convidados a ir receber os illustres hospedes. Frei Balthazar era um dos escolhidos, se estivesse de animo para satisfazer o desejo do guardião.

O frade respondera:

— Talvez... veremos o estado da minha cabeça.

E d'ahi a pouco sahira do côro, como cego do sangue que lhe congestionava os olhos.

Ás onze horas soou toque a rebate. Começaram logo a confluir ao caes as companhias de ordenanças com seus capitães. É que, segundo o estylo da cidade, quando apontavam no horisonte mais de tres navios, as ordenanças assistiam armadas ao ferrar ancora dos navios, cautela tirada da experiencia de assaltos, quer do inimigo da Hollanda, quer dos corsarios barbarescos.

Como quer que fosse, uma das companhias foi postada de encosto ao muro da cerca de S. Francisco e as armas ensarilhadas em frente da porta chamada de carro.

Ficou um soldado de vigia ás espingardas e os outros desceram á praia.

N'este acto, a fradaria subiu ao mirante para gozar da chegada dos navios e frei Balthazar desceu á cêrca, porque sentia desfallecer-se no calor afogativo do seu cubiculo.

Discorrendo rente com o muro, para o lado do palacete de Mécia, conheceu a voz que, havia cinco annos, não tinha ouvido, e conheceu-a a longa distancia de cem passos.

— Que calor! — dizia a esposa de João Dornellas.

E continuou dizendo, alternadamente com o marido, palavras que a longitude tornava inaudi-

veis, não obstante fallarem alto como duas creanças alegres.

João Dornellas sahiu da janella. Mécia ficou. E frei Balthazar, recuando aturdido da parede a que estivera como chumbado, entrou por um renque de arvores e d'ahi, por entre a folhagem, diligenciou ver Mécia.

E viu-a.

Por minutos, os dedos recurvaram-se-lhe machinalmente e as unhas rasgaram-lhe as palmas das mãos. Fugiu ou parecia fugir, cozido ao muro. Chegou á porta de carro e viu fóra as armas. O desgraçado, a fital-as com os olhos coruscantes, tremia nas angustias da tentação. Avançava, recuava, punha as mãos, arrancava os cabellos, carregava sobre os olhos a punhadas, como querendo apagar a luz sinistra d'aquella visão. Emfim, foi vencido. Deu um passo fóra do muro. Viu o ordenança e quiz retroceder : já não pôde.

— Empreste-me uma espingarda para atirar a um francelho — disse o frade.

— Não que ella está carregada de quartos.

— Não importa — volveu frei Balthazar. — Verá que acérto.

— Sempre quero ver isso ! — tornou o soldado — Aqui tem a minha. Frade caçador !.. é a primeira que vejo ! e matar francelhos a zagalotes só por arte do inimigo !

Frei Balthazar metteu-se com a arma no cerrado das arvores; e o soldado encostou-se á tranqueira da porta.

Ouviu-se a detonação do tiro; e logo appareceu o frade, entregando a arma.

— E o francelho? — perguntou o soldado.

— Escapou.

— Logo vi.

Frei Balthazar foi em direitura á cella. Caminhava tranquillo como na noute em que vira cahir D. José de Noronha.

E Mécia cahira tambem? Morta, fulminada, com um dos quartos no centro da testa.

— Inverosimil! — exclama o leitor — Provas! um facto provado, historico, verosimil, que se pareça com esse!

Ahi vou. Não ha-de ser um que se pareça: ha-de ser o mesmo, o caso de Mécia assassinada, referido, impresso por um amigo do frade, pelo juiz que ajudou a julgal-o, por Antonio Vanguerve Cabral.

O leitor não tem, mas encontra nas livrarias publicas, em muitas particulares e tambem na minha, um livro assim intitulado... (tome folego, que o titulo é espaçoso): *Epilogo juridico de varios casos civeis e crimes concernentes ao especulativo e prático, controvertidos, disputados e decididos a maior parte d'elles no supremo tribunal da côrte e*

casa da supplicação, com umas insignes annotações á lei novissima da prohibição das facas e mais armas promulgada em 4 de abril de 1719. Author, Antonio Vanguerve Cabral, jurisconsulto lisbonense, etc. (*)

Se tem o livro á mão, abra a pag. 169 e leia. Se o não tem e fia da minha lealdade, leio eu:

«Ácerca do homicidio casual, me será licito es-
«crever, para exemplo, um caso que succedeu na ci-
«dade do Funchal da ilha da Madeira no anno de
«1693, onde eu era juiz commissario d'aquelle bis-
«pado e assessor do illustrissimo bispo D. frei José
«de Santa Maria, e depois premudado para o bis-
«pado do Porto, e no dito caso fui tambem consul-
«tado, o qual foi na fórma seguinte:

«Na cidade do Funchal da ilha da Madeira é
«costume observado que, vindo para o porto da
«dita cidade de tres navios para cima, tocar-se a
«rebate aonde se ajuntam as companhias da orde-
«nança com seus capitães e se arrumam onde elles
«mandam. Succedeu arrumar-se uma companhia á

(*) Esta obra costuma andar encadernada com outra do mesmo author intitulada *Tractatus praticus juridicus de sacrilegio*, fol. Lisboa 1715. A obra, cujo titulo vai trasladado em cima, é dedicada e offerecida *á sagrada imagem de Jesus Christo, com o soberano titulo da boa sentença, collocada na santa sé de Lisboa oriental.* Se não ha-de ser verdadeira obra com tal offertorio!

«cêrca dos religiosos de S. Francisco, onde tinham «arrumado os soldados as armas junto á porta da «cêrca, que vulgarmente se chama *a porta do car-«ro;* e vindo um religioso, pegou em uma espingar-«da que estava carregada com quartos, dizendo «queria atirar a um francelho, e com effeito atirou «e errou o tiro. E por volta da tarde, que o tiro foi «pela uma hora depois do meio dia, se divulgou «que uma mulher nobilissima, por nome D. Mé-«cia, a mataram, estando ella a uma janella das «suas casas, que ficavam muito distantes da cêrca «dos religiosos e por detraz da dita cêrca, e por esta «causa se não via; e logo o religioso disse que devia «ser do tiro que havia atirado ao francelho, pois «não houve outro tiro n'aquelle lugar e se averi-«guou que fôra morta d'aquelle mesmo tiro, por-«que se achou que fôra um quarto de bala que «havia dado na testa da dita D. Mécia; e não se ha-«via n'aquelle sitio ouvido outro tiro e a espingar-«da estar carregada com quartos.»

Logo voltaremos a consultar o sabio jurisconsulto e integerrimo juiz sobre a innocencia do frade. Por emquanto, fique provada a veridicidade, que não já a verosimilhança da historia, e assim confundida a descrença do leitor — louvavel descrença, até certo ponto; porque, nos casos monstruosos de crimes perversissimos, a repugnancia em crel-os é indicativa da bondade de nossa indole, maiormente

se os criminosos são portuguezes. Nas bestas-feras que os novellistas de França nos descrevem, n'essas cremos, são naturaes, são pintadas do natural. Portuguezas não nas ha; quer o nosso pacifico genio que as não haja.

Atando o fio, quando Mem Dornellas enfestava os açafates conductores da merenda, chegou-lhe a nova de que D. Mécia estava morta de um tiro e D. Helena sem falla, com apparencias de defunta, e João Dornellas agarrado pelos criados, que o não deixavam suicidar-se.

No convento ouvira-se um alarido de vozes e gritos ao longe; todavia, como os frades entrassem no refeitorio, áquella hora, o estrepito da mastigação endureceu-lhes o ouvido. Ahi cêrca de quatro horas é que a nova e o espanto chegou ao convento, e para logo chegou a noticia á cella de frei Balthazar, que não fôra ao refeitorio.

O frade, esbugalhando os olhos, exclamou:

— Que desgraça!.. Quem a matou?

— Não se sabe... Mas dizem que se dera um tiro aqui da cêrca e fôra um religioso. Dil-o um soldado da ordenança... O guardião vai mandar tanger a communidade e chamar o soldado para dizer quem deu o tiro.

— Fui eu, fui eu quem atirou a um passaro! — respondeu com afflictissimo semblante o frade — Fui eu o involuntario matador da infeliz senhora!..

*

É necessario crel-o, ainda que o juiz commissario o não diz: o frade tinha lá dentro nas cavernas do peito uma serpe que o deleitava, despedaçando-o. Dava lhe latidos de jubilo o coração! Era um apunhalar-se delicioso! Era embriaguez de sangue; era a demencia dos precitos, em cuja razão já se apagou o derradeiro lampejo de esperança em remedio, em rehabilitação! Tudo pessimo n'aquelle homem, tudo assombroso de perversidade! Para cumulo de infamia, até a coragem de viver lhe restava!

Entendamo-nos agora com o doutor Vanguerve Cabral sobre a innocencia do assassino:

«Entrou em questão se estava o religioso ir-«regular, e se consultaram os theologos especulati-«vos, e moralistas e juristas, em que houve varios «pareceres, e finalmente se veio a averiguar que «o caso foi casual e que o religioso não havia incorri-«do em irregularidade; por quanto não tivera propo-«sito de matar a pessoa nenhuma, e não tivera animo «*directe*, nem *indirecte* de matar, e tanto que, quan-«do fez o tiro, não se via janella nenhuma e fizera «ponto ao francelho que estava em cima da arvore, «como tudo constou por informação que o prelado «inquiriu.»

E continúa:

«O que se resolveu por parecer do doutor

«Ignacio de Paiva da sagrada companhia de Jesus,
«que então era reitor do collegio da dita cidade, va-
«rão doutissimo e mestre na sagrada theologia na
«Universidade de Evora, e n'ella meu mestre, e
«do padre-mestre dos casos na dita cidade do Fun-
«chal, o padre Antonio de Souza, e de varios juris-
«consultos, e entre elles fui eu, que, posto que da
«parte do religioso não houvera proposito *directe,*
«nem *indirecte* de proceder morte do dito tiro, que
«o tal religioso se devia declarar irregular, *propter*
«*scandalum* do povo, ainda que se sabia *não ha-*
«*ver culpa* da parte do dito religioso não havendo
«culpa? não ha irregularidade, e o mesmo assen-
«taram os prelados da sua mesma religião e mestres,
«o que confirmou o illustrissimo senhor bispoD. frei
«José de Santa Maria; além de suas lettras e de ter
«sido mestre na sua religião, a sua prudencia con-
«firmou o que se deliberou.» (*)

Está dito bastantemente para entendermos quanto frei Balthazar das Dores era acatado e presado de theologos especulativos, moralistas e jurisconsultos. Nem sequer irregular! Nenhuma pena, nenhuma desconfiança, nem laivo de mau conceito, e D. José de Noronha e D. Mécia de Sampayo assassinados!

Se o frade, até aquelle acto, perguntava: «on-

(*) Vej. o lugar citado.

de está Deus?» quem o impedia de responder depois aos duvidosos que o interrogassem pelas mesmas palavras: «Deus não está em parte nenhuma conhecida, nem na consciencia do assassino, nem nas consciencias dos theologos especulativos, moralistas e jurisconsultos.»

XXXII

Ali-Fendi

Volvidos dous mezes, frei Balthazar recebeu da mão de um religioso missionario de Vinhaes uma carta de um frade de S. Francisco, do convento de Villa Real. Dizia assim :

«É horrendo cahir no inferno: é horrendissimo lá cahir das escadas da forca. — *Frei Antonio de Christo.*»

Balthazar rasgou em miudos a carta e atirou-os ao nordeste, que soprava rijo.

A este tempo, cogitava o frade em rasgar o habito, d'onde podesse passar-se á India ingleza, ao imperio da China, aos sertões da America, ao centro da Africa, a qualquer ponto onde tragasse liberdade a pleno peito.

Era um perdido irreparavel, uma destruição

completa. Nem medo de Deus, nem sonhos hórridos, nem ferroadas de consciencia.

Como sahiria com seu intento? Fugir não: pensava a animo frio; receiava n'um passo imprudente e inconsiderado topar no abysmo, no abysmo da justiça dos homens, nas escadas da forca lembrada pelo franciscano.

Escolheu o mais ajuizado dos alvitres. Sahir para Portugal, simulando acolher-se á companhia do seu amigo e á sua casa professa. Depois, em terra grande como Lisboa, sumir-se, desfigurar-se, deixar crescer barbas e cabellos, trajar-se ajustadamente ao seu designio e de lá escolher o fito do destino vagarosamente meditado.

Entrou na execução do gizado plano. Despediu-se, abraçou muitos religiosos que choravam, pediu perdão dos escandalos e maus exemplos, recebeu a benção do prelado, do bispo, do reitor, dos theologos, juristas, moralistas e juizes, que o absolveram. Ninguem viu partir com olhos enchutos o infeliz. Todos, á uma, lhe diziam:

— Não permitta Deus que frei Balthazar leve do Funchal a recordação da morte de D. Mécia a pesar-lhe no coração. Foi um acaso que a justiça de Deus ha-de julgar como está julgado pela justiça dos homens.

Embarcou-se frei Balthazar em um pequeno navio mercantil, carregado de assucar, com direcção

a Lisboa. Á terceira noute de viagem, acordou o frade com o grande rumor que ia na tolda; subiu do porão ao convez e viu a marinhagem largando todo panno para fugir a duas sétias de corsario que lhe vinham na esteira. As sétias eram velozes e escoteiras; o navio portuguez ganhára pouco em abrir as azas todas. Balthazar cruzou os braços e deleitou-se no espectaculo. Lá dos corsarios sahia de vez em quando um pregão em hespanhol, que dizia:

— Rendei-vos, canalhas, que se vós dá a vída, senão ides ao fundo!

— Estamos perdidos! — exclamava o patrão do hiate — Snr. frei Balthazar, absolva-nos, que vamos morrer aqui todos!

— É um desatino morrer, patrão, — disse o frade — e é maior loucura resistir. Se elles nos promettem a vida, aproveitemos a mercê.

— E quer vossa reverendissima ir captivo para Argel?

— Gente melhor e mais mimosa do que nós para lá tem ido e de lá tem voltado. Os mortos e sepultados no mar é que não voltam.

— Isso é verdade! — applaudiram os sete marinheiros e o feitor do dono da carga.

N'este comenos, sibilaram duas frechas por entre o cordame e logo alguns tiros de mosquete. O frade agachou-se e disse:

— Patrão, mande amainar e renda-se. Olhe

que o aviso está dado. D'aqui a meia hora estamos mortos sem resistencia ou amarrados, porque resistimos. Escolha.

O feitor, com louvavel egoismo, exclamou:

— Que leve o diabo o barco e a carga!.. Salvemos as vidas, que não ha mais nada que fazer. Póde ser que os corsarios nos atirem ahi para uma praia e nos deixem.

— Que diz, patrão? Olhe que a abordagem não tarda! — observou o religioso.

— Emfim, Deus se compadeça de nós, que eu não me rendo assim!

E distribuiu algumas clavinas e espadas pelos marujos, dizendo:

— Morrer como portuguezes!

E, voltando-se ao frade, disse:

— Tambem quer arma?

— Não, filho. A minha missão é de paz. Bemdito Deus, ainda tenho o siso necessario para me não deixar matar como louco. Espero a morte, mas não a procuro.

A matalotagem abundava nas ideias estoicas do frade. Ninguem queria morrer á portugueza. As mãos que haviam tomado as armas sobre-posse cahiram quebrantadas, quando de uma das sétias mouriscas foi arremessado um pé de cabra ao hiate, e tão certeiramente cravado, que o fez pairar.

O arraes descorçoou e disse:

— Não ha que fazer!..

E içou no mastro de traquete uma bandeira branca.

Cessou a vigorosa remettida dos mouros. O corsario e alguns dos seus saltaram das sétias ao hiate com as espadas nuas.

O frade adiantou-se para um que, sobre ser o principal, fallava mau castelhano, e disse-lhe:

— Não ha motivo para que empregueis a força: tomai conta de nós e da fazenda, que pequena preza fazeis.

Os captivos foram repartidos pelas duas sétias e o hiate amarrado á mais possante.

O frade entrou em serena palestra com o corsario, sujeito de boa catadura e fallas tanto ou quanto policiadas. Ao mouro não desagradou o ar aberto e tom destemido de Balthazar. Mofava-lhe do habito e dizia que n'outro tempo os frades portuguezes traziam das Indias bons bizalhos de diamantes escondidos no capuz d'aquelle manto. Balthazar, com alegre desenvoltura, disse ao mouro que o vestisse de outro feitio, que elle lhe dava o habito para que de seu vagar o examinasse.

Riu-se o mouro e perguntou-lhe quanto lhe daria pelo seu resgate.

— O habito — respondeu o frade.

— Então quereis ficar escravo em Argel?

— Escravo ou turco, lá veremos.

A resposta não era satisfactoria para o dono da preza; todavia, o pirata sacrificava o lucro á boa feição do frade.

Como a viagem se delongava por espaço de oitenta leguas, e o corsario já não curava de novos assaltos e se ia contente com as prezas feitas, certa affeição se foi estabelecendo entre o mouro e o frade.

O mouro contou a vida de seus paes para dizer que era filho de portuguez. Chamava-se Mustaphá e orçava por sessenta bellos annos. Seu pai era dos bons fidalgos de Portugal...

Aqui se pinta na phantasia do leitor que eu vou ideando um corsario filho de fidalgo lusitano, sem pejo de desluzir na honra de algum grande appellido. Não direi o appellido por a mesma razão de melindre que teve para não dizel-a João de Carvalho Mascarenhas, o author da relação da perda da *Nau Conceição* em 1621, publicada em 1627. A historia do pai de Mustaphá queira o leitor vel-a, que é longa e descabida aqui, no livro indicado, que é o terceiro tomo da *Historia tragico-maritima.*

Comquanto filho de turca, não deixava de ter bom sangue o filho do fidalgo renegado. Balthazar, bem que despreoccupado de analogias, conhecia-lhe parentes dos melhor appellidados na pro-

vincia de Entre-Douro-e-Minho. (*) O turco deu ares de sensibilisado, ouvindo, pela primeira vez em sua vida, depois da morte do pai, fallar em Arrifana, terra da naturalidade de seus avós.

Balthazar captivou o animo de seu senhor, e tanto, ao correr da viagem, lh'o foi senhoreando, que, antes de aportarem a Argel, já o frade tinha despido o habito e envergado um albornoz de seda escarlata, uma fota listrada e cadilhada, e a calça larga assente sobre o sapato de macia droga, com lavores de fio de prata.

Mustaphá aprazia-se de vel-o assim; e, no auge da sua alegria, atirou o habito franciscano ás ondas, que provavelmente o levaram a alguma

(*) Do pai de Mustaphá dizia o citado João de Carvalho Mascarenhas:

«...mancebo nobre, que, por ser pessoa mui conhecida, nem a elle, nem a sua terra quero nomear, casado com uma moça mui fermosa, das mais principaes que havia n'ella.»

E a historia do renegado termina assim:

«...Depois se soube a causa porque se fizera turco, e foi que, indo para casa, achára a sua namorada chorando... e a moça lhe disse que se fizesse turco e que a tirasse de casa, e que lhe daria dinheiro para se livrar, e logo lhe deu trinta cruzados, com que o vestiu de turco, e taes palavras lhe disse, induzida do diabo, junto com a affeição que lhe tinha, que bastaram a fazer o que fez e a dar com a maldita alma no inferno; e foi tão mofino este renegado, que, tres dias depois de o ser, chegou o seu resgate com cartas da mulher, em que dentro lhe mandava uns cabellos como ouro de um menino que lhe nascera, de que a deixára prenhe, quando o captivaram; e assim ficou perdendo a mulher, o filho e a liberdade, por justo castigo do céu, e sobretudo a alma.»

praia christã, onde a piedade dos moradores chorou a perda de um frade comido pelos peixes! Ora o patrão, o feitor e os marujos do hiate iam passados de verem assim trajado o religioso da observancia de S. Francisco do Funchal! um apostata sahido d'aquelle viveiro de santos! Viriam elles ainda contar á portaria do convento o escandalo de seus olhos pios? Ai! não vieram! Lá se finaram em captiveiro; que as tardas esmolas para a remissão dos captivos não chegaram a encontral-os com vida.

Hospedado como amigo e não captivo em casa de Mustaphá, passados alguns dias de repouso, Balthazar Pereira — a quem já não chamaremos frade, para evitar ultrages a S. Francisco, bem que involuntarios — sahiu sobre um cavallo de Mustaphá, precedido de trombetas, e, levado á presença do cadí dos turcos, jurou, levantando a mão, reconhecer e servir Mafoma. O cadí leu-lhe alguns artigos do alcorão, dos quaes serviu de interprete Mustaphá, declarando que o neophito era ainda seu parente de origem portugueza. E talvez não mentisse; que o bom e velho sangue lusitano é todo um. Nem o antigo morgado das Olarias, bem que parente de S. Gonçalo de Amarante, se deu por desdourado de tal parente.

Não tivera Balthazar — já não era Balthazar: chamava-se Ali-Fendi — tempo ainda de palestrar com a sua consciencia, quando o primo de Mustaphá

lhe fez saber que o Agá dos janizaros o nomeára Boluco Baxi, que sôa como capitão, e percebia dez dobras mensaes e seis pães por dia. Em virtude do quê, o capitão passou a vestir o grande turbante significativo do seu honroso cargo no exercito.

Desafogado dos cuidados da sua tarefa diaria, Ali-Fendi fez-se frei Balthazar por uma hora e deu-se a pensar na sua vida.

Tinha á mão um espelho e viu-se primeiro no exterior, antes de ir devassar do interno.

Em quanto ao exterior, estava melhor: era outro homem, tinha côr nas faces, luz nos olhos, sangue nas veias, e um ar de graça a sorrir-lhe pela bocca e por todas as fibras da cara desenrugadas. Passou á syndicancia da consciencia. Viu Mécia. Fez-se-lhe n'alma uma escuridão momentanea. Levantou-se. Fechou a devassa do seu interior e disse entre si:

— Antes isto que o patibulo vaticinado pelo pobre frade de Villa Real.

XXXIII

Um coração novo para o castigo

Disse um dia o primo Mustaphá ao capitão Ali-Fendi:

— Se eu tivesse uma filha, dava-t'a com as minhas seis sétias e os meus quatro bergantins; mas tenho uma sobrinha, filha de minha irmã e de um renegado castelhano. É bella e virá a ser rica. Chama-se Fatima e demora em Oran. Por parte de seu pai é geração de fidalgos catalãos. O avô d'ella ficou captivo em Alcacer-Kibir, na jornada de D. Sebastião. Queres tu, Ali-Fendi, casar com minha sobrinha e serás rico por morte dos paes d'ella?

Ali-Fendi respondeu que iria a Oran ver Fatima e dar-se a ver á moura, entrevista necessaria ao negocio do casamento.

— Pois iremos — disse Mustaphá.

Foram.

Ali-Fendi, com o seu garbo e adereços de Boluco Baxi, teve graça nos olhos de Fatima; e ella,

trigueira e formosa como as dilectas de Salomão, abriu um sorriso de complacencia nos labios do ex-frade da observancia de S. Francisco.

Poucos dias passados, Fatima, impaciente e amorosa, entrou nos aposentos de seu tio Mustaphá com grande sequito de escravas e d'ahi foi á mesquita grande fazer a salá, ou oração, com Ali-Fendi. O Marabuto, á hora de dohor, abendiçoou-os e elles sahiram para uma das dez mil casas campestres que rodeiam Argel, o mais risonho e fertil torrão do mundo.

Ao matador de Mécia correram dez mezes de folgada e descuidada vida. O sogro enriquecera-o; o bachá levantára-o no posto da milicia. Fatima deu-lhe uma filha e morreu. Foi saudosa do marido, que a tractava com deferencias e lealdade, de que raras mouras se tinham gozado. Ali-Fendi chorou, com a creancinha aconchegada dos labios; e parece que n'aquelle beijo hauriu um sorvo de amor que lhe encheu o peito. Então é que a vida se lhe mostrou boa e deleitosa. Amava a filha, que se chamava Lindaraxa como a formosa de quem cantavam os romances granadis. Ia-se-lhe purificando o coração da peçonha do atheismo, ao passo que a menina florecia em graças de infancia. Cumulava riquezas sobre riquezas para ella. Ás vezes cuidava que existia Deus e temia-o, por ver que tinha de

seu aquelle amor, sobre que Deus ou os homens podiam vingar-se.

Na barbara e devassa Argel, o viuvo de Fatima gozava fama do mais honrado e doce caracter de homem. Os captivos de todas as nações abençoavam-no, porque elle, por mão da filha, repartia esmolas e alliviava o peso dos ferros, ou dava ar e luz aos encavernados nas masmorras. Remia alguns, e a outros, com perigo de sua vida, lhes abria ensejo de fugirem. Era a mão da filha que o ia levantando da sua voragem. Como a creança era pura, póde ser que a palavra de algum bom anjo lhe aquecesse os labios e este calor coasse ás entranhas glaciaes do homicida, que tirára de sua impunidade a prova negativa da justiça divina.

Ah! a vingança de Deus começava n'aquelle amor! Então é que Balthazar estava descobrindo o peito para o golpe e regenerando a sensibilidade para a expiação.

Dobaram-se os annos. Doze foram elles, e Lindaraxa tinha quinze e o pai cincoenta e tres.

Eram mortos os avós maternos d'ella e grande a riqueza de Ali-Fendi.

Um dia, Lindaraxa disse ao pai que desejava ver Portugal.

— Quem nos impede que lá vamos? — perguntou a moura.

O pai meditou e disse comsigo: «É verda-

de!.. quem me impede?! Nem meus proprios irmãos me conheceriam.»

— Pois sim, filha, — accedeu o renegado — iremos a Portugal.

N'uma alegre manhã mandou armar um bergantim e duas polacas.

Era em julho de 1712.

A moura, com suas escravas, e o pai, com um destro piloto captivo n'uma galera do Porto, sahiram ao largo, vogaram pelo Mediterraneo, que beija as costas da Hespanha mourisca, passaram o estreito de Gibraltar com favonios doces, como se os anjos lhes fossem palinuros; dobraram o cabo de S. Vicente e costearam as ribas portuguezas até ao cabo de Finisterra; depois, desandaram, ora velejando, ora em branda calmaria, até ás alturas de Vianna do Minho. Uma das polacas, durante a noute, como o vento picasse rijo e repentino, esgarrára da outra e do bergantim. O patrão d'ella vivera sempre em sétias de piratas; e, comquanto Ali-Fendi lhe recommendasse que a qualquer encontro içasse bandeira de paz, em quanto o não forçassem á defeza, o costume da piratagem pôde mais com elle. E, assim, como, arredados e fóra do tiro do castello, andassem colhendo as redes trinta e sete pescadores, o apaixonado da preza deu sobre elles e captivou-os para satisfazer ao despotismo da sua inclinação.

*

Assim que os navios se ajuntaram na altura de Espozende e Balthazar deu de olhos nos chorosos captivos, ordenou que saltassem á lancha e mandou lançal-os na praia. Em quanto ao arraes da polaca, reservou para melhor ensejo justiçal-o turcamente.

O bergantim pairou defronte do Porto. O intento de Balthazar era, fiado no piloto conhecedor da costa, desembarcar com a filha em trages europeus, deter-se no Porto algumas horas, jornadear no interior algumas leguas e n'uma noute aprasada voltar á praia, onde haviam de esperal-o os seus escravos de mais confiança. Ora o piloto convencionado fugira-lhes de noute em uma das lanchas, saltára em Mathosinhos, sua patria, e divulgára que um temivel corsario infestava a costa.

Eriçaram-se de soldados artilheiros as baterias do castello da Foz, assim que a nova chegou ao Porto. Os timidos e os prudentes aconselhavam Ali-Fendi a fazer-se ao largo e desandar.

O pai de Lindaraxa dizia que lhe agradava o andar costeando e vendo, mas de longe que fosse, terra e gente portugueza.

Uma noute, soprou rija ventania de mar, e as veleiras barcas, contra a força e arte dos destros mariantes, não venceram o impulso que as levava contra as penedias da barra.

Na desesperação de salvarem-se, Balthazar,

primeiro que todos desanimado, abraçou-se á filha, clamando com feminil angustia.

Ao romper o dia, abaixou o vento, quebrou o empolado das vagas, mas as correntes travessias impediam a voga rapida para longe dos tiros da fortaleza. Apenas uma polaca pôde guinar ao norte, em risco de se ir a pique nas restingas da costa.

Nascia o sol, quando do castello da Foz duas balas de artilheria bem apontadas avisaram os turcos do perigo: uma das balas chegou tão ao alcance de uma lancha, que levantou com embate na agua uma chuva, que molhou os remadores.

Comquanto o tenente-governador do castello e um historiador portuguez do facto entendessem que os navios andavam apresando pescadores, a conjectura errou. A lancha levava ordens de Ali-Fendi á polaca desgarrada para que se viesse ajuntar á outra; e os pescadores, que por alli estanceavam, comquanto, no dizer do historiador, rebentassem á força de remar para terra, de assustados e não de perseguidos é que renderam.

Continuou a trabalhar a artilheria com peças de bom calibre.

Balthazar conduzira a filha á sua camara, assim que as primeiras balas chofraram á flor de agua. Porém Lindaraxa, curiosa de ver a fumarada das baterias e cuidando-se já ao abrigo das balas, subiu ao tombadilho e disse:

— Aqui estou, meu pai. Venho ver... Não ha perigo, não?

— Não: as balas já aqui não chegam—disse elle, quasi a salvo d'ellas pela defeza do cabedello.

Ora, no momento em que a filha se assentava sob o pavilhão da prôa, uma bala de artilheria a levou contra um dos bordos e morta a deixou.

Balthazar, quando cahiu de braços abertos sobre o cadaver, ia como cego, mas nas trevas de seus olhos fulguraram umas lettras de fogo, com as quaes elle formou a palavra EXPIAÇÃO.

A justiça de Deus, para ser na severidade egual á misericordia, devia ser aquillo: matal-o no que lhe era mais vida que a existencia propria.

O caso foi depois assim referido por frei Claudio da Conceição no *Gabinete historico*:

«Os corsarios da Barbaria, frequentando mui«tos dias a costa da cidade do Porto, captivaram na «de Vianna trinta e sete pessoas, que colheram «pescando, fóra do tiro das fortalezas. No dia qua«tro de agosto, sahindo, ao nascer do sol, ás mura«lhas do castello de S. João da Foz o tenente-go«vernador d'elle Antonio de Almeida de Carva«lhaes, e divisando por entre uma nevoa tres navios, «dous para o sul e um para o norte; reconhecendo «com o parecer do piloto da barra serem de guer«ra e turcos; e que a lancha de um d'elles andava

«já entre os nossos pescadores e podia fazer n'el-
«les uma grande preza, mandou dar fogo a uma pe-
«ça sem bala para signal de que andava inimigo na
«costa e logo lhe fez assestar duas com bala, a
«que elle mesmo poz a pontaria com tão bom suc-
«cesso, que uma lhe lançou agua dentro: o que bas-
«tou para elles suspenderem a voga e se fazerem al-
«guma cousa ao mar. Os pescadores, que já es-
«tavam debaixo dos tiros de mosquete dos infieis,
«animados com este favor, começaram a remar
«com tanta força, que muitos renderam e outros
«lançaram sangue pela bocca, mas escaparam da es-
«cravidão, abrigando-se com a nossa artilheria, que
«não cessou de laborar contra os mouros. Os bar-
«cos, que estavam para a parte do sul, e com a
«nevoa não podiam ver a lancha, seriam sem du-
«vida preza dos infieis, se o mesmo tenente não
«mandasse passar soldados e gente da terra á outra
«parte do cabedello para lhes assistirem; porque,
«como d'alli se achavam os mouros sem receio da
«nossa artilheria, podiam sem difficuldade chegar a
«captival-os junto da terra.» (*)

No maximo da noticia, frei Claudio da Conceição folgou de se deixar enganar por outro frei Claudio, a quem o governador mentiu para encarecer a façanha de atirar algumas dezenas de balas razas

(*) Tom. 7.º, pag. 277-279.

sobre tres navios inoffensivos, sem caracteristico de bellicosos.

O que nem governador, nem archivistas da proeza souberam foi que alli mataram a mais formosa moura de Argel e que uma bala dos armazens do castello de S. João da Foz tinha mysterio de alto decreto, porque nos faz lembrar e faria lembrar tambem a Balthazar Pereira da Silva que D. José de Noronha e D. Mécia de Sampayo tinham sido assassinados com bala.

Mas que crime tinha a innocente menina, — christã ou moura, não nos importa saber o que era — que crime tinha a innocente...

Se a gente soubesse destrinçar estes mysterios, não diria tanto a miudo: «Secretos juizos do Altissimo!»

XXXIV

CONCLUSÃO

No meado de janeiro de 1713, a serra do Alvão, coberta de alta neve, estava intransitavel. As barrocas e fossos cavados pelas enchurradas da chuva pareciam indistinctos dos espaços chãos da fragosa montanha. As aldeiinhas esparsas nos concavos e lombas do Alvão a custo se estremavam do branco da neve que lhes cobria os colmados e rodeava as paredes das cabanas. O signal de vida, que dava o povoado, era sómente a columna pardacenta do fumo, que sahia d'entre o colmo, e logo se ajuntava ás nuvens descidas como enormes castellos esboroados e fumegantes dos topos dos outeiros.

Lá, n'aquelle pedaço de tristissima terra, o pobre agricultor de algumas razas de anazado centeio ou o carvoeiro da raiz do sargaço, mais feliz que o lavrador, fecham-se nos seus tegurios, defendendo-se assim das alcateias de lobos, que lhes véem

agadanhar á porta, farejando a rez que está dentro balando de fome.

N'um d'esses dias, pois, ao cahir da noute, que a escuridão da tarde fizera principiar ás tres horas, um homem de idade, ao parecer muito avançada, com longas barbas alvejantes como o chão que trilhava, pediu pousada á porta da mais pequena casa de uma das aldeias do Alvão, chamada Bustêllo.

Agazalharam o velho, que tiritava, bem que, afóra a cosinha, o tegurio apenas tinha, dividido d'ella por um degrau de lousas sobrepostas, um pavimento terreo com uns bancos sobpostos a uma caniçada, que era o leito do carvoeiro, cujo hospede ia ser o antigo senhor da casa das Olarias.

O viandante acceitou a agua quente com as couves cozidas, que lhe offereceram, e sentou-se a comel-as no escabello, limpando a cada instante os olhos chorosos por effeito do fumo acre da lenha.

— Vocemecê, — disse o carvoeiro— se batesse á porta do João da Bouça ou da tia Maria do snr. vigario, achava melhor ceia e cama, que lá sempre ha um bocado de toucinho e uma pinga lá debaixo das Olarias. Eu cá sou pobre, e, emfim, isto que tenho de boa feição o dou; mas de dormida, o que posso fazer é ir pedir uma manta, e vocemecê embrulha-se n'ella e no seu gabão, e fica ahi n'esse escabello com a fogueira no lar, que lenha ainda ahi ha uns graba tos.

— Não peça a manta, que eu remedeio com o meu gabão.

— Isto são terras muito pobres e desgraçadas, senhor! — disse a mulher do carvoeiro — Não nascemos cá; mas, por desgraça nossa, viemos aqui dar para ganhar um migalho de pão azedo. Vocemecê ha-de conhecer o snr. fidalgo das Olarias, o snr. morgado que foi depois, que o outro anda a prégar aos hereges lá pelas terras de Christo... Conhece vocemecê?

— Tenho ouvido fallar d'essa pessoa.

—Mas não sabe que anda por ahi a pedir o fidalgo que ficou morgado, quando o outro se metteu frade?

— A pedir?! — perguntou Balthazar com espanto e commoção.

— A pedir... Deu cabo de tudo o que lhe deixaram de uma demanda que elle perdeu. O vinculo levaram-lh'o outros fidalgos lá de Cabeceiras. O que eram bens livres tudo se foi! E vai o fidalgo começou a tomar-se do vinho, a ver se esquecia a sua desgraça, e então é que perdeu amigos, parentes e tudo. Agora o que lhe vale é a caridade dos bemfeitores!.. Quer vocemecê saber o que elle fez? Quando já lhe tinham tirado a casa, foi-se a ella, pegou-lhe fogo nos palheiros e ardeu toda! E vai ao depois esteve preso em Villa Real tres annos e tres mezes; e, se não fosse um santo fradinho, chamado elle o snr. frei Antonio de Christo, que

era muito amigo do snr. Balthazar Pereira, o fidalgo ia para as galés por toda a vida.

— Quem te viu, casa das Olarias, e quem te vê! — exclamou o carvoeiro.

— Deixa-me contar, Zé — atalhou a mulher á exclamação do marido. — E vai depois, como eu lhe ia dizendo, nós eramos criados lá da casa das Olarias. Ainda me lembra muito bem do snr. morgado Balthazar... Que moço tão bonito e fero! Eu era moça das ovelhas; e este meu Zé andava lá na loja dos cavallos a serrar palha. Já nossos avós tinham casado nas Olarias, e nossos paes... sim, quero dizer os paes meus e os do meu Zé, bem me entende. E vai ao depois, sahimos todos, quando o fidalgo cahiu em pobreza, e viemos para aqui com dous bégueiros que compramos para andarmos com o carvão para Villa Real.

— E por onde costuma andar o vosso amo que foi? — perguntou o hospede.

— O snr. Gonçalinho? Quem sabe lá? Ha cousa de mez que meu homem o topou na serra do Mesio, quando vinha de vender o carvão. Deu-lhe um pedaço de bacalhau crú e um bocado de pão. Perguntou-lhe se havia algumas novas do snr. Balthazar, e elle poz os olhos no céu e disse: «Já lá deve estar ha muito!» Perguntou-lhe tambem onde ia; disse que ia matar a fome com as esmolas de frei Antonio de Christo.

— Olhe, senhor... que não sei como é a sua graça... — interveio o carvoeiro.

— Deixa-me contar — tornou a mulher, acotovelando o resignado esposo. — Elle, se não fosse a pinga, ainda podia levantar cabeça, mas aquillo é uma desgraça! quanto pilha quanto bebe! Eu ouvi contar ao snr. reverendo vigario que um frade de S. Francisco, que aqui veio de missionario, lhe disse que o tal santinho frei Antonio lhe dava tres cruzados por mez, d'este dinheiro novo que anda agora. Ai, senhor! quem pilhára trés cruzados por mez, que, em menos de seis annos, havia de grangear terras minhas! Nós trabalhamos de dia para o comer de noute. O meu homem anda alli derreado das costas, salvo tal lugar, de puxar ao enxadão, e eu trago as mãos como vocemecê vê; pois entra e sahe o anno de Deus sem que n'esta casa entre meio quartilho! Estamos ha mais de dezoito annos, que os faz pr'ás castanhas, a queimar covas de carvão, e até agora só podémos amanhar um migalho de dinheiro com que compramos um todo nada de monte lá no picoto da serra, e fiz sangue nas mãos a arreigar-lhe o tojo para lhe semear centeio, que me rendeu quatro razas e uma quarta!

— Quer vocemecê vender-me essa leira lá no picoto da serra? — perguntou Balthazar.

— Queres tu ver que este senhor está a mangar? — disse a mulher ao marido.

— Não estou mangando, mulher — tornou o hospede. — Quanto deu pelo seu montado e quanto quer que elle valha agora?

— Démos... alli está o recibo na arca. Vai em cata d'elle, Maria — disse o carvoeiro.

— Diga, sem me fazer ver o recibo — instou Balthazar.

— O monte custou do dinheiro moderno seis cruzados.

— Quer vocemecê trinta cruzados pela sua leira?

O carvoeiro riu-se e exclamou:

— Com trinta cruzados vai vocemecê comprar a melhor veiga da tia Maria do snr. vigario! Vocemecê... ha-de perdoar, mas não regula bem do miolo!

Balthazar abriu uma bolsa, contou trinta cruzados em duas moedas de ouro de quatro mil réis, com o restante em prata, e disse:

— Aqui está o preço do seu campo, snr. José. E, por minha morte, voltará a ser seu.

Os montanhezes encararam-se estupidificados; e, depois de se estarem assim pasmados um no outro, olhavam alternativamente já para o hospede, já para o dinheiro.

Em seguida, Balthazar levantou-se, poz as mãos, orou e pediu aos hospedeiros estarrecidos que o deixassem passar pelo somno.

Quem não dormiu foram os vendedores da leira.

Ao repontar da manhã, ergueu-se o hospede de sobre a tabua do escabello, aproximou-se de uma fresta do postigo, ajoelhou e rezou, pelo breviario de franciscano, matinas e laudes.

Nasceu brilhante o sol n'aquelle dia. Balthazar pediu que o levassem á sua propriedade; subiu uma ingreme encosta e achou-se n'um tezo coberto de neve, sem demarcações viziveis.

— O combro deve estar por aqui — disse o carvoeiro.

— Bem. É bastante.

E, dizendo, Balthazar estendeu um olhar lagrimoso por aquelles horisontes circumpostos e recortados de fragarias, que todas lhe traziam á lembrança a sua vida de caçador.

Desceu do vizo da serra, acceitou um almoço de caldo melhor adubado que o da ceia, graças á opulencia da esposa do carvoeiro, que deu quatro voltas na aldeia até encontrar toucinho.

E despediu-se, beijando a mão negra do trabalhador.

Dias depois, quando as neves principiavam a derreter-se, o carvoeiro viu o comprador da sua leira subir a ladeira, acompanhado de um frade de S. Francisco.

Ao tempo que o carvoeiro se aproximava d'el-

les, o homem das grandes barbas brancas acenou-he de mão, como quem o mandava retirar-se.

—Aqui ? !—perguntou frei Antonio de Christo.

—Aqui.

— Pois Deus não poderá ver as tuas lagrimas n'outra parte ? A penitencia ha-de ser por força um suicidio ?

— Sou o mesmo homem de ferro nas resoluções más e nas boas.

Frei Antonio abraçou-o a chorar e tartamudeou :

— E tu és Balthazar Pereira ?

— Esse fui. O que aqui está é uma cousa sem nome. É a fera que procura a sua furna.

— E aqui virei ouvir a tua vida ?

— Em confissão, imagem de Deus misericordioso. Homem santo, só de tua bocca poderei ouvir e crer que não está perdida a minha alma. Antes d'isso, cumprirás o meu pedido ?

— Sim, meu irmão. Repete-me os artigos das tuas disposições.

— Receberás em Lisboa os meus bens de fortuna no escriptorio do francez a quem vem dirigida a carta de Argel. Procurarás meus irmãos, que são tres, se todos vivem. Ao que mendiga dá-lhe casa e abundancia. Não o deixemos morrer, porque a desgraça o fez ebrio. Antes de ser palpado pelo infortunio, era honrado e honrador do bom nome de

seu pai. Aos outros meus irmãos, que vivem por casa de parentes, dá-lhes o necessario para a independencia. Compra em nome d'elles a casa onde eu nasci, as paredes restantes do incendio. Arraza as paredes e levanta um templo, da invocação do Senhor Jesus dos Perdões. Se eu sobreviver á sagração do templo, o ministro do culto e manutenção dos altares, no sacrificio da missa, pedirá, á epistola, aos assistentes que peçam ao Senhor se amerceie da alma mais necessitada de contricção. Se eu tiver fallecido, seja a prece pela alma mais necessitada de misericordia. Dos bens, que licitamente adquiri, me darás um pouco de dinheiro cada mez para acudir a estes pobrinhos da serra. Vai, santo, que vivias á minha espera, vai onde topes um jornaleiro que me levante aqui a pedra do meu leito e um tecto de colmo, porque é preciso que eu viva. Se eu chamar a morte, não terei tempo de chorar as minhas culpas. Um mal disfarçado suicidio seria o meu ultimo crime.

— Só Deus sabe a tua vida, Balthazar. Ninguem te conhece. Vem para o teu convento. Vamos para outro mais austero. Eu farei que se nos abram as portas do Varatojo.

— Não. Respeita a mão de Deus, que me trouxe aqui.

Debulharam-se em lagrimas um nos braços do outro.

E ao meio dia separaram-se.

Balthazar pediu por alguns dias a tigella do caldo e o escabello ao carvoeiro.

Lá em cima, dous pedreiros e um carpinteiro construiam uma cabana, entretanto. Os aldeãos de Bustêllo apinhavam-se á porta do José Carvoeiro, contemplavam o ancião e diziam uns com outros:

— É santo.

A choça concluida era imitante a uma que o mancebo gentil e apaixonado, de alcunha o Nemrod transmontano, vira na matta do Roboredo, vinte e seis annos antes — a cabana do beato eremita Francisco de Jesus.

Entrou o apregoado «santo» na sua propriedade, e tomou ao serviço da sua casa o carvoeiro e a mulher, os quaes elle deixára mocinhos na casa de seu irmão. Duas vezes por dia, á volta de uma lage contigua da choça, se reuniam os carecidos de pão e caldo, iguarias unicas de sua meza. Comia com elles, orava conversando, dizia palavras chans aos pobrinhos, que lh'as entendiam.

Lá em baixo, sobre as ruinas das vastas casas das Olarias, erguia-se uma alterosa egreja. Um frade de S. Francisco era o inspirador dos alveneis, apenados ás centenas de longes terras com grande estipendio.

Frei Antonio passava os dias santificados com

Balthazar; e os outros nas obras, que pareciam prodigiosas no crescimento.

Volvido um anno, o homem, já chamado pelo povo o «santo da montanha», desceu á ribeira e ajoelhou fóra do templo. Lá no interior erguia-se a hostia nas mãos convulsas de frei Antonio.

Consummado o santo sacrificio, voltou para a choça; e outras muitas vezes tornou ao templo, sem nunca transpor o limiar da porta. Não se confessava em publico, á imitação dos antigos penitentes; mas, com a face em terra, confessava-se a Deus.

Um dia, frei Antonio de Christo sahiu fóra, levantou-o pelo braço e disse-lhe:

— Entra. Manda o Senhor dos Perdões que entres.

E, guiado pela mão do inspirado do Senhor, ajoelhou no arco da capella-mór e recebeu o pão sagrado.

O templo desbordava de povo.

Entre a multidão estavam tres velhos encarando com grande devoção no santo da montanha.

Frei Antonio, ao perpassar por elle, disse-lhe em segredo:

— Aquelles são teus irmãos.

Balthazar acercou-se dos irmãos e disse-lhes:

— Filhos de uma santa mãi! pedi-lhe que peça a Deus por mim!

Não o comprehenderam, mas ajoelharam. Bal-

thazar abraçou-os muito commovido e foi caminho da serra.

O povo seguia-o e adiantava-se para o verem passar do cabeço dos outeiros.

E elle, atravessando por entre as turbas, dizia:

— Orai por mim!

Ajoelhavam-se a beijar-lhe a fimbria do habito de penitente, e elle, affastando com brandura as faces dos adoradores, dizia:

— Orai por mim, filhos!

Frei Antonio de Christo, a cargo de quem ficára o templo, foi uma noute chamado a Bustêllo.

Subiu a serra e chegou com a luz de uma aurora de agosto á cabana.

Balthazar estava prostrado, de bruços, com a face posta nas mãos e as mãos ajustadas á pedra do travesseiro.

— Morro... — murmurou elle - Acabei... e estou condemnado!

— Deus de misericordia! condemnado! — exclamou o religioso.

— Condemnado... porque...

— Porquê, desgraçado, que duvidas da misericordia de Jesus Christo?

— Condemnado!.. Não a vês alli?

— Quem?

— Alli! — exclamava elle com roucos arrancos – Alli!.. Olha!.. Mécia...

Frei Antonio ajoelhou e bradou com vehemencia:

– Meu Deus! mostrai-lhe antes a vossa divina face!

E, tomando-lhe o pulso, disse as orações da agonia.

O moribundo fitou-o com os olhos nublados e murmurou:

— Tu me salvarás... Pede ao Senhor...

Os paroxismos foram curtos. Pendeu a cabeça ao seio do frade e arrancou da vida.

Frei Antonio sahiu, lavado em lagrimas, á porta da cabana e disse:

— Morreu!

Ergueram-se centenares de vozes n'um chorar alto, que as montanhas d'além repetiam.

— Morreu o santo! — conclamavam todos.

Lopo Vaz tinha morrido quinze annos antes. Foi a velhice que o não deixou ver perfeitas as torres do governador da India. A tragedia consummada na morte da filha seria golpe mortal, se os cuidados de arrancar a casa das garras dos credores o não distrahissem.

João Dornellas andava em refesta juridica com o successor do vinculo para que o embolsasse de trinta mil cruzados que sua defunta mãi emprestára ao irmão. Esperava-se que os do Funchal perdessem, á mingua de titulos.

O reitor do collegio de S. Bartholomeu não se foi d'este mundo sem deixar casado o viuvo de D. Mécia com uma fidalga dos Zarcos da Madeira.

Salvador Teixeira, a pessoa mais sensata d'entre os personagens amorosos d'esta narrativa, perdeu a fé nas mulheres; e, para não perder a esperança, amou todas as parentas, e, por caridade com todas, não casou com nenhuma.

O capellão da egreja do Senhor dos Perdões viveu ainda quinze annos e só deixou de rezar a sua missa diaria por alma de Balthazar quando tomou a communhão como alimento para a grande viagem ao reino de Deus.

Foi enterrado na mesma sepultura do seu amigo, á entrada do templo. As cinzas d'aquelles dous homens crucificados sabemos que estão alli.

E mais nada. A piedade conjectura que Balthazar se salvou. Eu não conjecturo cousa nenhuma, porém a Deus nada é impossivel.

Fim